

Irene Lisboa foi uma personalidade literária cuja actividade abrangeu domínios tão diversos como a novela, a prosa confessional de cariz autobiográfico, o conto infantil, a poesia, a crónica e o ensaio pedagógico. A sua obra, fortemente inovadora e original, tem no entanto sido relegada para um esquecimento a que talvez não seja estranha a ousadia das suas propostas. É essa lacuna que a Presença vem preencher, ao reeditar integralmente a obra de Irene Lisboa. A organização dos volumes que integram a obra de Irene Lisboa é da responsabilidade de Paula Morão.

Narrativa centrada na situação pessoal que a autora rememora, esta obra é também o retrato de uma certa sociedade portuguesa na transição do século XIX para o século XX. A vida na grande casa da quinta onde decorre a infância e a adolescência da heroína revela um universo disfórico que a narradora tenta transfigurar através da escrita. *Voltar atrás para Quê?* constitui uma obra fundamental para se entender o percurso da escrita da autora.

1. Poesia I – Um Dia e Outro Dia...
Outono Havias de Vir
2. Solidão
3. Começa Uma Vida
4. Voltar atrás para Quê?



INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DO LIVRO

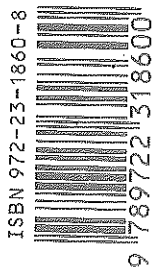
Publicação patrocinada pelo Instituto Camões e pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



INSTITUTO
CAMÕES

PREÇO 1 750\$00
IVA INCLUIDO



ISBN 972-23-1860-8

9 789722 318600

IV

voltar atrás para quê?

OBRAS DE IRENE LISBOA

OBRAS DE IRENE LISBOA

voltar atrás para quê?

 EDITORIAL
PRESENÇA



VOLUME IV

VOLTAR ATRÁS
PARA QUÊ?

OBRAS DE IRENE LISBOA

VOLUME IV

VOLTAR ATRÁS
PARA QUÊ?

Organização e Prefácio
Paula Morão

EDITORIAL  PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *Obras de Irene Lisboa — Volume IV*
Voltar Atrás Para Quê?

Copyright © by Maria Inês Gouveia, Maria Joana Hespanha, Maria João Baptista e Editorial Presença, Lisboa, 1994

Organização e Prefácio: *Paula Morão*

Capa: *Sector Gráfico da Editorial Presença*

Fotocomposição, paginação e fotólitos: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Guide — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, 1994

Depósito legal n.º 74 012/94

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Rua Augusto Gil, 35-A 1000 LISBOA

PREFÁCIO

*Um único bem possuía,
uma riqueza, a imaginação*

Voltar atrás para Quê? foi primeiro publicado em 1956, estando o texto balizado no final por uma datação — «Abas da Estrela, 1954». Estas circunstâncias importam-me aqui para verificar duas coisas, a saber, que se trata de uma obra do fim da vida da autora de Solidão (nascida em 1892, Irene Lisboa, virá a falecer em 25 de Dezembro de 1958), e que a sua publicação dista de catorze anos de Começa Uma Vida, de 1940¹, novela que narra os anos da infância de uma personagem que reencontramos agora nos seus treze anos (cf. p. 22) e acompanharemos até aos dezoito (cf. p. 134). Nestas duas novelas se contém o essencial do núcleo autobiográfico da obra de Irene Lisboa. Porém, nelas se traça também o retrato de uma certa sociedade portuguesa na transição do século XIX para o século XX: é o quadro da vida de uma casa de lavoura na zona saloia, com o seu regime patriarcal e as suas figuras tutelares — o pai da protagonista, a madrinha (a quem a quinta pertence e que dela e de outros bens, com o avançar do tempo, vai sendo espoliada; cf. p. 109); nas margens desse mundo estão as criadas e outros habitantes da quinta, bem como personagens de aparição mais fugaz mas de relevante papel, como o Arménio que veremos surgir nas últimas páginas.

¹ Esta novela constitui o volume III destas *Obras de Irene Lisboa*, com data de 1993.

E, claro, não se esqueçam aquelas que o texto reúne no epíteto violento de «cadelas» (p. 22 e passim) — D. Adélia e Esperancinha, as «adventícias» já anunciadas no final de Começa Uma Vida; pela sedução do velho Major Pais, o pai da narradora, elas vão progressivamente tomando posse dos bens deste, e desenvolvem uma bem sucedida intriga que não só excluirá da herança a sua filha adolescente, como a porá cada vez mais à margem de um pai enfraquecido, deixando-a escorraçada, denegrada e privada até do nome que usava e para ela simboliza uma pertença e uma raiz. O retrato de época, centrado embora na situação pessoal que a narradora rememora, toca vários cambiantes: a vida na grande casa da quinta com seus ritos e ordenação, as relações entre senhores e criados, o papel das mulheres no pequeno mundo do quotidiano, as aspirações pequeno-burguesas ligadas ao modelo citadino de hábitos, modos de vestir e estar, a função social da educação, nomeadamente a das raparigas; lembre-se a este propósito que a protagonista, educada em colégios (como se lia em Começa Uma Vida e aqui se confirma), interrompe os estudos durante o período agitado de quase dois anos («Nem dois anos tinham sido, vinte meses», p. 21) que é o núcleo principal da história contada, vindo a retomá-los no liceu em Lisboa, quando para lá é enviada na sequência dos acontecimentos. A sua educação é assim, no período crucial da adolescência, feita ao acaso («tudo isto lhe era permitido, enfim, porque vivia ao deus-dará, abandonada, e era tida como um ser vicioso e desprezível», p. 33), sofrendo deformações que adiante tratarei.

Há algumas diferenças entre as duas novelas, como a alteração dos nomes das personagens (que se me afigura pouco importante) ou questões de técnica narrativa; a mais interessante e rica de consequências será, porventura, que, enquanto no texto de 1940 a narração se faz na primeira pessoa, agora a narradora se escuda na distância da terceira pessoa, que no entanto é subvertida constantemente por marcas emotivas e de discurso directo, mostrando como é problemático para ela manter a neutralidade. Isto está expresso, por exemplo, no modo como o sentido do título se dissemina ao longo do texto: Voltar

atrás para Quê? interroga, pondo-a em causa, não só a utilidade da rememoração como a da escrita que lhe dá corpo; é o que mostram as páginas sobre as «bagatelas (...). Que só lhe podiam interessar a ela» (p. 62; cf. também as pp. 95 e 120), à distância de quase cinquenta anos desse tempo lembrado (cf. pp. 35, 51 e 95). Ora o que torna premente a necessidade de acabar de contar uma história traumática, de que os episódios mais antigos ficaram no livro de 1940, é o carácter de latência dolorosa da ferida em que assenta toda uma vida, como se lê em passagens assim: «Hoje, em que tudo desapareceu da sua vida, e se vê aleijada, e não pode ter a mínima confiança em si própria nem sequer nos outros, ainda se acha capaz de sorrir, que é o que está fazendo, às loucuras da sua incipiente imaginação» (p. 93). «Aleijada» é o termo, que outros fragmentos retomam (e que se dissemina em toda a obra de Irene Lisboa), para designar o prolongamento infinito da dor nunca sanada.

Será a escrita uma cura possível, uma satisfatória restituição da paz àquela «criança que chegou a velha (...) com os segredos da sua infância e da sua atormentada adolescência inviolados, recalçados» (p. 20)? Eis o ponto em que entronca o problema da escrita como memento, mas também os paradoxos disso: é o que se lê nas dúvidas sobre a fidelidade do que se escreve à verdade que se quereria estabelecer, nos fragmentos em que se reflecte sobre o que é romancear. Às vezes parece haver alguma segurança quanto à eficácia da escrita («Estará romanceando? Parece-lhe que não. Tudo se passou tal qual», p. 47), mas noutras o romancear surge com funções que afirmam o eu distanciado e crítico — escreve-se para «entretenimento» (cf. pp. 63-4, 74, 83, 95), ou para «ajustar contas» (p. 64), ou ainda para «entender, melhor que há perto de cinquenta anos, talvez, a importância de tais bagatelas (...). Arrimando-se à memória, à insuficiente, infiel memória» (p. 95).

Várias consequências daqui decorrem para o estatuto da escrita em Voltar atrás para Quê?, mas saliente-se agora uma delas — a valorização da palavra. A descoberta do seu carácter lúdico radica precisamente nos tempos de angústia e de provação, em que a narradora solitária se revê brincando a

descobrir nas palavras nexos para a constituição de um mundo outro, ficcional, que se contrapõe à negatividade dominante (cf., v. g., p. 88); as palavras são um bem simbólico, se não mesmo o único bem, nesse universo de escassez, como mostra o fim do fragmento em que se recorda o desprezo de Esperancinha por uma pulseira de ouro da enteada: «As suas mais preciosas jóias, que nunca poderá alienar nem perder, são, a bem dizer, palavras. Gosta tanto delas (...) como em criança» (p. 89). Assim é que as palavras podem combater o tempo predador e o negrume do passado evocado, o qual transfiguram em «vozes do tempo (...) que lhe pareciam vir da eternidade e ser conchegadoras» (p. 40). Ou então as palavras dão sentido ao que fica da vida, e fazem da recordação derramada nas páginas «um testamento de recordações» (p. 74), modo possível de combater a pulsão de morte omnipresente na novela, como o foi na adolescência a escrita de um diário (cf. pp. 99 e 125). Voltar atrás para Quê? é, portanto, um livro de memórias e sobre a memória, as suas funções e utilidade, mas da memória de um sujeito que se busca a partir de uma ferida mortal.

De facto, e ainda na sequência do já contado em *Começa Uma Vida*, a identidade radica numa matriz duplamente negativa: a orfandade simbólica e a bastardia. Tomemos primeiro as referências à orfandade: «Pobre dela! Tivera a má sorte de nascer por ali, de perder pai e mãe» (p. 25) é uma passagem que exemplifica as ocorrências do tema, disperso em todo o livro. Mas há que considerar diferenças relevantes quanto às figuras materna e paterna. Assim, do pai a criança afasta-se e vê-se afastada pela «crueldade das adventícias» (p. 25), até se chegar à recusa dele em a receber narrada nas últimas páginas e ao seco resumo do fim da relação entre os dois — «Nunca mais se viram e deserdou-a» (p. 51). No entanto há recordações felizes (v. g., p. 57), há consciência de que a separação é obra de outros (como prova o culminar disso na cena da página 87), e até mesmo a de que o qualificativo de monstro que em certos episódios o pai lhe dirige (cf. pp. 36, 42 e 54) vem de situações urdidas por D. Adélia para denegrir a

seus olhos a imagem da filha. E depois há o espelho incómodo que devolve à adolescente, nos seus traços fisionómicos, os do pai (cf. p. 131), por sua vez suscitando a questão de uma ambiguidade sexual que perturba e dói; «devias ter nascido rapaz» (p. 123) é frase que confronta Açucena com essa fractura, que, mais do que referência às vantagens sociais de se ser homem naquele tempo, é de notar por se enquadrar no desconforto íntimo e na brutalidade de tudo o que respeita ao sexo, como adiante veremos.

Por sua vez, a história da mãe acentua a orfandade mencionada, como vão contando os primeiros fragmentos (cf. pp. 22-23, 25, 34 e 90) e é retomado no fragmento das pp. 90 a 92, cruciais a este respeito. Aí se confirma aquilo que o leitor de *Começa Uma Vida* já sabe: a camponesa mãe da protagonista não morre, antes desaparece, abandonando as filhas em circunstâncias pouco claras para estas, então crianças muito pequenas. O seu nome surge agora, composto, como a sua história, pelas narrativas que a filha vai ouvindo e cerzindo — Maria Catarina, por reveladora antonomásia dita a «desaparecida» (p. 90) ou «a fantástica» (p. 92); assim, rodeia a personagem, na cabeça da filha que mentalmente a reconstitui, uma fantasmatização que, aliás, a vox populi faz ecoar («as vozes [do povo] é que soaram por muitos anos. Perdurando sempre o mistério da sua desapareição», p. 91), impedindo o luto e a pacificação interior. Sobretudo porque, ao contrário do que sucede com a madrinha em *Começa Uma Vida*, não há nesta novela nenhuma personagem que desempenhe o papel de mãe de substituição, pelo que a adolescente fica entregue a si própria e à exacerbada consciência do abandono.

Neste contexto é que surgem avaliações retrospectivas como esta: «Não tinha pai nem mãe, nem tinha quem a amasse, quem a vestisse, quem a endomingasse, como as outras raparigas; era uma pária» (p. 60). «Pária» é, pois, uma identificação simbólica que está associada à bastardia, tornada evidente pelo epíteto de «filha do José da Agrela, filha das ervas» (p. 22; cf. pp. 34, 55 e 65-66) ou pelas suas consequências legais, que estão na base dos episódios dramáticos do desfecho

da novela (cf. sobretudo as pp. 117 e 138). Mas «pária» é também a condição daquela que se vê condenada a uma errância em busca do seu lugar primeiro, não porque o desconheça ou dele se haja perdido — antes por, nos termos da história contada, dele ter sido privada e, mais, escorraçada.

Esta difícil rememoração dos primórdios do eu ganha maior força quando a associamos à história de um crescimento pouco saudável, já que a rapariguinha se vê e é levada por outros a ver-se como «alma suja» (p. 38), sobretudo em tudo o que se refere ao sexo. A auto-estima da adolescente deprimida desce muito baixo (por exemplo: «Por orgulho, por vergonha e timidez deixou-se andar rota, e fugia cada vez mais de casa. Não fazia a cama nem os despejos; resistia, acanhava-se»; p. 36), num contexto em que a sua privacidade e os seus segredos são violados, sobretudo por D. Adélia (cf. pp. 29, 32, 37, 72 e passim). Ao mesmo tempo, é obrigada a defrontar sozinha e em silêncio a aflição da primeira menstruação, o que é contado com uma intensidade e uma violência de que não conheço paralelo na nossa literatura: «Mudou de idade sob tormentos. Levantava-se das cadeiras encharcada em sangue e ninguém a socorria. (...) Roubava trapos; fecharam-se-lhe as gavetas à chave. Tudo em silêncio, sempre.» (p. 29).

Depois haverá a história do Júlio Brás, o namorado para que é empurrada e aceita sem saber bem porquê (já que reitera a «repugnância» que ele lhe desperta; cf. pp. 96 e 101), talvez esperando algum afecto; numa sequência de episódios conduzidos por D. Adélia, insinuando junto do pai de Açucena uma relação e um aborto que nunca existiram, ela acabará por ser irradiada da quinta, passando a viver em Lisboa com a madrinha, num interregno feliz que será cortado pelo desfecho, afastando de vez a jovem do seu arremedo de família. Há nesta aprendizagem dolorosa um acentuar do carácter sujo do sexo, importante componente da constituição do eu e da deceptividade que subjaz à solidão, estigma que não mais largará a vida e a obra de Irene Lisboa; a insinuação do aborto aos catorze anos (cf. pp. 113-14) e a sugestão do incesto entre pai e filha, posto na boca brutal

de D. Adélia (p. 123), são os elementos mais agudos disso, mas muitos outros se acumulam ao longo de todo o texto.

Em semelhante quadro decorre uma adolescência feita de medos, segredos, revoltas, auto-denegação e culpa, como resume esta passagem: «sentia-se culpada de vagos crimes, de inconfessáveis intentos, de pensamentos impuros, aspirando ardentemente à purificação e aos êxtases» (p. 115). Não surpreende muito que isto esteja paredes meias com o tema da morte, através de uma pulsão suicida que percorre o texto. Veja-se por exemplo o amor fantasmado pelo vizinho que a faz sentir-se «tão alvoroçada e cativa dele que só a ideia da morte a consolava. Morrer, morrer (...)» (p. 124), ou a depressão sentida pelos dezasseis, dezassete anos («uma terrível crise moral, inexplicável, deprimente, a assaltou»; p. 130); e notem-se os muitos sintomas desse estado dispersos em todo o texto, nomeadamente nas páginas em que a protagonista se entrega ao prazer/dor do isolamento e cultiva a tristeza (v. g., pp. 35, 39, 45 e passim), de que cito este fragmento exemplar: «A melancolia das coisas, as suas aparências magoadas, tomavam-na. E começou verdadeiramente a gostar de ser triste» (p. 126).

Considere-se ainda outra vertente da temática da morte — o suicídio. Trata-se de uma obsessão que repete no subconsciente da rapariga o presumível destino da sua mãe, mas que se limita ao plano mental da auto-destruição; em situação de desespero, passando junto de um poço, «pensava como se a ele se tivesse atirado» e acrescenta: «Enfim, pela primeira vez, quiçá, se matou mentalmente afogada em silvas e ortigas» (p. 55). Num outro fragmento, em que o suicídio é posto a par do amor e do incesto (cf. p. 131), é ainda mais evidente o confuso e complexo plano em que emoções e afectos foram crescendo. Extensão disso é ainda a transfiguração simbólica da escrita e da memória em instrumentos da morte difusa do passado, que na mente se deposita como num sepulcro aberto: «Aquela idade perdida, aquela gente, aquele tempo à força de os querer fazer reviver mata-os, matá-los-á, sem dúvida. Não há já palavras para eles, nem gramática válida. Perderam-se.» (p. 96).

Num universo tão marcado pela dissolução, resta à narradora encontrar algumas âncoras. Sugeri atrás que o par constituído pela memória e pela escrita é essencial nesse processo; o fragmento das páginas 118-119 mostra-o claramente, através da reflexão que aí se lê sobre o estatuto da própria escrita, discutido entre as fronteiras do romance, do «quadro feito de retalhos», da exemplaridade da fábula, da objectivação do «relato bem negro, bem feio, com a sua alminha de pássaro estrangulado dentro». Faço notar de passagem como esta criação de ambiente e de personagem, aparentemente auto-complacente, é logo a seguir objecto de crítica e de distanciação, mostrando perfeita consciência do poder efabulador próprio, também, da escrita intimista. Há no entanto um outro modo de combater a pulsão de morte; consiste ele na criação de um mundo alternativo ao real — neste caso, uma paisagem fortemente vegetal se contrapõe ao universo socializado que rodeia a personagem.

Assim, e logo a abrir, temos o «pacote de papéis» que é ponto de partida do livro, baseado num «passado longínquo, de raízes secas» (p. 19) como as de uma árvore ou como o «pequeno coração morto» que os papéis encerram. Mais adiante, o leitor depara com a imagem da memória como uma indestrutível «ligação, uma semente venenosa e duradoira» (p. 27) que se expande. Ou encontra a adolescente «às fugidas para a mata solitária nos altos da quinta» (p. 29), paisagem-espelho acolhedor. Ou dá com «a casa», sede de «raízes [que se] reforçavam, [se] agarravam aos torrões como as das plantas» (p. 50). Outros exemplos ainda comprovariam a radicação do sujeito na terra e a tendencial fusão com o húmus, representando a possibilidade de anular a dor (aliás, evocando o mesmo processo em Camilo Pessanha, poeta muito amado de Irene, que o declara em Solidão).

A paisagem tem talvez este carácter positivo em ligação inconsciente com as imagens felizes do pai e dos passeios com ele na quinta, dita mesmo «paisagem iniciadora» (p. 57) — a mesma que figurará, na gruta, o simulacro do ventre materno a que a personagem se acolhe para «pensar» e «correr mundo» mentalmente, no episódio da «mina seca» em que passava longas horas solitárias (p. 59). Enfim, perseguida e acossada,

o «esconderijo» que protege Açucena é «uma arvorezinha nova ou anã» sob a qual «não tinha medo» (p. 97), pois a ela se identifica nos traços de inocência truncada e crescimento problemático; o mesmo papel terão outras espécies vegetais — os «arbustos» (p. 105), a antropomórfica «pereira alta, cheia de braços» (p. 106) a que se recolhe.

Voltar atrás para Quê? é uma obra riquíssima de cambiantes, de que aqui deixo apenas alguns fios levantados², e é uma peça fundamental para se entender o percurso da escrita de Irene Lisboa. Datado o texto, como no início referi, de 1954, e escrita portanto passados os sessenta anos da escritora, a novela mostra bem como a história que narra está no cerne de uma vida em que princípio e fim se tocam, «tão ligados» (p. 20), uma vida em que «até parece que o fim se alimenta do princípio, que a infância se lhe sobrepõe, o ilumina, o traz sujeito» (id.); uma vida, afinal, em que tal sobreposição se agudiza porque para além dela há um vazio a preencher. Dir-se-á que todas as vidas são um pouco assim, e ninguém melhor do que Irene sabe que há nisto um lado de bagatela, de insignificância, de banalidade; muito raros são é aqueles que, como ela, sobre isso edificam uma obra em que a emoção é magistralmente contida pelos recursos de uma escrita despojada, sintética, dúctil, de palavras como clavas ou como «uma pancada brusca e sóbria», palavras «rápidas, secas e bárbaras, pedradas!»³. Voltar atrás para Quê? é um marco na obra de Irene Lisboa, e é uma pedra de toque imprescindível no contexto da literatura portuguesa dos anos cinquenta — e de todos os tempos.

Setembro de 1994

Paula Morão

² Para um tratamento mais completo destas e de outras questões, pode consultar-se o capítulo II do meu livro *Irene Lisboa — Vida e Escrita*, Lisboa, Presença, 1989.

³ Cito versos de «Escrever», poema de *Outono Havia de Vir*; cf. o volume I destas Obras de Irene Lisboa, p. 300.

**VOLTAR ATRÁS
PARA QUÊ?**

Ela desatou o pacote de papéis, muito atado, metido numa pasta de cartão, e recomeçou a lê-lo. Já o conhecia. Tinha-o escrito e lido, mas deixara-o adormecer, esquecer quase. Não era uma escritora, não mirava à publicidade. Estava ali um pequeno coração morto, que já não era o seu. Para ela própria se acanhava de o ressuscitar. Tão inútil é viver, reviver um passado longínquo, de raízes secas... Mas por teima e porque andava desasada com a mudança de terra (voltara à cidade, sentia calor, moleza, estranheza), por teima, pura teima, se pôs a relê-lo. Começava assim:

*

* *

Não era segredo.

Mas ela tinha de o revelar, contar. Um dia seria.

Como os segredos? Não.

Dizendo, porém, este *não* com os ombros e uma rápida contracção de sobrolhos estava mentindo.

Então não era segredo? Segredo é sempre aquilo que ninguém sabe, se calou, se guardou.

E tornou a erguer ou a mover os ombros, o corpo, quase imperceptivelmente.

Sabia-o ela e as outras, as *outras!* mais ninguém.

Segredo sem importância.

Ai, as outras... Nunca mais as vira. E a velha morrera, fatalmente. Maldita. Sem remorsos? Tola! Como havia ela de sentir remorsos? O remorso é complicado. E é também um produto do medo. A velha jamais teria medo de uma criança. Daquela criança que chegou a velha igualmente com os segredos da sua infância e da sua atormentada adolescência inviolados, recalçados. Maldita velha!

*
* *

Ai, mas a vida fugia-lhe. Com que dor, sim, com que dor a via fugir-lhe.

A vida não é nada. É uma coisa que passa, apenas. Uma pescadinha de rabo na boca... o seu princípio e o seu fim juntam-se, procuram-se. O rabo está ou volta aos dentes da cabeça, mete-se na boca da infância.

Inocentes, afinal, o princípio e o fim da vida. Sem poderes. Mas tão ligados... Até parece que o fim se alimenta do princípio, que a infância se lhe sobrepõe, o ilumina, o traz sujeito. O resto da vida, oh! o resto da vida some-se, sumiu-se.

*
* *

Maldita velha, que já lhe ia outra vez esquecendo.

*
* *

Hoje, uma das suas preocupações... uma preocupação consciente e difusa, constante, premente, embora vaga, era a de saber se haveria ou não resignação, sim, aceitação; e não se explicava mais: aceitação...

*
* *

Mas naquela mesma tarde, vulgar, vulgaríssima; vulgar o mês, vulgar e corrente a sua situação, não só a sua, a do mundo inteiro, que os velhacos dos jornais confundiam, é que ela havia de encetar a sua história. Mania? Pois seria.

No entanto, acobardava-se; longo tempo a recuara. Porquê? Nunca soubera bem como começá-la e depois continuá-la...

No fim de contas, cada um tem a sua história, quer a conte, quer não. Coisa sempre muito importante, embrechada noutras de menor importância. Uma espécie de monte entre colinas.

*
* *

E depois constipara-se, andava constipada. Má ocasião para começar fosse o que fosse, dedicar-se a qualquer coisa. Andava com uma tal zoada, apitos e chocalhada na cabeça! Dentro dela um ritmo incómodo. Ninguém ainda lhe explicara o que aquilo significava. Falavam-lhe só no tempo, nos invernos; mas se se estava caminhando para o Verão...

Em suma, o que ela pretendia contar não tinha interesse nenhum. Interessava-a a ela, tinha-a interessado. Mas o que se conta, até em segredo e ao próprio papel, é infalivelmente para os outros. Para mil e um outros, para muitíssimos seres invisíveis e desconhecidos. Isto é: há uma dupla presença, possuímos-nos de uma dupla vida narrando, descrevendo-nos. O que historia nunca esta só, infelizmente. Coisas estas muito difíceis de explicar! O nosso empenho de pôr a claro casos pessoais faz com que esses mesmos casos, daquela desordem secreta em que sempre se mantiveram, passem a uma ordem externa, de apresentação, a bem dizer falsa.

Limitar-se-ia, enfim. Cingir-se-ia a dois anos da sua vida. Nem dois anos tinham sido, vinte meses. Oh! mas daqueles escassos dois anos o que não derivou... Propriamente um amachucão, uma moldagem do seu carácter, disso estava certa.

Nós morremos, acode-lhe ao espírito tantas vezes, tarde, já velhos... morremos um dia de morte absoluta; mas desde quando nos começarão matando?

Tanta coisa obscura mas evidente, sensível. Morre-se, os outros morrem, vai-se morrendo sempre. Porém, há ocasiões, particulares circunstâncias em que nos amachucam a graciosa árvore da vida, em que no-la atacam com propósitos destruidores. Alguém duvidará desta verdade?

*
* *

Cadelas!

Como tinham conseguido entrar naquela casa?

Lá entraram e se instalaram e foram minando, minando a fraca, indefesa engrenagem... Abateram a sua dona, uma pobre velha; desterraram-na, exilaram-na. Tomaram conta do velho, um safardana! e sujaram uma criança. Eram duas na família, mas uma delas, a mais nova, por felicidade talvez, morrera antes.

O que elas tinham intentado fazer da sua pessoa! Pérfidas, subtis. Mas ela já as entendia, atada embora de pés e mãos, meio infantil. Perturbavam-na muito. Ainda nem os treze anos completara! Despertavam-lhe curiosidades, excitavam-lhe a imaginação e ofendiam-na brincando, malévolas, ligeiras. Chamavam-lhe por graça a filha do José da Agrela, filha das ervas, enfim. Espalhando ao mesmo tempo pela gente do campo que o pai a desprezava e que não seria herdada.

*
* *

Por razões confusas, idade, desamparo, saberia ela já bem por quê? entrou a andar fugida. À laia de pássaro ou de animal bravio. Antes como um ser feliz e desgraçado, tudo a um tempo.

Até ali pudera pôr o pé fora da quinta. O pai tomara ódio à mãe, uma pobre, uma criança que ele, com perto de cinquenta anos mais que ela, comprara a uma proxeneta. Mais tarde ela fugiu-lhe. Pudera! era tão nova! Gostava de ir para as *brincadeiras*,

de dançar; gostaria dos outros homens da sua igualha, na força da vida... Mas o velho julgava tê-la em sequestro, submetida, satisfeita; tirou-a do trabalho, até lhe pôs criada. Porém, a jovem, no casal solitário de onde se não lobrigavam estradas nem *lugares*, com uma renda de trama na mão, acompanhava os passos do abegão para trás e para diante quando ele andava a lavar.

Esta renda, diziam depois as parentes que cheia de malhas caídas, ainda ela chegou a conhecer.

Salto da vida! A mãe é que nunca conheceu. Dela não guardava a mínima lembrança. Mas chegou a ver em cima de uma tosca banca a tal renda pouco esmerada. E não ficou com ela, não a pediu nem a comprou. Sentiu pejo. Para quê mostrar interesse? Aliás, repelia ligações; de tudo lhe ficara fastio, do tempo, das figuras e dos lugares; uma espécie de mágoa enjoada, de repugnância. E como confessar até à última dona daquela renda, que a pretendia? Na cara da criatura, de boca encovada e de olhos ladinos, que assomaria então: benevolência, malícia? Não, achou que não valia a pena.

A este *não* retrospectivo, mas acompanhado do tal movimento de ombros que lhe era peculiar, nervoso, decidido, sucedeu-se uma pausa. Do pensamento, sem dúvida. Sentiu-a.

*
* *

Quando aquelas mulheres...

Antes de elas se lá terem implantado, o pai proibia-lhes, tanto a ela como à irmã, de saírem para a estrada. Parece que a mãe as andava espreitando. Era uma infeliz. O homem batia-lhe, ia-se carregando de filhos. Todas as mulheres do sítio lhe chamavam doida, antes e até muitos anos depois de o seu paradeiro se ignorar. Doida por ter deitado fora todo aquele bem que desfrutara, a estimação, a fartura. Mas o que parecia impossível era ela ter desprezado as próprias filhas! A dona da tal renda, que veio a ser sua cunhada, contava que as duas meninas estavam vestidinhas e prontas, sentadas numa arca, e que a mãe, com a pressa de fugir, nem um beijinho lhes dera. Que lhes tinha dito assim: «Adeus,

adeus...» E que levava tudo, a máquina, a roupa. O resto ainda o velho mandou pôr do casal para fora. O abegão encheu então um carro de bois com a mais tralha, mas como já era muito bêbado deixou que muita coisa se fosse espalhando pela estrada abaixo. Tudo isto ficou longamente lembrado, invejado e chorado por aqueles *lugares* pobres.

*
* *

Aquele pai, que ela não renegava — hoje tanto lhe importava ter tido aquele como outro! mas todos lhe diziam sempre que era a cara dele, teimando ela muito tempo na sua ligação filial, contrariada —, aquele pai parecia-lhe um homem bonacheirão, pesado, de falas grossas e de olhos risonhos, meio distraído; sabendo, no entanto, ser rancoroso.

Aquele pai, sem que ela disso bem se precatasse, estava-lhe num depósito da consciência, ora emergindo, ora soterrando-se em confusões da memória.

— Nunca saias daqui, que te podem roubar! — dizia-lhe ele, era ela bem pequena, passeando com a sua mão na dele para trás e para diante nos corredores da casa grande e soturna.

Mas quando as outras foram tomando posse daquilo tudo, assenhoreadas e disfarçadas, bem se importou ele mais com que ela saísse do portão para fora ou não. E ela fugia de casa, ia para a ribeira, que lhe parecia — como havia de o dizer hoje? —, que lhe parecia inefável. Descalçava-se então e metia-se pela água dentro, ou ficava a ver as arvólas. E lia também muitos versos, de jornais, de almanaques...

A gente do campo mostrava ter pena dela; via-a andar desprezada, ao abandono, naquela idade! E lá sentiria que o seu sangue corria naquelas veias... quem sabe?

*
* *

Certas letras, os *ppppp* e os *qqqqq*, por exemplo, aprendeu-as a dobrar por aquela mesma época.

Coisas sem importância nenhuma! Sem importância, diz, porque as raízes delas é que a têm. Não será? Mas que ficam insubsistentes quase, ligeiras. Que ficam, duram, em todo o caso.

Um dia, à volta da ribeira — ela entrava e saía da quinta sempre furtivamente — perto da azenha, onde umas meninas da vizinhança costumavam ir passear, ela encontrou um bocado de carta. Até parece que ainda o está a ver... Ao bocado de papel e à sua própria figura, magrizela, mal vestida. Que bonitas e que diferentes das ordinárias achou ela certas letras! Feitas de uma outra maneira, mais elegantes... Aquele papelito deu-lhe a medida da sua queda. Uma sensação muito triste, uma melancolia inesquecível. Passou depois a imitar a tal escrita, a dobrar as pernas dos *ppppp* e dos *qqqqq*, como ainda hoje pouco mais ou menos faz.

Pai e filha esquivavam-se, por fim, eram como dois estranhos; tirando as absurdas violências do pai, que a filha passou a temer, nada mais os ligava.

Pobre dela! Tivera a má sorte de nascer por ali, de perder pai e mãe... e de vir a sofrer a crueldade das adventícias. Aquela velha, aquela velha...

Intentou tornar-se sua confidente. Era astuta, ladina. Com uns olhos azuis esquadrihadores mas desbotados, a cara estreita, pequena, clara, os cabelos ainda acastanhados, finos, agarrados ao coiro; seca de pele e de alma!

Arvorara dentes postiços recentes — um dos preços da entrega da filha.

Dentes postiços, máquina de costura (luxo do tempo), roupa nova, o governo da casa, rendimentos particulares dos ovos, das galinhas, que deixaram de ir à mesa, da hortalíça, da fruta...

Como aquilo foi estipulado é que não é bem lícito afirmá-lo hoje. Não há testemunhas vivas, como usam dizer os serranos, que ela agora conhece.

A nova aceitaria a proposta do velho, que podia ser seu avô, e a mãe acompanhá-la-ia com todos os lucros possíveis. Mais tarde até puxou a si as outras filhas, que se governavam por terras distantes.

*
* *

E ela ali estava, a desfiar lembranças, a entreter-se com elas, a doer-se ainda... Masoquismo, puro masoquismo e velhice. Pois, que outra coisa?

*
* *

Aquele Verão! o primeiro Verão daquela sociedade... e o Outono, e depois o Inverno?

O Inverno naqueles casarões de corredores muito compridos... Até se lhe afigurava ver dançar coisas imperceptíveis mas verdadeiras, assustadoras, espécie de insectos alados e misteriosos, nos cantos onde a luz dos candeeiros mal chegava.

Ela a princípio ainda se queria mostrar arrogante, conservar uma desenvoltura de colegial em férias; não se sentiria destituída da sua anterior posição na família; mas as adventícias foram-lhe baixando a proa. E sabiam-no fazer. Ela era a mosca ingénua, mosca presa na teia de ardilosa aranha.

*
* *

O pai, naqueles primeiros tempos, deu-lhe o Telémaco para traduzir. Ela aprendera um bocadito de francês nos colégios.

O velho intimamente seguia, reprovando, mas sem maior coragem, aquela espécie de queda ou de degradação da filha. Mas a nova amante, sarcástica, paciente, ridicularizava-o. Bastava-lhe para isso o riso dos estreitos lábios, juvenis, que fazia subir aos olhos impassíveis, quando o velho se aproximava dela. Sacudia-o sem palavras e ele acobardava-se. Sujeitava-se, baboso, simplório, dominado. A velha, essa, troçava-o, gaiteira, sagaz.

«Ó compadre!» Compadre cá, compadre lá... E metia veneno, insinuações no que lhe dizia.

Ele, apesar de tudo superior à sua malignidade, ou indiferente, respondia-lhe com um seco: «Dona Adélia...»

*
* *

Compadre? Nos primeiros tempos aquele tratamento parecia-lhe burlesco.

Compadres e comadres, para ela, eram os lobos e raposas dos contos. Esses é que assim se interpelavam. Depois, desinteressada e já insensibilizada, deixou de estranhar estas e mais coisas. Passou a viver e a alimentar-se da sua própria imaginação. Imaginação também grosseiramente explorada pela velha, com propósitos de sadismo. Só o que ela lhe foi capaz de ensinar e de inculcar! Só isso!

Ai, não se poder de modo nenhum destruir uma ligação, uma semente venenosa e duradoira! Não se poderem anular e esquecer todos os vexames e vergonhas sem culpa que se sofrem, se sofreram... Lástima! Porque não há pássaros nem flores, nem águas nem rouxinóis, nem versos, nada, absolutamente nada que os confunda, afogue, arrase ou elimine da memória. Que deles a liberte.

*
* *

Certa manhã, seria domingo, dia de festa? ela saiu para a estrada e da estrada, com aquela impressão de liberdade furtiva e aguda que lhe entrava no corpo, posto o pé fora da quinta, achou o campo maravilhoso. Nunca lhe parecera e nunca mais lhe pareceu tão radioso o ar, tão linda a floração campestre, tanta novidade em tudo, como naquela ocasião. Lembrando-se de tão especial sensação ou surpresa, põe naquela data, que foi a dos seus treze anos iniciados, uma ideia de eclosão nítida da vida ou do mundo.

A velha, sabida e com certas pretensões, tanto a lisonjeava, lhe excitava as emoções, como lhas achincalhava. Fazia então

umas bocas pequeninas, pegava-lhe num braço e punha-se a contar-lhe histórias das filhas. Falava-lhe de festas onde elas brilhavam, de passeios, de piqueniques... de como elas cantavam, das cartas que os pretendentes lhes escreviam, dos versos que inspiravam... Ai, uns havia aos olhos verdes da sua Jóia... Ninguém ali punha na ideia o valor que toda a gente lhes dava; e então o que era a Boca-da-Barra! Havia lá alguma comparação com aqueles sítios?

Esta Boca-da-Barra, onde mãe e filhas tinham passado anos de escassez e de impotente ambição, assim se exhibia, fantásticamente, aos olhos de uma adolescente inquieta e aperreada.

*
* *

Um dia o pai, num daqueles reversos de espírito, inconscientes e artificiais, que o acometiam, chamou-a ao escritório.

Artificial, aliás, e pouco franco era o viver de todos na quinta, sem assento nem clareza.

O pai mandou-a chamar ao escritório e a primeira coisa que ela fez foi tirar duas agulhas que tinha espetadas na camisola. Havia desconfiança de parte a parte. Não lhe poderia ele bater? Mas a velha, a quem nada passava despercebido, riu-se de escárnio.

— Olha, olha... Vai descansada, mulher.

Quanto a mortificava aquele tratamento!

Foi, de mãos caídas. Mas o pai não andava de um lado para o outro, sacudido, como tantas outras vezes, parecia calmo; e, como ela estacasse mal desceu o degrau do corredor de tijolos para o escritório, disse-lhe brandamente:

— Então, não entras?

Ela entrou.

— Ouve cá, minha filha.

A desconfiança tornou a entrar-lhe no coração.

— Não tenhas medo de mim, escuta-me.

Ela aproximou-se dele que até a puxou para os joelhos.

— Tira o teu sentido do Antoninho da Varosa.

Como sabia ele?

— São fidalgos, gente da corte... e tu? uma filha que eu tenho e nada mais.

Os olhos do pai sorriam. Brilhava-lhe nos olhos aquele ar malicioso que ela tão bem conhecia.

Ele sabia então da carta? tinha-a apanhado! Mas como? Só a velha estava no segredo, e até a animara a escrevê-la... tinha-lhe afirmado que a moda agora era de as raparigas serem as primeiras a escrever aos rapazes!

As duas sentadas naquele banco de pedra embrechado no muro, por baixo da eira, com alecrim dos lados e canas à frente, numa hora tão doce! O Sol já se tinha posto; tudo à roda tão sereno...

O pai fez-lhe um sermão de moral, mas não a intimidou muito. Só o rematou com estas palavras, quase inesperadas:

— Minha filha, estima as senhoras que temos cá em casa. Foram muito pobres, até usavam vestidinhos de chita...

Ela presentiu atritos entre ele e elas e sentiu uma esperança, uma espécie de alívio. Considerou-se mais chegada ao pai, ousou até falar-lhe à mesa nesse mesmo dia. Mas tão glacial expressão irradiou da mulher mais nova (seria dez anos mais velha que ela?), bem como tal fuga dos olhos da mãe, que se enfronhou de novo no seu isolamento. E voltou aos longos dias de cama, às fugidas para a mata solitária nos altos da quinta, de onde apenas se avistavam moinhos e cabeços, e para a ribeira.

*
* *

Andava mal vestida. Não tivera agasalhos de Inverno nem roupa nova de Verão, mas ia crescendo. Mudou de idade sob tormentos. Levantava-se das cadeiras encharcada em sangue e ninguém a socorria. Nem a velha nem a nova, nem sequer a criada da casa. Roubava trapos; fecharam-se-lhe as gavetas à chave. Tudo em silêncio, sempre.

A velha, parecendo ou mostrando-se indiferente continuava a fazê-la partícipe dos segredos da sua vida: das terras que percorrera em companhia do marido, dos bruxedos que atalhara,

das más vidas alheias... Chegara a trabalhar de alfaiate, não era desprezo nenhum! e nas provas o patrão perguntava assim aos fregueses: «Vossemecê para onde carrega?»

Dizendo isto a velha piscava-lhe o olho e ela sorria contra vontade, informada e surpreendida.

E anedotas porcas, lincenciosas — tudo raiano, passado no cabo do mundo — lhe eram gostosamente contadas. Oh! não as podia esquecer, não.

Confessava-se ao papel: não as podia esquecer. Mas inútil confissão esta!

Todas as coisas guardadas no limbo da memória, expostas um dia, corporizadas por uma censura tardia e despropositada, que valor ainda podiam ter?

Escrever, escrever... Ocupação parasitária, porque ela só lançava aquilo ao papel para se entreter, gastar o tempo e aliviar-se. Aliviar-se, sim! de desgostos remotos e até de outros mais próximos.

*
* *

De tempos a tempos cheirava a esturro em casa e a velha, desinteressando-se dela, virava as baterias para outros lados. A nova andava grávida e o velho, vário sempre, parece que olhava para outras.

A dona Adélia então, subtil como uma gata, de cabeça pequena e de corpo magro, que se sabia esgueirar para todo o lado, corria atrás dele à espreita. Colava-se às frestas de um dos celeiros, saltava daqui para a adega, escondia-se com os buxos, com uma cepa... Voltava depois de corrida para casa e, no escritório, passado pouco tempo, batia o pé ao compadre, atirava as chaves ao chão e despedia-se.

*
* *

Naquelas corridas de espionagem arrastava-a às vezes consigo, como quem leva um reboque.

— Vê lá se o vês! Esconde-te aí! Que é que ele está agora a fazer?

Tudo isto, porém, ficava em nada; suspeitas, perseguições, iras...

A velha não deixava de indagar por fora, também, e que descobria?

Que a Quitéria da Azenha, vizinha próxima, o mandara à *fonte limpa*, e que a Romana, rapariga do trabalho, tinha *derriço*. Mas não se aplacava inteiramente, fremia por dentro, inquietava disfarçada desta e daquela saloia... Atirara as chaves ao chão, mas logo as tinha apanhado.

*
* *

A criada, que se tinha posto à escuta, do alto de uma escada, repetia depois à mulher do cocheiro, entre portas da cozinha:

— Ó dona Adélia, atão, atão?

— Qu'ais dona Adélia, nem qu'ais quê? Seu cheira-cus, já le disse e le torno a dizer, vou-me daqui pra fora! e não tarda nada, eu e mais a minha filha! Inda se não fartou de saloias, inda não? Seu porco, cheira-cus.

— Ó mamã, ó mamã... — era a filha assim — Ó mamã...

— Rais as partirem!

E as duas mulheres dobravam-se a rir, dando palmadas de banda nas coxas.

— Deixá-las, deixá-las! Irem-se daqui, irem-se daqui — re-matava a do cocheiro. — A aragem que as trouxe é que as há-de luar. Daonde é que elas sarão? Diz que duma terra aonde se fala *axim*...

— Que não querem ser saloias, olha, olha... É algum desprezo?

*
* *

E ela a ouvir as duas mulheres, encostada ao peitoril da janela que dava para o pátio das galinhas. Com os cotovelos

pregados àquele parapeito, sem se voltar para dentro, como se os tivesse soldados. Sentia que as mulheres lhe não guardavam já respeito e era isso que mais lhe doía.

Tudo a insultava. Ou apoucava. Andar com a velha em espionagem seria ridículo, mas divertido. Ela perdera muito daquele orgulho presunçoso que trouxera dos colégios, defensivo e infantil, realmente — um orgulhozinho mal colocado, como lhe dizia a nova, especiosa —, mas surpreender conversas daquelas, em todo o caso... Martirizava-a mais do que apanhar o pai a fazer sinalefas do alto do muro para a Quitéria da Azenha, pouco mais velha que ela.

*
* *

O amor dos gatos e dos cães e até o dos bichos da capoeira ocupavam-na muito. Entretinham-na durante aqueles longos dias, ociosos e vadios, que eram os seus. Surpreendia-os e pretendia entendê-los, chegar a participar deles. Por sua banda, a velha provocava-lhe um ror de conhecimentos eróticos. Dizendo-lhe, por remate: «Inda mo há-des agradecer um dia! Tirei-te as ganfanas. Disso te posde tu gavar!»

Este *posde* e as *aventagens* que a criatura atribuía às passadas situações do marido pelos postos da raia, soavam-lhe muito mal. E nunca mais os pôde esquecer.

De facto, a dona Adélia tirara-lhe as ganfanas de muitas maneiras: pelo palavreado, pelas torpes piscadelas de olhos e até pelas leituras que lhe proporcionava.

«Lê, que são livros do teu pai!», sendo da filha, que os trouxera consigo e guardava na sapateira da cómoda. Era lá que ela os ia buscar, às escondidas.

Livros muito brejeiros, obscenos mesmo. Os outros andavam por caixotes: *O Selvagem*, *A Toutinegra do Moinho*, *Os Miseráveis*...

A velha naqueles passeios que dava amiúde com ela, para a retirar de casa, descrevia-lhe os últimos com muitos exageros de sentimento.

Pelas estradas próximas e pelas ruas da quinta, bordeadas de oliveiras, de macieiras, de pereiras, de vinha, subindo, descendo, porque tudo eram acidentes naquele vale apertado, que uma ribeira sulcava ao fundo, já em terra alheia, ela ouvia-a, meio atenta, com o sentido desviado, querendo ir para além de onde a tinham presa. E a dona Adélia também se devia assim recrear, fugindo como podia do cárcere onde voluntariamente se encafuara, gananciosa e aventureira.

*
* *

Dois anos, dois anos apenas, ela assim passou, seguidos mas incompletos. Tão longos, tão cheios e tão vazios! lembrados como nenhuns outros da sua vida.

Lembradas também, ou dentro deles, as rosas-chá e as flores de beladona, os bons-dias e as boas-noites, a lúcia-lima, a baunilha e as papoilas-da-índia... que cresciam sem trato num pequeno jardim traseiro da casa e nos mirantes descuidados da quinta; mas que assentavam no seu espírito juvenil, sem recheio quase nem obrigações, as suas mais finas particularidades. Para ela, as flores tinham romances, uma vida íntima, além de toda a sua variedade e graça, patentes essas; eram especiais seres idílicos; as flores e também os pássaros, as estrelas... Um dos seus gostos, quando ninguém a via, consistia em se deitar no chão, de olhos para o céu, como se o estivesse bebendo. E tudo isto lhe era permitido, enfim, porque vivia ao deus-dará, abandonada, e era tida como um ser vicioso e desprezível.

*
* *

Entretanto a gravidez da amante do pai crescia.

A dona Adélia não se fartava de pedalar à máquina. E cortava-se muito pano, muitos bordados, rendas, requifes. Até se aprazou uma costureira efectiva, a Emília, da Azenha também chamada. Rapariga de olhar condoído e amável. Mas a ela

nada era franqueado! As mulheres fechavam-se para coser e conversar. Havia um segredo em casa, mas que não era pudico: um segredo de separação, eliminatório. Ela sentia-se irradiada, excluída de toda a intimidade, mesmo chocarreira, como antes. Dentro daquelas paredes não havia mais lugar para si. Pai também já não tinha. Ia para a cozinha e a criada, volúvel e grosseira, dirigia-lhe dichotes. Estaria comprada mercê de alguma promessa irrisória. Ia para o rio, então... e se voltava com uns junquinhos na mão, como também lhe aconteceu, admirada de serem bravos e tão mimosos, ouvia da velha: «Deita-os fora que cheiram mal! Fazem dores de cabeça!»

Estirava-se na cama e lia, lia... tudo quanto apanhava. Encontrava-se com o pai apenas às horas de comer, mas este mal a olhava. Levantavam-se todos da mesa em silêncio. A velha, com o seu passo de corrida, enfiava logo pelos corredores, desaparecia; os outros dois, como namorados, juntos, dirigiam-se para as varandas, para o pátio, para o escritório, ou então para a quinta quando as tardes e as manhãs se mostravam amenas.

*
* *

A criada, a Delmira, lembrava-se bem dela! foi-se tornando o seu tormento. Atrevia-se, como tinha as costas quentes, a espicaçá-la, a brincar com ela como o gato com o rato. Dizia-lhe, se calhava: «Menina, qu'ais menina? Tu não passas de ser filha de uma saloia com'a mim!»

A velha, que a ouvia, fazia-se desentendida.

Uma noite esta rapariga vestiu-se de homem e entrou-lhe de escantilhão pelo quarto dentro: «Dá cá os três-vinténs... dá cá os três-vinténs...», com uma voz disfarçada e roufenha, direita à sua cama. Depois ria à doida, fugindo para a cozinha. Estava-se no Entrudo. O pai dormia em baixo, nada devia saber do que se passava. E que soubesse...

Só de sentir os passos da criada, que ainda era nova, mas batia com os calcanhares no chão como se fosse canēja e andava à bruta, sem cautela, de pés tombados... enfim, só de ouvir

aquelas calcanharadas ela tremia toda. Depois admirava-se de ver a rapariga, ao domingo, sentada debaixo de uma parreira a par do *derriço*, muito séria, como qualquer outra.

A Delmira quando vinha pôr as travessas na mesa nem a olhava, mas ela sentia-se achincalhada pela sua convivência com a velha, bem como pela superioridade distraída e pretensiosa da nova e pela indiferença quase inocente do pai. Tudo a confrangia. Não havia quem lhe dirigisse uma palavra nem um olhar. O pai, picado pelas duas mulheres, pouco falava, absten-do-se até daqueles comentários ligeiros, humorísticos, que lhe eram habituais sobre o tempo e os saloios.

A amante ficava-lhe à esquerda e ela à direita.

Pelas paredes viam-se bonecos pintados: moinhos, burros com sacos, homens de carapuça, um portão entre dois muros sem espessura, com a chapa de uma grande casa atrás... tudo infantil, mas alegórico à região e naturalmente representativo da grandeza do proprietário. Quase meio século passado lhe ocorre, enfim, que toda aquela fantasia evocativa e ingénua seria lisonjeira.

*
* *

Aquele Inverno, diferente de todos os outros que ela tinha passado na cidade, parecia eternizar-se. Lembra-se, ou julga lembrar-se de ter sido soalheiro, uniforme e arrastado.

Nunca antes lhe fora dado ver um enterro no campo; viu-o então. O povo seguia pela estrada fora, soturno, as mulheres muitos cobertas e afadigadas, os homens de roupa limpa, atrás do esquife aberto.

Ela sentiu-se triste e durante muito tempo cultivou a sua tristeza. Tomou o gosto e o hábito daquele pesar sem amargura. Passou mesmo a olhar as plantas e os pássaros com certa expressão de mágoa. O grasnar dos corvos, voando muito alto, à tardinha, oprimia-a; o correr da água fazia-a pensar, e alheava-se frequentemente dos sítios onde se encontrava. Escrevia então a certas amigas que tinha e que não tinha, do seu tempo do

colégio, que não ia longe. Numa delas fazia grandes queixas da sua vida. Escrita a tinta roxa, de que muito gostava, chamava-se infeliz. Que a andavam a enganar, que todos a desprezavam, mas que ela não era nenhuma tola. Bem via as roupinhas que às suas escondidas se faziam! E a *barriga daquela mulher* a crescer...

*
* *

Esta carta foi posta debaixo de umas pedras, do lado de fora do portão, onde o rapaz do correio a devia ir buscar, como de costume. Mistérios e fugas à vigilância do pai, inspirados pela velha. Como era de esperar, porém, semelhante carta nunca seguiu o seu destino. A dona Adélia trazia-a muito mais estreitamente vigiada que o pai.

Reparo nenhum lhe foi feito, mas a hostilidade das mulheres exacerbou-se, refinou. Os caixotes dos livros desapareceram da sua vista e ninguém mais lhe tratou do quarto nem de um fio de roupa.

Por orgulho, por vergonha e timidez deixou-se andar rota, e fugia cada vez mais de casa. Não fazia a cama nem os despejos; resistia, acanhava-se. A Delmira dava-lhe cotoveladas quando passava por ela no corredor. E segredava-lhe: «*Mostro!*» Ferida, ela retorquia-lhe: «Repete-o lá, anda!» E a bruta: «Atão, pois não é? Não sou eu, é o seu pai, ele é que diz: está ali um *mostro*.»

*
* *

O pai foi passar o resto do Inverno à cidade com a amante. E a velha, por qualquer reviravolta do espírito, impremeditada ou não, amenizou-se. Seria falsa a sua benignidade, mas a ela serenou-a um pouco. Comiam juntas e saíam juntas várias vezes.

De parte da dona Adélia, faladora, vinham puxadas sempre as mesmas conversas: as prendas das filhas, os seus apaixonados, os

versos que lhes faziam, que até vinham nos jornais, os partidos que tinham desprezado e as grandes festas da Boca-da-Barra.

Aquele falar fantasiado, por ela ser ainda uma criança, talvez, ou por um forte desejo recôndito, da parte da velha, de evasões românticas e de desforços luxuriosos, tornava-se uma toada ou uma história como as da carochinha, em que se acredita ou não, mas que entretém.

Porém, um dia, a dona Adélia, sentada em sua frente num banco de tijolo — estavam ambas no jardim, que era cimeiro ao pátio, onde o cocheiro levava os cavalos a beber, incitando-os com um assobio próprio, vagaroso e repetido, que até lhe parece ter ainda no ouvido — diz-lhe assim, despuorada: «A ti, olha... só se for o Pimpão!» E os seus olhos azuis (cor que ela nunca pôde tolerar em olhos) animavam-se, rindo à sua moda.

O Pimpão era um dos cavalos da parelha de pigarços que puxavam o *coupé*.

*
* *

Na *casa amarela*...

Nunca ela soube porque se pusera em tempos semelhante nome àquela sala, estucada de branco, onde lhe davam banho em pequena, e se cosia, se guardava a roupa, se passava a ferro e se fazia o serão.

Na dita *casa amarela*, que abria duas largas janelas de sacada para um canto do jardim e albergava toda a casta de móveis e de arrumações, havia, encostada a uma das suas três portas, mas esta fechada, uma bela marquesa antiga, já desautorizada. Coberta por um velho tecido de ramagens. Até as gatas lá iam ter os filhos.

Histórias várias, atribuídas a esta marquesa, lhe contou a velha. Uma delas foi a da desonra da sua mãe, ali cometida. A rapariga gritava, manhosa, mas ninguém lhe acudia. Aquilo era o costume!

A dona Adélia recreava-se com esta evocação e ela, retraída, impassibilizava-se. Porém, a criatura prosseguia: «Depois é que

o teu pai a mandou para o casal onde tu nasceste. E foi por causa da dona Felismina! Essa também aqui se deitou com ele, pela primeira vez. Ai, que se esta marquesa pudesse falar!» E piscava-lhe o olho.

A velha entretinha-se com ela como com uma mulher feita e desabusada, ou ainda de outra maneira mais aberta, inconstante e lúbrica, mais interessada. Um dos seus intentos, também, era o de lhe achincalhar o pai, de o ridicularizar e às antigas amantes.

Indefesa, ela ia guardando o que ouvia, de alma suja, contrafeita e curiosa.

*
* *

Acabada a lida da cozinha, a Delmira metia-se também na *casa amarela* com os seus trapos, para seroar. Mas ocasiões havia em que a rapariga só parecia trazer o diabo no corpo e se punha de implicação com ela, às escâncaras. A velha pouco lhe dizia, quase não intervinha, indiferente ou até regozijada.

Certa noite houve em que a Delmira tanto lhe disse ou tanto lhe fez que ela saltou para o corredor escuro aos gritos de «Socorro! Socorro!» Podia ser que o cocheiro ou o caseiro lhe acudissem... Lembra-se de que se sentiu muito aflita e perseguida.

Daí em diante a Delmira parodiava-a. «Ó socorro! Ó socorro!», bradava a rapariga entre gargalhadas, só para a arreliar. Arrastando os pés como se dançasse, o que também era um dos seus jeitos foliões.

«Cala-te!», chegava a dizer-lhe, enfasiada, a velha.

*
* *

Entretanto uma carta se recebeu na quinta mandando-as ir, às três, para Lisboa.

E ela tornou, enfim, a pôr os pés naquela casa tão sua conhecida, mas tão mudada. Ainda não havia um ano que de lá

tinha partido, mas era como se já tivessem passado muitos. Ela também mudara. Estava crescida, alta e magra. Tinha mesmo uns bracinhos tão delgados que faziam dizer à amante do pai, distraída: «Pareces uma formiga...» E logo a velha: «Vês tu, vês tu? Inda tu querias ter uma blusa de mangas curtas! Olha o que te diz a dona Esperancinha.»

Dona Esperancinha cá e dona Esperancinha lá, era como sempre a mãe se referia à filha.

À chegada, a porteira, severa e trapalhona, vendo-a teve esta exclamação: «Olha a minha menina, não parece a mesma!»

E a dona Adélia, sem demora: «Ó senhora Adelaide, pegue lá, pegue lá, está aí muita coisa à porta, vamos subindo...»

*
* *

Os pregões da cidade, já caía a noitinha, sobretudo os pregões dos jornais e o timbre dos eléctricos, que os guarda-freios premiam muito, reconquistavam-na, reapossavam-se de súbito do seu coração solitário e dilatado pelo silêncio e pelo vazio do campo. As luzes de casa (a senhora Adelaide acendera todos os incandescentes bicos Auer) davam uma grande brancura, devassadora, às paredes, corredores, cantos e a tudo o resto.

Como ainda se lembrava daquela volta à cidade!

Os seus vestidinhos bonitos lá estavam. A dona Felismina, sua madrinha, deixara-os pendurados no guarda-fato, mas já não lhe deviam servir. Foi vê-los e experimentá-los às escondidas. Mas a velha, que de tudo dava fé, dali a dias disse-lhe: «Sabes que mais? dão-se a uma pobre! ou se levam para as irmãzitas da Delmira, não te parece?» Ela encolheu os ombros.

Porém, os seus vestidos ficaram e foram entregues a uma costureira remendona, que lhes deitou as bainhas abaixo e meteu barras muito feias. Ela nem os queria tornar a pôr, mas foi obrigada a isso.

Chorava a fio no seu quarto interior, de onde lhe não apetecia arredar pé. Entretanto o pai tornou à sua ideia do Telémaco. Havia Telémacos por toda a parte! Mas no armário dos

livros também felizmente existiam antigos almanaques-de-lembranças.

O Telémaco e o dicionário representariam, quanto ao pai, o seu resgate, mas quanto a ela uma expiação.

Traduzia no vão de uma janela que deitava para o saguão, um enorme saguão que abrangia um quarteirão inteiro da Baixa, sombrio, estreito, alto e comprido. Do Telémaco, apenas começado a traduzir, ficou-lhe sempre uma impressão confusa. Ainda hoje se lembra mais da capa de carneira listada do volume, e do seu papel manchado e quebradiço, que das aventuras de Ulisses.

*
* *

Os parentes do pai iam-no visitar de vez em quando e parecia-lhe a ela que a olhavam com benovelência. A desconfiança já a minava. Também lhe parecia que a mãe e a filha os evitavam e que o pai lhe dava mais importância em presença deles.

A Delmira agora tinha muito com que se entreter e deixava-a em paz.

O pai, de *pardessus* no braço, começou a fazer as suas visitas solenes, parece que a políticos. E a amante, especiosa sempre, dizia então para a mãe, desconfiadona: «Ó mamã, deixe-o lá ir, não vê que são *rendez-vous* de circunstância?»

*
* *

Aquele sol do saguão, amarelado, escasso, bem como o da rua, que também era estreita, parecia-lhe um sol antigo, diferente do do campo. A cidade, que a retomava, não se renovava.

Ai, o palrar dos papagaios de poleiro, então abundantes, e aquele saudoso, queixoso oferecer de mexilhão, à boca da noite: «Erre, erre, mexilhão...» Vozes do tempo, acordadas nela, que lhe pareciam vir da eternidade e ser conchegadoras.

Hoje, liquidada, ingloriamente passada a sua infância e até a sua mocidade e o resto da vida, enfim! tudo enterrado a bem dizer sem saudades, e tendo ela mudado tanta vez de bairros e terras, de conhecimentos e de sociedades... não seria uma tolice pretender pôr de pé semelhantes velharias, cerzir os farrapos de impressões daquele antigo tempo? reavivá-los? E mercê de quê, de que vagas memórias, de que pobres palavras?

Para que o fazia ela, no fim de contas? Nem bem sabia.

*
* *

O ar da cidade era abafado. E o andar em que moravam, baixo, escuro, embora de tectos altos. Ela pouco saía, não tinha com quem; andava de casa para casa, oprimida, sem falar, e não tinha o hábito das cantigas, hábito que tantas vezes distrai e equivale a conversar.

A velha ia todos os dias à praça e espiolhava a vizinhança. A nova lia muitos romances que comprava, e fazia-se pentear e vestir pela criada. Dirigia-lhe umas vezes por outras meia palavra complacente, com a sua voz aflautada, mas sempre picante. Adamava-se muito e alheava-se do resto da família com modos estudados, preciosos. Era baixa e roliça sem ser gorda, e de poucas falas, de falsos risos.

Ela (quão mais tarde soube que tudo era natural, que a vida se não diferencia!) começou a dar-se a pequenas práticas secretas, no segredo do seu quarto. Mas logo descobertas e espiadas, como aliás todos seus actos e pensamentos, por mais recônditos que fossem. Da caixa dos cobres, que o pai tinha dentro de uma gaveta aberta, começou também a subtrair moedas.

*
* *

Certa manhã, a meio do corredor, o velho, que era encorpado e baixo, com a sua voz estentorosa: «Ah! minha grande... (qualquer coisa) que te desfaço, que te esborracho (era a sua grande

palavra), que te esborracho!» e agarrando-a por um braço tirou de trás das largas costas uma verdasca com que entrou a chicoteá-la.

«Ó major, ó major! — bradava-lhe à distância a amante, como se soprasse. — Por esta vez... ó major, por esta vez...». E a velha: «Ó compadre, ó compadre, largue-a: as vizinhas!»

A Delmira, que trouxera a verdasca da praça, rebentou então, do seu lado: «Má rais partam tudo isto! má rais os partam!» E ele, tremente: «Meu monstro! meu monstro!»

A dona Adélia não se podia calar: «Os vizinhos, ó compadre!»

Vê-se, ela está-se vendo, mesmo sem querer, como se nada pudesse morrer nem o tempo apagar, naquela crítica situação que hoje, já nem sabe como, teve o seu epílogo.

*
* *

O tempo foi passando e levando consigo o Inverno. Já andavam as andorinhas, que são de toda a parte, aos bordos pelos altos da rua e pelos telhados baixos.

A gravidez de Esperancinha estava a expirar. A irmã mais velha (que mulher tão capitosa!) veio então acompanhá-la. Ainda não conhecia Lisboa. Trazia uns vestidos alegres, feitos por ela, que lhe realçavam a gordura fresca, de ancas tremidas.

«A minha Jóia sempre foi muito adivertida! — dizia dela a mãe. — E cantar? Só a voz que ela tem! Dito por toda gente, não há outra assim.»

Joiazinha trouxera, de facto, uma certa alegria à família, uma desopressão brejeira e descuidada ao ambiente falso da casa.

Saía muito e até lhe vencia, a ela, uma feroz resistência aos fatos pingões, que lhe ajeitava ao corpo com dois pontos e duas gargalhadas.

«Anda, minha tola, anda daí comigo! vamos ao Chiado.» E trauteava: «*de fina bota e fato apurado...*»

Ela então ria e toda se encolhia porque a cantiga já era muito velha. Do tempo da Maria Castanha, como diria a dona Felismina.

Jóia encontrava, por acaso, gente de passagem da Boca-da-Barra, banhistas, e os seus olhos, redondos e cambiáveis,

saltavam-lhe. A ela, porém, só lhe parecia que aqueles *alfacinhãs* as desfrutavam, divertidos e complacentes.

Lisboa, corrida a par de Jóia, revestia-se de novos aspectos, provincianizava-se. Nunca paravam, a não ser para estacionar em frente de montras e de lojas em que ela antes nunca reparara ou para fazer inúteis considerações, acerca de coisas banais. Sem interesse, pareciam-lhe.

O Terreiro do Paço, a Avenida, o Pelourinho e o Frontão, o Museu dos Coches, a Casa dos Bicos, o Zimbório da Estrela... tudo foi bem espiolhado e admirado, e palmilhado, porque Joiazinha e a mãe nunca entravam em eléctricos, por economia.

— Pst! pst! — gritava a velha para a filha, adiantando-se ou atrasando-se.

— Já vi, mamã, já vi — respondia-lhe a Jóia, sempre alegre.

Tinha esta mulher uns pés pequenos, muito gabados também, e bem calçados, que lhe suportavam facilmente o corpo forte e provocante. Falava com exuberância de homens e de vestidos, ora cochichando, ora desenvolta.

*
* *

À noite, a velha e Jóia, de luz apagada, sentavam-se em banquinhos por trás dos vidros a ver o que se passava numa casa suspeita da frente. Ela, imitando-as, admitida à sociedade, também se punha à espreita.

Porém, o que lhe ficou daquilo tudo — espécie de quadro escuro, de que fez parte e em que mal se representa — foram as figuras das duas mulheres, uma encolhida e a outra volumosa, de cabeça mexida, espiando o primeiro andar fronteiro.

Uma das conquistas de Jóia, que fazia muitas...

«A minha filha mais velha tem um salero!» exclamava a mãe, abanando-se toda. E enumerava as conquistas da filha:

«Um toureiro de fama, com uma linda casa lá no sítio, um lorde, oh! mais um *popiatário*, esse atão, metia o meu compadre num chinelo; mais um doutor de leis...»

Uma das conquistas de Jóia, em Lisboa, foi a do Galanteador.

Passava ele na rua, no passeio do lado de lá, de bengalinha na mão, que floreava muito, de bigodes retorcidos a goma, e entrava no café. Olharia para cima, uma, repetidas vezes... Jóia estava de janela. Porém, nunca se falaram, nem ele lhe escreveu.

O Galanteador, segundo elas o alcunharam, era de pequena estatura — homem pequeno, caprichoso e perigoso, talvez. Jóia sentir-lhe-ia a influência e andava babada por ele.

Isto passava-se no tempo dos cafés de *camareiras*, pobres espanholas desdenhadas pelas portuguesas caseiras, mas decerto muito apreciadas pelos homens.

Destes cafés — havia um em frente e outro nas lojas do prédio — saíam à noite baforadas de sons e chapadas de luz, quando alguém entrava ou saía, misteriosas, aliciantes.

*
* *

Esperancinha deu à luz. Passou depois mais de um mês na cama, normalmente, sem complicações. Mal se levantou mudou de quarto e requereu uma poltrona, luxo novo em casa.

A parteira, conhecimento recente, com filhos e sem marido, boa comadre, confiada, aparecia diariamente e contava um rol de histórias das suas clientes. A dona Adélia bebia-as sofregamente daquela boca cidadina. Quando a acompanhava à porta demorava-se longamente com ela no patamar da escada, em cochichos.

Nascida a criança, nos começos da Primavera...

Mas por que assinalará ela isto? O poder, o valor do tempo! Escreve uma palavra e outras lhe ocorrem, como fixação, bordão, segurança. Os factos estão, estarão radicados no tempo, em épocas?

Enfim, nascida a criança na Primavera, num dia comum, triste ou alegre, a própria parteira chamou o velho da porta do quarto da parturiente, com um júbilo profissional, ridículo.

Sobretudo ridículo porque aquele avô ou bisavô, declarado mais uma vez pai, não tinha um comportamento natural.

E ela, no vão de uma janela, esquecida dos outros, viu-o passar. Acanhado, com o alvo cabelo hirsuto, de cabeça baixa, querendo sorrir, de mãos pendentes... e desprezou-o. Mais tarde amou a criança recém-nascida, mas de um amor passageiro, que nem cultivar lhe deixaram.

*
* *

Aquele desprezo que sentiu, a pouco definível sensação de estranheza e de maior afastamento do velho pai, repetia-se nela, acordava-lhe e prolongava-lhe sensações que já no Verão anterior a tinham empolgado. Ainda a situação da dona Adélia e da filha não era bem segura em casa. Mas a velha conseguira assim mesmo reunir as três filhas na quinta durante mais de dois meses.

Muita galhofa, risadas, passeios de *breack*, piqueniques... visitas desconhecidas, homens aparecidos não se sabia de onde...

Esperancinha e o velho mantinham-se afastados de todo este bulício; e ele desdenhoso, dada a sua idade, mas tolerante.

No dia da Senhora da Ajuda foi tudo à festa. Estava-se passando o dia no casal onde ela, que tudo isto agora repisava, nascera; e era Verão. Um Verão quente, com o restolho do chão crestado e o ar trémulo.

Partiu o *break* e o *coupé* também, cheios. Jóia, radiosa, antecipava a folia. Porém, ela ficou. Resistiu aos convites e às troças. Ainda conservava a coragem de uma oposição birrenta, orgulhosa.

Deixou-se ficar sozinha, amuada, na sala de canapé e cadeiras de palhinha, com jardineira ao meio. Ainda do tempo de sua mãe.

O pai e a amante tinham-se fechado no quarto ao lado.

Longo tempo se passou. Por fim, ela ergueu-se do canapé, onde se tinha sentado, e foi-se encostar à janela. O sítio era e

ainda será desamparado. Uma vinha baixa ao fundo e cabeços sem horizonte à frente, cobertos de mato. Tudo seco, ou assim lhe parecia, áspero.

De pé, dura, com um sentimento nunca mais desvanecido, nem nunca mais tão vivamente repetido, viu-os então sair do quarto e passar pela sua frente. De modo nenhum a podiam evitar; não havia outra porta nem outra comunicação com a escada.

Ele, muito vermelho. Falou-lhe, olhou-a? Não se lembra já. Lembra-se, sim, do seu ar de culpa ou de embaraço; de qualquer expressão do seu semblante, a que ela se pretendia agarrar, ou que até repelia e renegava, sabia-o lá hoje! mas capaz de perdurar, tanto a tinha ofendido.

Oh! tão fracas e tão inúteis vinganças, antecipadas, foram as suas!

Ainda não tinha treze anos feitos, faltavam-lhe quatro meses, e já lhe trilhavam bem o coração! Muito lhe patenteavam já do mundo... Muito dele ia aprendendo, mas com dor, irritação e aviltamento. Não a poupavam, não.

*
* *

O pai — nunca ela chegou a entender se as suas atitudes eram de senilidade ou de natural fraqueza, de pouca elevação de espírito, de grosseira moral ou de nenhuma até — consentia em cada coisa! Como podia ele ir caindo em tanta abjecção?

A dona Felismina, sua companheira de quarenta anos ou mais, tão velha como ele, e que antes lhe governava a casa e o aparicava, agora meio vacilante de espírito e já vendo muito pouco, com umas queixas fundas, desfeitas em palavras confusas e inocentes intrigas, ainda fora arrastada este ano para a quinta. Ludibriada e sorrindo totalmente ao enxame de mulheres que a rodeavam. O velho amante convencera-a de que a Esperancinha era a preceptora da filha, criada por ela.

A dona Adélia, por inspiração dele, ou de moto próprio, assim que a velhota chegou entregou-lhe protocolarmente as

chaves da despensa. E depois até a arrastaram à Senhora da Ajuda. Jóia é que teve a ideia.

Porém, todas estas cerimónias de comédia iam esmorecendo. A dona Felismina ao cabo de algum tempo foi expedida para Lisboa, simplesmente, mas não sem que o velho, palavroso e hábil, se tivesse assegurado da raiz dos seus últimos bens. Ela jamais lhe soubera resistir! Nem fácil a ninguém é resistir aos seus mais próximos.

Meses depois, na morrinha daqueles serões esquecidos da quinta, o velho e as duas mulheres deitavam contas ao que a pobre senhora ainda podia gastar. Havia róis escritos por cima da mesa redonda do escritório com cifras de azeite, de carne, de pão, de açúcar, do ordenado das criadas... miseráveis róis representando cobiça e cálculo.

Mas naquela tarde da Senhora da Ajuda ela, só ela resistiu, se retrancou numa reserva teimosa, e depois, remoída, recalçada, vingativa e expectante, assistiu à saída de ambos do tal quarto pegado à sala. Os dois culpados passariam por ela! Outra saída não tinham para a escada. Roçá-la-iam numa passagem lenta, lentíssima, que duraria tanto como a sua vida.

Espectáculo imperecível, que foi.

*
* *

Estará romanceando? Parece-lhe que não. Tudo se passou tal qual. E a sensação de drama, encarada até a sua situação a tamanha distância — a sua situação naquele enredo familiar, que conceptivamente poderá variar — existiu, empolgou-a.

Era indubitavelmente dramática a sua situação; até ali criança e de súbito excitada e defraudada como uma mulher, mulher antecipada. Embora só muito depois ela reconhecesse o pérfido laço em que andara envolvida e jamais o pudesse exactamente definir.

O próprio ar da casa tinha mudado, falava-se dentro dela de outro modo, as portas batiam com mais força, as saias da dona Adélia varriam as paredes dos corredores, por onde andava

sempre de emboscada, e os acasos que surdiam confrangiam-na, deixando-a ora amachucada, inquieta, ora indiferente.

*
* *

Esperancinha levantou-se do leito muito feliz, tanto pelo menos quanto a sua estudada reserva permitia que se percebesse. E mandou fazer saias e blusas de seda com muitos folhinhos. Pôs a filha numa ama; havia um longínquo pretendente de uma das irmãs que convinha ludibriar.

Com uma voz requebrada, gorjeada, como se saísse de um papo, Esperancinha à mesa referia-se frequentemente a teatros e a restaurantes. O velho e ela saíam agora muito amiúde, com ar de cúmplices, estimado, quase peitado até pela dona Adélia, agitada sempre como uma vassoira lépida e escorrida.

Ia-se caminhando para a Páscoa e estava-se ainda em Lisboa.

Esta cidade dos seus treze anos, decorrentes, teria um sol afogado, muitas vozes de saguões, muita roupa estendida em cordas, e meninas da sua idade que apareciam e desapareciam das sacadas, em cujas grades se não empoleiravam já, e carroças com pipas de vinho estacionando à porta das várias tabernas, e até aguadeiros de barril às costas! bem como gente, tanta gente sem maior importância! uma do dia e outra da noite... cidade grande, vibrante, lhe parecia, que anulava o campo e lho fazia esquecer. No entanto, lembrada hoje, era tão pequena! uma espécie de gaiola de pássaros.

*
* *

O filho mais velho da porteira, rapazote pouco maior do que ela, escreveu-lhe. A Delmira é que deu com a carta, entre a cancela e a porta da escada, e lha veio entregar.

A mãe do rapaz achá-la-ia bom partido para o filho? Ou que artes da dona Adélia por ali andariam? Porém, o namoro não pegou. Nem esse nem outro, a bem dizer directamente agenciado pela velha, com achegas da Delmira.

Os caixeiros das lojas da Rua da Prata vinham espairecer para as janelas do saguão, que lhes pertencia também. E um deles, chamado Augusto, caiu em graça à dona Adélia. Ou à Delmira. Mas a ela é que lho ofereciam.

Abrutalhada, a Delmira ria-se muito alto à janela da cozinha, virando-se para dentro:

— Ó menina, não fuja! Atão aceita ou não aceita a carta dele?

E a velha, com o seu ar de doninha, a empurrá-la para a janela:

— Aparece-lhe, anda, minha tola!

Porém, ela esquivava-se; dizia não gostar de caixeiros.

— Tem-se visto muita coisa — retorquia-lhe a velha. — Dali é que vão a patrões! E é que tem um nome bonito, não achas? Olha que a minha Lila não o desprezava, e é que não! Essa to digo eu.

Se os passos do pai soavam próximos, as três fugiam. A Delmira punha-se então a cantar e a velha, disfarçada, arranjava sempre que dizer ao compadre.

*
* *

À noite, uma vez por outras, Jóia e a mãe iam ao cinema e levavam-na.

O animatógrafo, como então se chamava, era de fresca data. As fitas, de corridas e perseguições, de pratos quebrados e outras fantasias simples, jocosas, recreavam um público pouco exigente.

A meio de uma destas comédias sai-se de uma vez a velha: «Olha o expediente!»

Um tal dito franco, irreprimido, grande expressão naquela boca, retraiu-a. Sentiu-se envergonhada. «Olha o expediente!» ficou-lhe a ilustrar ridiculamente os primórdios do cinema, com aquelas artes e fugas saltadas, à custa de muitos obstáculos irrissórios.

Jóia foi-se embora, finalmente, e Esperancinha continuou a fazer a sua vida de romance, preciosa, indolente, indiferente. O velho começou a mostrar desejos de voltar para a quinta.

*
* *

Continuar a escrever, para quê? Desenvolver a sua narrativa, encadeá-la, segurá-la, impedi-la de esmorecer... para quê?

Franzindo as sobrancelhas e arqueando os olhos, como sabia que tão despercebidamente fazia, era o que estava pensando: para quê?

Pôr de pé, tentar pôr de pé tanta coisa mesquinha, passada e enterrada... E mal o conseguindo! Vãs tentativas sem interesse. Mas uma coisa a empurrava, a acicatava: a fuga da vida, a vida a fugir-lhe; seria?

Houve anos, ainda ela era tão nova! quase uma criança, mal se viu livre das garras daquelas más mulheres, desprezada do próprio pai, tão desamparada! anos seguidos em que fazia longos discursos e os monologava, invectivando-os a eles todos. Justificava-se então e falava-lhes mentalmente como um severo juiz. Recriminava-os. Organizava e mantinha uma espécie de ingénuo teatro com os seus sentimentos e as suas imediatas memórias.

Quanta inocência e quanta ilusão em tais desagравos!

Seria ela já capaz de entender (certamente não) o seu involuntário papel de brinquedo, de brinquedo manejado, naquela grande farsa, soez mas bem conduzida, que a velha, a filha do meio e até por fim as duas outras, tinham criado e animado — puxa daqui, tira dali — na antiga casa, de fracas peias familiares, que fora aquela onde corações como o seu se haviam abeberado e deitado raízes, raízes que de lá custavam a arrancar?

Essas raízes reforçavam-se, agarravam-se aos torrões como as das plantas, quando alguém as puxa de cima, aos abanões.

De nada hoje tinha saudades, pois não! Sabe-se lá mesmo o que é a saudade e quanto dura... Mas fora a expulsão, o drama de que ficticiamente a tornaram centro ou fulcro, a feia comédia crescente, de súbito desfecho, em que se viu apanhada, que a

agitou e levou depois tempos e tempos a gastar-se, e até os seus próprios efeitos.

Elas, as adventícias, sacudiram-na de casa, era quanto queriam. O velho, induzido, baboso, estimuladas as suas inclinações rancorosas, estimulada a sua senil libidinose, convencido bem ou mal de que só então começava a ser pai (se isso lhe importava!), desejoso de paz, talvez, no meio daquela subtil rede de violências encobertas, inocente e partidário também, deu-lhe um pontapé, mas que pontapé! odiento e decisivo. Nunca mais se viram e deserdou-a. O mundo, porém, é largo, nele todos cabem, reconhece-o hoje.

Fundos de teatro como este — porque tudo, a vida de cada um de nós, por mais insignificante que pareça, contém basta matéria teatral, ou cénica e de recomposição — fundos de teatro alimentados pela ambição do dinheiro, das terras e das casas, dos valores materiais, serão sempre correntes, O resto, invejas, domínio, preponderância, numa palavra, sentimentos e atitudes, representam a cor e a nata que tudo cobre, a granjeia e a capa do bolo.

*
* *

Não, não valia a pena gastar-se, gastar o seu tempo e o seu espírito em evocações. Meio século já tinha decorrido! Quase meio século.

Dizia-lhe uma sua amiga, um dia, a olhar para as casas de certa rua: «Em cada um destes andares haverá um drama, uma complicação.» As duas iam andando e falando.

Um drama, uma complicação? Aquela ideia das vidas alheias, complicadas, laborava a amiga. Era uma pessoa que se atormentava para se dissipar, para desfazer uma espécie de nó que consigo trazia, fictício! lhe parecia a ela.

Havia os que pretendiam dissipar-se; mas ela?...

A vida correrá-lhe pobre e em contrafacções; tão mal começada, sobretudo! Pelo que ficara sempre tímida, reservada, constrangida e até agressiva. Agora, para o resto, via-se aleijada e inconsolável.

Vivendo sozinha, sentindo-se aleijada...

Poisou a pena, pensou e retomou-a.

Entretinha-se com histórias!

Há muitas, queria dizer-lhe a amiga.

Haveria, mas eram as dos outros, alheias. Afogando-se umas às outras, nivelando-se reciprocamente, fora dela...

Presentemente, nas horas vazias e solitárias do seu paradeiro, ouvindo bater os caixilhos das janelas com o vento — manhãs frias e manhãs quentes sempre a correr — o que mais lamentava era ter-se quase esquecido de si própria. Sim, esquecido. Reconhecia, triste e desconsolada, que se pretendia recuperar, mas em vão.

*

* *

Porque... os desabafos, aquele escrever, a sua narrativa, enfim, representavam em relação à sua antiga pessoa um céu de nimbos externos, envolventes.

De tudo isto, que saía a custo? quem marcava ela? e que mostrava?

A amante do pai, talvez. Vaidosa, de boca fina e adamada, lenta nos cálculos mas segura, lúbrica, cerebral, apesar de jovem; aranha, astuta aranha, urdindo a sua teia pacientemente, esperando as horas que haviam de vir em que se desafrentasse daquele longo letargo. Daquela morrinhenta espera no andar baixo de uma casa de campo, antiga, sem regalos, a par de um velho fácil, mas tão velho... quase octogenário...

E a dona Adélia, oh! talvez a dona Adélia, que lhe parecia velha também, embora mal passasse dos cinquenta, correndo sempre, e sempre a esquadrinhar armários e capoeiras, a contar os ovos, a ouvir e a espiar, a largar remoques, a peitar os criados, a devassar-lhes a vida; magra, ágil, de olhos claros, fugidios... sumida a voz pelas cautelas, os dentes postiços, ainda novos, traquinando-lhe ou desajustando-se puxados pela língua...

E a ribeira e ar e o campo, também.

*

* *

A filha mais nova da dona Adélia, instalada na quinta meses depois, Lila chamada, de mimo ou de verdade, era dona de uns grandes olhos, muito abertos, e de um par de tranças grossas, escuras. Menos molesta que a mãe e Esperancinha, de uma juventude apática, regalava-se a coser à máquina.

Desta, que mais se lembra? Oh! dos dentes. Pequenos e certos, descobrindo-lhe muito facilmente as gengivas; nem bonitos nem feios, estúpidos.

Mas de si própria que lhe ficou, afinal? Pouco ou nada. Espelho, espelho... quem o chega a ser de si mesmo? Bom espelho, ninguém.

Ela pretendia ver-se retrospectivamente, mas não o conseguia senão com os olhos muito vagos e subjectivos. O que melhor ainda devia ver ou ter retido daqueles tempos era a imagem das estradas e do campo, pasto curioso de uma vista erradia, infantil e de uma alma desassossegada. E a imagem também dos homens, das mulheres e das crianças que andavam de latas na mão ao bonico, como pobres que eram...

A esforçada memória a fará ver igualmente o Monte Agudo, para onde tantas vezes corria na sua ânsia de liberdade iludida. Tudo aquilo em que tanto se tinha projectado ver, sem bem se ver a si própria. Oh! já não poderá descortinar limpamente a rapariguita infortunada que foi, cheia dos defeitos e das deformações que iria sofrendo.

*

* *

Jóia desapareceu, levada para longes terras, a correr novos destinos. Quase se deixou de falar dela. Parece que tarde voltou, vivaz ainda, capaz de refazer a vida.

Lila, muito protegida pela mãe, com os seus vinte anos feitos, passou a ser a menina, o brinquinho da casa. Ria como uma criança, desconfiada embora, e de manhã à noite pedalava

à máquina. Vinham *amostras* da vila, trazidas pelo rapaz do correio, que a mãe e a filha discutiam e apalpavam repetidamente.

Ela, então — como se não havia de lembrar? — sentiu a grande cobiça de um *zéphir* (os nomes poéticos que se davam nesse tempo aos tecidos!) de cor creme, com um veiozinho lilás.

— Deixa estar, deixa estar que eu falo à dona Esperancinha — prometeu-lhe a velha.

E a dona Esperancinha falava ao pai, queria aquilo dizer.

Porém, não foi o *zéphir* dos seus sonhos que lhe apareceu. A cavalo no burro com o rapazito do correio, o que lhe surdiu foi uma chita preta e branca, uma chita... igualzinha à das filhas do Pato, como a Lila declarou com o seu estúpido riso.

Chita! Só por si tal palavra, nome de um tecido barato, representava miséria, povo. De chita eram as blusas desbotadas das saloias. Nem tantas seriam as suas considerações do momento. Ali estava a chita da sua decepção.

— Fazes um vestido, não te rales, o teu pai é destas coisas! — dizia-lhe a dona Adélia. — Dura-te só este Verão.

— Nem este Verão!

— Porquê?

— Queimo-o!

E a velha... Certo é parecer-lhe ainda vê-la:

— Tu, tu... — e a abrir o tecido engomado, uma espécie de papel — tu és lá capaz?

— Queimo-o!

— A apostar? Vamos lá a ver...

Foi nesse dia ou foi nessa hora mesmo que ela o queimou? De tanto não guardava lembrança. Mas sabe que o levou de corrida para o pátio das galinhas, lhe meteu por baixo um fósforo aceso e voltou, sempre a correr, para uma janela do corredor.

Estava ela com os olhos pregados nas labaredas pálidas, era de dia, quando a surpreende uma voz terrível pelas suas costas:

— Monstro! Meu monstro!

O pai viera pé ante pé, prevenido, e com aquele seu corpanzil grosso e a bigodeira caída suplantava-a, amachucava-a como uma avalanche que sobre si desabasse.

— Meu monstro! Vais-mas pagar todas! Tirei-te das ervas... minha vaidosa...

Magra como ela era escapou-se-lhe e correu para a cozinha próxima; mas como a porta de saída que dava para umas escaleiras lajeadas estivesse cerrada, o pai alcançou-a. E ela toda se encolheu.

Estranha coisa! Lembrar-se assim de uma atitude ou de um gesto, de uma sensação... Não da dor, nem as pancadas lhe doeriam na própria ocasião, mas do susto! Guardar aquela curiosa imagem, interior, da sua pessoa assustada! De outra cousa se lembrava ainda, e talvez melhor, da figura e da voz aflautada de Esperancinha:

— Ó major, ó major, deixe-a por esta vez...

E ele:

— Incorrigível, isto é um monstro!

Esperancinha ia-se entretanto aproximando:

— Deixe-a lá...

— Afastem-se! — bramava ele irado, como se espumasse, acometido de um dos seus antigos acessos de cólera, bulhentos, irreprimíveis.

Não se sabe então quem teve a ideia de abrir a porta da cozinha para fora, e ela esgueirou-se como pôde das mãos do pai. Correu pela quinta acima, desvairada, e passou à beira de um poço seco e fundo. Olhou-o e continuou. Onde foi ter? Não se lembra. Do poço, sim. Dele veio a tirar vagas, mas muitas ideias românticas. Quanto tempo depois ainda pensava nele! E pensava como se a ele se tivesse atirado. Enfim, pela primeira vez, quiçá, se matou mentalmente, afogada em silvas e ortigas.

À noite veio meter-se no quarto. Foi a Delmira quem lhe abriu a porta da cozinha, muito calada. Outra vez mais sentiria o dó, uma espécie de fraternidade lúcida, de parte daquela brutinha.

*

* *

Ao quarto lhe iam levar o comer.

Lila, que dormia paredes meias com ela, entrou a falar-lhe e, com o correr do tempo, a sua clausura afrouxou. Passou a fugir de novo para a ribeira e para a loja do José Manuel.

No andar inferior, onde Esperancinha e o velho dormiam e estanciavam, Esperancinha, de janelas abertas, cantarolava muito, espairecia-se.

O Verão; oh! nunca a ideia do tempo que fazia, que corria, a deixará de acompanhar... o Verão já começava a crestar as ervas; e as rosas-chá, que defendiam a casa da estrada poeirenta, desfolhavam-se. Tinham uma cor tão suave e tão cálida! Contida no próprio nome, não parece? Rosas delicadas, rosas balsâmicas...

*
* *

Devia reprimir-se, estava-se excedendo. Aquelas rosas serão de todo o tempo e de toda a parte.

*
* *

Ela, estendida sobre a colcha ou à janela, ouvia Esperancinha cantarolar. Havia uma cantiga de «ovos-moles», em que Esperancinha toda se requebrava; uma cantiga espremida e aguda, sibilina nas entoações, atirada para o ar, carregada de luxúria e de fantasias; uma cantiga de libertação, ou mesmo libertina... de que vagamente se lembrava ainda. A reclusa espanejava-se no seu cativo. Ouvi-la cantar era como vê-la.

Mas Esperancinha batia asas verdadeiras, e não só as das suas canções. Ia muitas vezes a Lisboa sozinha. «Vai ver a nossa menina», dizia a mãe.

Esperancinha estreava blusas, saias e *canotiers* sem conto, e frisava-se e empoava-se... Gostava de saltar para o *break* arrepiando muito a saia atrás, enquanto o cocheiro, homem novo, esperava de rédeas na mão. O Luís das Canas, de barba feita e bigodinho ruço aparado, com pernas bem esticadas na calça à boca-de-sino, dava então um estalo com a língua e o carro partia.

*
* *

Não seria encantadora aquela paisagem até o caminho-de-ferro, três léguas entre campos de vinha e pão, casais, quintas e duas vilas incaracterísticas; mas era uma paisagem... Que nome dar-lhe hoje? Nenhum.

Uma paisagem?

Oh! aquela foi a sua paisagem iniciadora, eis tudo.

Quando o pai, naquele mesmo *break*, a levava ao colégio, a seguir às férias grandes, um, dois anos antes, ela gostava, sentada à frente ao lado dele, de sentir o vento na cara e de ver correr as árvores, de deixar para trás este e aquele cabeçaço, certos ciprestes e certos eucaliptos, um moinho e depois outro. Tantos moinhos se iam descortinando sempre da estrada! E até de ouvir as rodas ligeiras e o bater compassado mas rápido das patas dos cavalos. O pai, de pingalim na mão, só parecia que lhes afagava as ancas, tão de leve lhes tocava, mas eles precipitavam-se sempre. Muito sensíveis, tinham graça.

Com tanta tristeza deixava ela aquilo tudo e voltava para a sua clausura no convento, primeiro, depois para um colégio mais ameno... O pai, guiando, seu único desporto, cultivado com paixão, morigerada embora, ia-lhe falando. Ele não saberia lidar com crianças, talvez fosse desastrado, e pensaria ela até em coisas muito diferentes das ouvidas, enquanto ele falava; porém, a toada da sua voz e a sua companhia eram-lhe gratas, ou antes, agradavelmente familiares. Os conselhos e as admoestações paternais, talvez ridículas, terminavam invariavelmente por uns *aliás*...

Como este *aliás* tão ouvido, tornado tão indiferente e banal, tão característico daquela boca, teve afinal consumação, isto é, tão duras consequências!

*
* *

Numa das ausências de Esperancinha, a velha disse-lhe: «Porque não vás comer à mesa?»

Não partiria dela o alvitre, mas era como se partisse. O pai, homem de repente, ou fraco, ou talvez tocado pelo trabalho da consciência, admitia-a de novo à sua presença, sob reserva.

Esperancinha quando voltou, contida mas alegre, com um sorriso distraído e melífluo, já sentada mas vendo-a franquear a porta da casa de jantar, disparou-lhe como se gorjeasse: «Bons olhos te vejam...»

E tudo continuou na mesma. É um modo de dizer! porque coisas diferentes as mesmas paredes foram vendo.

Esperancinha levou da *casa amarela* o velho espelho de moldura de mogno, com o aço todo mareado, mas que ela mandou encharcar de vinagre, e uma cómoda de embutidos, maltratada, mas preciosa. Encortinou também uma das camas do andar de baixo de cetineta cor-de-rosa. Com a sua voz de falsete, cantando, alheada, presidia a todas estas mudanças. Ouvi-la, sem mesmo a ver, era acompanhar-lhe os devaneios.

Daquela mulher duas coisas ressaltavam: uma frieza estudada, manejada como um esporãozinho falso, e o olhar, um olhar que se cerrava ou se desviava ostensivamente dos outros.

Os cabelos escorridos de Esperancinha também lhe lembram ainda. Eram castanhos, vulgares, mas ela lavava-os muito amiúde, trazendo-os depois espalhados pelos ombros, a secar sobre as *matinéés* de rendinhas e folhinhos.

*

* *

Em certas tardes, com frequência até, o velho ia visitar os seus casais, de Esperancinha ao lado. E ela ficava... Mas ainda no passado Outono os costumava acompanhar.

Havia trechos daquelas outras estradas também assinalados.

«Os três fantasmas!», dizia infalivelmente Esperancinha, a dada altura de uma delas.

Os três fantasmas eram representados por três pequenas árvores, torcidas, derreadas do vento que naqueles altos soprava sempre.

E o pai, sem escapar também, um bocado mais adiante: «Vale a pena olhar-se daqui...»

E valia. O vale estreito, a *ribeira*, como o povo lhe chamava, funda, bosquejava longe, verdejante, luxuriosa de vinhedo, choupos, olmos, vides, oliveiras. Era muito mais bonita, com aquele seu verde variado, parecendo compacto, de longe que de perto.

*

* *

Nos casais, sobretudo no da Tojeira, meses atrás, enquanto o pai e a amante se entretinham com os caseiros e os abegões, ou percorriam as hortas e olhavam as vinhas, os pastos, o gado e as obras em curso (o velho punha brio nos seus bens), metia-se ela dentro de uma mina seca para pensar. Em quê?

Pensar seria ter visões. Algumas, reminiscentes, ainda lhe acodem. Apesar de lhe esquecer muita coisa actual; por exemplo, o que vai buscar de uma casa à outra...

Porém, aquelas frescas ideias, tão soltas, tão vibrantes, que pareciam brotar dela como flores agrestes, capazes de durar sempre, extraordinariamente vivazes, voltavam-lhe casualmente à memória, graciosas e complacentes, quando estava com raparigas, quando lia...

Encostava-se às paredes da tal mina, umas vezes de olhos fechados, outras abertos, mas vendo tudo longínquo, apertado ou miniaturizado, e assim ia correr mundo. Considerava-se longe e perdida, por regalo. Nunca ninguém mais saberia dela! E pairava, deixava-se pairar num espaço ilimitado, como os pássaros. Aquilo era o seu correr mundo: derramar-se, dissipar-se, abrir o coração a todo o desconhecimento impressionante.

Por esse tempo lhe veio às mãos, apanhado não sabia de onde, um romance de Camilo, em que uma cabreira canta solitária:

Ó águia que vais tão alta por essas serras além...

Estes dois pequenos versos passaram a ter o condão de a transportar, de a levar como a tal águia, de serra em serra.

O espinheiro foi uma planta, para ela extraordinária, que nesse casal também conheceu. Como lhe parecia bela e agressiva! Mimosa, mas cheia de espinhos.

Tudo para ela eram versos, poemas. Oh! tudo tão poético e promissivo! tanto... que, ainda agora, saltando as misérias e os apoucamentos da sua vida, a secura do mundo, o seu esgotamento e a sua solidão, sente persistirem nela, onde nem sabe, alguns daqueles arroubos juvenis, como uma espécie de névoa fina.

Até ali apenas conhecera o campo estival. Portanto, aquele seu primeiro Outono e Primavera campestres exaltaram-na.

Vezes havia, também, em que se considerava a princesa guardadora de patos... se deplorava ou se indignava como ela. «Filha de rei guardar patos?», «Darem-me esta vida, a mim?»

Não sabia ela que, de guardar patos, simbólicos ou não, algum proveito se tira.

Não nascera em berço de oiro, como as princesas, mas fora *menina*, servida... e depois? tornara-se mais pobre que as rapariguinhas que andavam pelas portas ao pão-por-Deus. Não tinha pai nem mãe, nem tinha quem a amasse, quem a vestisse, quem a endomingasse, como as outras raparigas; era uma pária. Pária! palavra de que começou a entender o sentido por antecipação.

Nem reais patos tinha para se entreter. Um único bem possuía, uma riqueza, a da imaginação. A imaginação, o céu e o campo... Uma grande tela onde, afinal, pintava sem precisar de tintas.

*
* *

Corria o Verão e ela, deixada pelos outros em casa, estirava-se na cama. Se fechava as janelas de pau, por causa do calor, entretinha-se a ver, atenta, um raio de sol furtivo, oblíquo, insistente e cheio de animação. Nele corriam, subiam e desciam tantas coisas leves! Misteriosas, sem possível nome.

Havia muita coisa misteriosa neste mundo! parecia-lhe. E tal ideia nunca mais a largou. Chegava a julgar que havia novidades, surpresas só para ela guardadas, segredos que jamais outros

surprenderiam. Oh! aquelas danças num raio de luz... que só com grande paciência se acompanhavam e se gozavam...

Sempre de papo para o ar, também aprisionava moscas pelas patitas, entre dois dedos.

Ou então, de cotovelos fincados num dos peitoris que davam para o pátio das galinhas, se cansava a vê-las esgravatar a terra, espanear-se e aninhar-se nos sítios mais frescos, espiolhar-se, fugir do galo que as perseguia e rapidamente galava como um patrão soberbo.

*
* *

Vezes havia em que ela se ia meter na loja do José Manuel, sobretudo à chegada do rapazito do correio. Teria alguma carta? Não, já ninguém lhe escrevia. Perdera as amigas do colégio, e o próprio colégio... o último, tão alegre, onde ia já?

Via puxarem a saca do correio do lombo do burro, ser aberta à chave e depois esvaziada, soletrados os sobrescritos e atirados uns para um lado e outros para outro. Sentava-se num banco comprido e ensebado, da banda de fora do balcão, como os demais expectantes, ou então saía logo a seguir da loja.

«Quem é, quem é?», perguntava um ou outro forasteiro de longe, arribado ao meio-dia na diligência. Mas sem lhe ligar maior importância. Era gente que arrastava muito os pés no chão térreo e pedia um copo. Homens de cinta e jaleca, mulheres de *cache-nez* de ramagens e caras escuras, suadas.

Perguntas destas, curiosas e indiferentes, a que o taberneiro ou qualquer outra pessoa respondia laconicamente, não a lisonjeavam. Quando antes ia à vila, ao lado do pai, era conhecida de todos.

*
* *

Na loja do José Manuel viu ela pela primeira vez dançar o fandango. Um saloio tocava harmónio, de pé, e dois outros dançavam.

Oh! aquele frenesi das pernas esticadas nas calças justas, os corpos quase hirtos, os rostos apreensivos dos dançarinos, mas pertinazes, duros, as agulhetas dos alamares tremendo, entrechocando-se, e os olhares baixos dos outros homens, dirigidos às pernas que saltavam, se cruzavam e descruzavam... o chão térreo e abafado, empoeirado... o José Manuel e a mulher, ensampados como os outros, encostados ao balcão... tudo ainda lá devia estar! continuar.

Fora, mas à vista, corria a água do chafariz, que nunca parava.

Podia a morte ter abafado aquela gente toda, que a sua memória a remiria. Pensou-o, sorrindo.

O Cocó tocava harmónio até à consumação dos séculos e os saloios haviam de dançar. O Cocó era bom tocador! Porém, tudo aquilo lhe parecia tristonho e melodioso. Como a alma do campo...

*
* *

Naquela mesma loja leu ela algumas vezes o jornal para outros ouvirem. Lia-o a pedido. Que terríveis notícias da cidade emanavam: grandes incêndios, crimes inconcebíveis...

O incêndio da Rua da Madalena fazia contrair-se a cara boçal e rubicunda do Manuel sapateiro, que interrompia a leitura do jornal, agora esperado diariamente. «Ah! rapazes, que ê cá já nan posso mais!», dizia ele e chorava a valer.

«O papagaio, ouvirem lá mais esta — comentava a sogra do Caneco — atão? qu'inté o papagaio ardeu?»

Teria ardido o papagaio, de facto.

Mas estas bagatelas, coisas de menor importância, ela retivera-as como se retém de memória um sorriso já esquecido, eterno, pintado.

*
* *

Bagatelas, pois sim. Que só lhe podiam interessar a ela.

Estava-se devolvendo a um tempo amortecido, dormente. E intencionalmente o fazia. Ainda queria viver, recuperar-se, já

que a vida nada mais tinha para lhe oferecer. Era só o que pretendia, embora em vão...

Docemente se desesperava e repetia, escrevendo: em vão, em vão...

Mas que intentava ela? Apanhar com uma rede frouxa coisas perdidas, insignificantes, que a tinham mortificado havia quase meio século? Talvez.

E chamava a isso recuperar-se! Empregava desabusadamente um termo clínico, actual, iludindo-se com ele.

Haverá recuperações espirituais? Decerto não.

O perdido, perdido...

O que ela talvez quisesse era reabilitar-se, mas a uma distância infinita, a distância de uma vida.

Poisou a pena, largou-a dos dedos. Sentiu mesmo que arqueava os olhos, displicente e triste.

Reabilitar-se? pensava, olhando sem ver.

A si, propriamente a si? Ou à rapariguinha morta pelo tempo, sua antecessora?

Tímida criatura, nunca afirmada, sempre medrosa!

Nem a uma nem à outra, em suma.

E riu, interiormente riu, de face parada, com os olhos expressivos, sentindo-lhes a expressão, embora nada lha retratasse.

A incómoda traquinada dos caixilhos das janelas, que o suão castigava, a tirou do seu devaneio. Tornou a pegar na pena.

*
* *

Toda aquela onda de gente passara, atropelando-a, mas também se havia de ter desfeito, quer ela quisesse quer não. Tentar agregá-la de novo, como pretendia, por simples, amargo prazer, não dava resultados. E não reabilitava nada nem ninguém. Entretinha-a apenas; pouca coisa.

Querida ela saber o que subsistia da rapariguita que fora? Oh!

Fantasias da idade e do vagar. Ela não era a outra, nem já podia ser. Fora...

A outra... onde iria ela? Enterneceu-se a esta ideia de perda irremediável e pensou: que confusão, que labirintos dentro de uma cabeça... Via-se solitária e gasta, velha, mas ainda assim presa, agarrada à vida. Aleijada e tudo... E pôs-se a dar atenção ao que ouvia, fora, repetindo de si para si: «A outra já não existe...»

Perseguiam um frango para a degola, que pipilava e saltava, esvoaçando.

Isto, de facto, era muito mais impressivo, mais flagrante, e tinha outra nitidez, outra realidade, muito maior importância que os seus apagados fantasmas. Esperancinha, a mãe e as irmãs, o velho, os saloios... ela própria...

Mas se não rezava nem fazia renda, tinha de se ocupar, de se entreter, como as velhas, afinal! ou de ajustar contas. Era o que estava fazendo.

*
* *

O segundo Verão passado na quinta com a nova sociedade foi mais soturno que o primeiro. Jóia desaparecera, levada não se sabia por que aragem, e com ela a sua desenvoltura alegre. Lila cantava, mas tinha uma alma pequenina, pobre. Faltava-lhe também a rica experiência do mundo da irmã mais velha e os seus vivazes olhos verdes. Era atada, desconfiada, embora mostrasse muito os pequenos dentes, certos. Cosia quase todo o dia à máquina. Já devia ter um enxovalão! Dava ao velho o título de padrinho. Esperancinha era a mana. A mãe protegia-a como a galinha ao *pito* derradeiro da ninhada, o *tressor* chamado.

No entanto, as visitas foram aparecendo. De homens, naturalmente. Para animar as mulheres.

Uma destas visitas, muitas vezes evocada, quando a velha falaciosa punha em relevo a Boca-da-Barra, foi a do padre Freitas.

Este homem, baixo, nervoso, mexido, virando-se todo — a cabeça, os olhos e o espírito — de uns para os outros, como se possuísse molas, tinha muito de boneco, mas não vulgar nem inofensivo, nem sequer cómico.

A dona Adélia, antecipando-lhe a presença (uma presença considerada por ela indispensável), exaltava-lhe as qualidades.

«Olha lá — dizia-lhe ela, tu saberás quem é o padre Freitas, por alguma ventura? Não posde saber! É com'a um bispo, muito respeitado! A ele, mas só a ele é que todas as fidalgas chamavam. Aprende lá mais esta! E ele é que as ouvia de confissão, não queriam outro. Mas alegre! Aquilo... ele cantava na igreja, ele tocava órgão, ele ia a piqueniques, ele contava histórias de a gente morrer de riso... E o bispo, o bispo? esse era unha com carne com ele, sempre muito amigos...»

E ela, que escutava a velha, passou a associar o padre Freitas às regatas no mar, às festas de noite com luminárias e bailes e até aos versos feitos a Jóia e às irmãs, publicados em certo jornal, intitulado *Perfume*, que ainda um dia havia de ler.

*
* *

Chegou um dia, enfim, o padre Freitas.

O velho recusou-se a ir esperá-lo à estação e Esperancinha não foi a primeira a aparecer-lhe.

A dona Adélia, remordida mas efusiva, com aquele seu ar de gata vestida, é que o foi receber ao pátio, onde ele se apeou.

E ela acompanhou-a, como tantas vezes fazia, curiosa, apesar de esquivar.

As parreiras de uva ferral, que cobriam o largo do pátio, projectavam sombras ou manchas no empedrado. Como se lembrava ainda do salto que o padre deu do carro! e do olhar do Luís das Canas, desconfiado, maganão... tudo isto de mistura com as formas das parras, retratadas no chão miúdo. Os seus olhos, capazes de retenção, andariam de cá para lá, baixos, receptivos.

— Quem é esta? — perguntou repentinamente o padre Freitas, ajeitando os óculos, a apontá-la sem cerimónia com o queixo, depois de abraçar a velha.

— Então quem havia de ser? A Sucena!

Comerem-lhe a primeira letra do seu nome rebaixava-a sempre.

— Ó Açucena! — dispara-lhe logo o padre, folião. — Uma açucena tão corada! Amélia ou Rosa é que tu te devias chamar. Uma açucena que nem um rabanete!

Mas havia não sei quê de esquadrinhador, de retido em toda aquela exuberância.

E trejeitando para a velha:

— Quem a baptizou?

— Então não sabe?

— A...

— A minha madrinha foi a senhora dona Felismina! (ela empertigada).

E ele, logo: «Bravo, bravo», mas com um riso franzido.

Os dois voltaram-lhe costas, caminhando para a porta do corredor de baixo, onde Esperancinha acabava de assomar.

Corada que nem um rabanete! nunca mais lhe esqueceu.

Ela, que tanto desejava ser pálida e morena... Todos os versos que lia e então se cantavam eram feitos às morenas. O padre Freitas foi ocupar o quarto cor-de-rosa e facilmente se tornou estimado. Tanto que voltou muitas vezes, acompanhado até de amigos.

O pai, resistente mas sempre vencido, com a voz grossa e a bigodeira pendente, encobrendo-lhe os dentes são, uma bigodeira que ele tinha o hábito de afagar com a mão nodosa, ouvia-os à mesa, sem quase lhes dar réplica. Era uma gente ridícula, bulhenta, aparatosa.

Que diferenças entre estas relações e as antigas! Antes, à noite, tomava-se chá e comiam-se peras com queijo. E umas torradas muito finas... A dona Juliana, da Varosa, afirmava nunca ter comido outras assim. Era uma senhora boa e delicada.

E a Maria Antónia, a filha, tão brincalhona! seis anos mais velha que ela! era a sua companheira de férias.

Já tinham voltado para a sua quinta, mas agora como estranhas, a bem dizer.

*
* *

Entretanto Esperancinha instalou na quinta a filha e a ama. Por essa mesma ocasião foi despedido o mestre Galo, que com elas tinha vindo de lá da Boca-da-Barra ou dos quintos do inferno.

Mestre Galo fora chefe de uma banda de música, segundo constava. Homem pacato, barrigudo, de olhinho vermelho e fala abafada, com a pinga desentamelava muita história, batendo cartas no casão dos homens ou na loja. Histórias que corriam de boca em boca. Mestre Galo tocava viola e também cantava baixo umas brejeirices que o Luís das Canas depois assobiava, lavando os carros e escovando os cavalos. Mas a dona Adélia se o ouvia toda se abespinhava:

«Coisas do mestre Galo, coisas do mestre Galo!»

Mal se entendia como é que um assobio, sem palavras, pudesse ser considerado tão irritante e intencional.

Mestre Galo naquele Inverno fora o seu mestre de bandolim. O bandolim e o Telémaco tapavam o buraco da consciência do pai quanto à sua educação. Esperancinha também tivera a educação musical de mestre Galo. O bandolim pertencia-lhe, propriamente.

Mi, fá, fá (sustenido), sol... mi, fá, fá, sol...

«Júlia» se chamava a valsa que assim começava e mestre Galo lhe ensinou.

Mestre Galo entrava na sala, de viola pendente, muito discreto, e sentava-se ao lado da jardineira, onde poisava o papel da música, manuscrita por ele. E a lição começava. Mestre Galo, sem os vapores de álcool ainda, entoava pacientemente: «Mi, fá, fá, sol... vamos, menina!» Ela pisava as cordas com a mão esquerda, e com a direita, de cabeça baixa, dedilhava a palheta. Sem interesse, realmente sem o mínimo interesse. Nunca foram além da «Júlia». À sua volta de Lisboa as lições não recomeçaram.

*
* *

Mestre Galo fez escândalo antes de partir. Falou muito, falou de mais. Chegou a estatelar-se bêbado ao rés dos muros da quinta e a vomitar borras de vinho e palavrões que cobriam de ridículo a família inteira da dona Adélia.

O velho não teve outro remédio senão despedi-lo e ele meteu-se então na loja do José Manuel para acabar de despejar o saco. Por fim desapareceu do sítio.

Por esse mesmo tempo o Perdigoto, outro bêbado profissional, em certas noites de luar (porque escolheria ele aquelas noites?), postava-se em frente da quinta a desabafar aos berros as suas ânsias. Havia ordem de se fecharem as janelas todas da casa nessas ocasiões. Porém, a Delmira e a velha viam-no e escutavam-no.

O Perdigoto vinha de longe, de ao pé do Monte, onde vivia com a mulher, que servira a dona Felismina, para ali fazer aquelas longas estações nocturnas. Gemidas, choradas e ridas, lacrimedadas.

Manjor cá manjor lá... pragas, ladainhas, monólogos confusos, cortados de berros, enchiam noites formosas, tão compridas e tão perfumadas das rosas-chá!

O Luís das Canas tinha ordem de chicotear o Perdigoto, ordem que nunca chegou a cumprir. E aquele silêncio enluarado sofria indiferente os enxovalhos do vinho.

De ordinário o silêncio era quase absoluto. Os homens, depois da ceia, juntam-se uns com os outros nas lojas, ou dormem, cansados, e as mulheres, desde que faça escuro, não mais saem de casa. Só furtivamente alguma que procure o seu amante a ocultas.

A noite é, ou pelo menos era temida, escandalosa, ou até sagrada. Extraordinariamente solitária, imensa, ressoante, tornava-se pertença dos pássaros e dos astros. Daqueles pássaros que largam pios repetidos, como pingos de água caindo de alto, e de outros que gorjeiam com indizível melancolia.

Pertencia-lhes e ao Perdigoto, de longe em longe.

*
* *

Uma noite...

Lá lhe açodem os farrapitos das lembranças! As importunas moscas que ela devia arredar de si, por nenhuma importância terem. Mas que não arreda.

Uma noite estava a ler ao luar. Umhas vezes lia e outras escrevia num atlas que trouxera do colégio e possuía aquelas ricas

folhas brancas, grossas, do verso dos «mapas»; estava a ler quando vê passar um rapazito a carpir-se. Pareceu-lhe o Leopardo, do lugar das Canas. Devia ser muito tarde e o pobrezinho... Encheu-se de piedade e quis-lhe falar, mas teve medo. Se a ouvissem?

A sua inútil piedade, tantas vezes mais sentida ou repetida pela vida fora, não deixou de lhe ficar impressa.

Uma vida é curta! E vazia, cheia de pouca coisa, no fim de contas.

Porque tomarão nela um tão permanente volume as coisas mais passageiras? Outro exemplo lhe ocorre: o do dito de um amigalhaço do padre Freitas, vindo com ele de visita.

Esperancinha entretinha-se com a filha, ao colo da ama, como uma senhora *coquette*. O padre e o amigo cortejavam-na, chalaceando. Depois, à mesa, o amigo do padre galhardo, dirigindo-se ao anfitrião, felicitou-o pela sua *morgadinha* de cueiros. E este, de olhos baixos, com o seu riso encoberto, nem uma palavra teve com que a desafrentasse, a ela! ali, ao seu lado direito, como sempre, mas tão profundamente amesquinhada!

Que a terra lhe fosse leve.

*
* *

Esperancinha tomou o hábito de espremer os cravos da cachaceira do velho quando este se sentava à mesa, esperando o comer. Era uma graça felina e babosa, paciente, que a ela nada custava e a ele o rendia. O simplório apoucava-se, entregando-se sem defesa àquelas blandícias. Notava-se que a sua antiga violência abatia dia a dia, que ele ia amolecendo. A cabeça de rijos cabelos brancos, cerrados, tombava-lhe já para a frente. Gritava menos com os criados e dela quase se esquecia, ou sem pejo a repudiava.

Uma tarde, estavam as três mulheres, mãe e filhas, sentadas no jardim das traseiras da casa e ela cirandando à roda dos canteiros. Era um gosto seu, ainda infantil, de apanhar pedrinhas e de perseguir insectos. Todas as lagartas lhe pareciam lacraus que, aliás, não conhecia.

O pai, entretanto, surde no topo dos poucos degraus em meio círculo que davam para a rua das hortas, de roupa amarrotada, como sempre, o ar bojudo e uma luz de riso nos olhos. Vinha com qualquer coisa na mão direita, que adiantava. E foi a Esperancinha que a entregou. As primeiras rainhas-cláudias!

Do nome de muitas flores e frutos que aprendeu se terá esquecido, mas nunca mais do daquelas ameixas.

Hoje, que também vive no campo, verdade é que como uma estrangeira, poucas coisas a surpreendem já. Com as idades se muda tanto! Ouve conversas, ouve os pássaros e os mendigos, tão curiosos e tão sabidos, vê correr as vidas, sem nada delas reter. Porém, daquele outro tempo muito lhe ficou. Nele aprendeu tudo.

*
* *

A dona Adélia, em presença de visitas e de caseiros, que se mantinham sérios enquanto ela não virava costas, invocava frequentemente o marido da filha, dando esse título ao velho:

«A dona Esperancinha tem de ir a Lisboa, mas o marido acompanha-a.» Ou então: «Nunca se viu marido e mulher mais unidos!»

De facto, Esperancinha e o velho faziam agora repetidas visitas à cidade.

As vindimas estavam à porta. As árvores fruteiras carregavam-se de belas maçãs e peras. A terra ali era seca, nunca dera laranjas nem tangerinas, o que a ela se lhe afigurava uma real inferioridade da quinta; uma insuficiência a manchar-lhe a grandeza. A mais bela e a mais bem tratada quinta dos arredores, onde havia tantas! Tão pitoresca e tão bem arruada! Não dava pomos de oiro... mas dava outros, e excelente uva. No gosto que o velho tinha por ela se sentia esta forma de compensação, ou desforra.

Ele não era de modo nenhum ganancioso na sua exploração. Os seus negócios lucrativos faziam-se na cidade, e por meio de intermediários. Deles vivia e do seu soldo de reformado. Não

sendo homem de vistas largas, nem gastador, nem sequer generoso, empenhava-se em conservar as belezas daquela terra a que se habituara havia longos anos. Desde que a dona Felismina o tomara por seu procurador.

Esperancinha, como se toda a sua vida tivesse sido proprietária, informava então as visitas entre pequenos risos de papo: «Pobres de nós sem os rendimentos da cidade! As nossas quintas ficam na cidade!»

*
* *

Já passara o tempo das nêspas, das cerejas e das ameixas. E até o da flor da oliveira, que estrela o chão de minúsculas cruzinhas amontoadas, claras e docemente cheirosas.

A dona Adélia, com ou sem o aberto consentimento do velho, passou a mandar carroçadas de hortaliça e de fruta ao mercado da vila mais próxima, nas madrugadas de domingo. Era o seu recente e grande negócio. E também instalou um porco debaixo das janelas da cozinha, retalhando o pátio das galinhas.

Tudo isto alterava bastante o carácter pacato, sereno, quiçá desperdiçado e indiferente daquele *domínio* onde amos e criados viviam antes à vontade, com proveitos provavelmente divididos, mas sem disputas.

*
* *

Iniciaram-se as vindimas. Dos três casais arredados vinha a uva em dornas a abarrotar para o lagar da quinta. A sua pisa no lagar quadrangular e grande era demorada.

Retinia e esperava-se, era agradável de ouvir! aquele som, timbre ou pancada metálica, dada pelo eixo da prensa quando os lagareiros esforçados a apertavam de braços levantados, andando lentamente à roda.

Uma pancada regular, caindo como hora vibrante de um relógio.

Entre os homens da pisa havia o Silvestre. Aliás, aquela bem lhe parecia uma região de Silvestres. Havia aquele, outro das Canas, e ainda outro das Três Pontes.

Só agora, tão tarde, lhe ocorre que *silvestres* são todos os camponeses.

Este Silvestre, belo rapaz, era lagareiro, e depois ficou para a destilação do bagaço.

Nos lazeres dela — mas todos os seus dias, agora, eram de lazer, de vadiagem mental — fugia para o lagar. E deixava-se ficar sobre uma prancha, que servia de ponte de passagem, a assistir à chapinhada dos homens em cima da uva, e depois ao aperto da prensa.

Trabalhos tão antigos! lhe parecem agora. Tirados de perdidas gravuras...

Talvez que os lagareiros a não respeitassem muito, porém não abusavam da estranha liberdade da filha do patrão.

*
* *

Os seus amores desse tempo eram um gatinho desmamado, que trazia sempre ao colo. Com ele corria para o lagar de manhã e à tarde, só fugindo à aproximação do pai.

A velha, astuta e por conta própria, entrou a exaltar a pessoa do Silvestre.

— Olha — disse-lhe de uma vez: — a pele dele é tão branca, tão branca, tão branca... Ontem à noite, além, ao rés dos bruxos, eu ia assim a apanhar uma felpa do chão, mas é que até dei um grito, posde-me acreditar! eram as nalgas do Silvestre, que se tinha abaixado.

Felpe, felpe... outro vocábulo daquela boca, que nunca mais lhe esqueceu.

Ela andaria pensando na pessoa do Silvestre com a sua juvenil fantasia, alada e libertina. Tê-lo-ia até desfrutado em mente, como rapariguinha já púbere e inconsequente; a dona Adélia, porém, induzindo-a libidinosamente e sem pudor, intentava pervertê-la. E consolar-se-ia assim também da sua velhice prematura.

No entanto, Lila era protegida e vigiada como a donzela da casa, da família.

A ela, uma adolescente, empurravam-na como a um animal a quem se desperta o cio. Dizia-lhe a velha, à vista de uns patos em cópula, meio trocista: «Olha-me pr' aquilo! a modos que não têm vergonha?»

*
* *

Esperancinha, com animação crescente, cantava em tons agudos, conversava muito à mesa, o que lhe não era natural, e preparava roupas (engomava-se muito para a senhora na *casa amarela*) para as suas frequentes visitas a Lisboa.

À volta, chegava a passear com ela, de cá para lá, entre as pereiras da rua mais larga, tão direita, aberta e bem ladeada de árvores, que até lhe parecia uma avenida. De outras vezes, à tardinha, à meia luz do poente, em que tudo quanto é belo da terra se amortece languidamente, e com frescura, Esperancinha, encontrando-a por acaso, sim ou não premeditado, entretinha-a, regalando-se a ela própria.

Pobre pássaro cativo, pois que mais era ela ali? chegava a ouvir Esperancinha com gosto. Saudosa, nem ela sabia bem de quê, excitada. E a arrepender-se também da sua conduta, das suas desconfianças, da sua reserva...

Esperancinha travava-lhe mesmo o braço, cantarolando as novas canções das revistas que ia ver ao teatro.

Miúda de feições e de gestos, e baixa, muito baixa, vestia-se como uma boneca para sair ou para receber gente, mas continha o riso. Sorria às vezes por favor, de boca fechada e de olhos desviados. Porém, em todo aquele Verão, que foi o segundo da sua instalação na quinta, excedeu-se.

Ainda ela hoje não sabia ao certo por quê, a Delmira chegou-se-lhe uma noite, à socapa, e segredou-lhe: «Ó menina, tome cautela! que elas só querem mal à menina!»

Sentiu-se subitamente interdita. E nada respondeu à rapariga que, aliás desapareceu. Era tão estouvada! Para quê dar-lhe ouvidos?

Pelo mesmo tempo uma cigana lhe leu a sina na palma da mão, à porta do varandim.

Este varandim, alguma ruína actualmente... coberto e quase tão fechado como uma caixa, guarnecido de meia dúzia de flores accidentais, assentava o tecto em pequenas colunas e formava todo ele uma espécie de bojo para a entrada do pátio e para a estrada. Era servido por uma escada lateral e dava acesso ao primeiro andar da casa. Tinha um aspecto excrescente e simultaneamente recolhido, agradável.

A cigana divisou-lhe na mão aberta um ror de ameaças, com as respectivas compensações, que ela ainda não sabia serem banais, por isso a impressionaram.

*
* *

Mas que vale tudo isto, e porque o lembra ela? Estará fazendo um testamento de recordações? Estará... Pensa-o e arqueia os olhos, enfasiada. Histórias, que nem histórias são, coligidas por uma velha. Sem fôlego, sem segurança e quem sabe se até já sem rigor.

As coisas guardadas, estas coisas guardadas! que apetece um dia pôr ao sol, ao ar... não dizê-las mas escrevê-las, sem testemunhas nem ouvintes complacentes...

Estava no seu direito de as evocar, realmente, o que lhe faltava era verdadeiro fôlego; tinha-se reservado para tarde. Porque gostava de as fixar ao papel e de as reler até se cansar, até se convencer de que as inventara e de que não valiam ou não tinham valido nada. Gostava de se entreter.

*
* *

O vinho fez-se e a dona Juliana mandou anunciar a sua visita ao major.

Pôs-se a casa em pé de guerra.

— Alguma coisa precisa ela de nós, não é outra coisa! — bradava a dona Adélia, como se lhe atacassem bens próprios, inalienáveis. Largava estas e outras exclamações deslizando pelos corredores fora ou desabafando com umas saloias mesu-reiras, que lhe costumavam dar as novidades.

— Ninguém lhe aparece! — decretou a dona Adélia para os da casa.

Esperancinha decerto minou igualmente o ânimo do velho, de modo que ficou assente ausentar-se toda a família na tarde da visita anunciada.

Mas para onde? As mulheres conspiravam.

— Olha — lembrou a dona Adélia à filha —, tu vás com ele à caça, que eu cá me arranjo.

— Os donos da casa não estão — ensinava a criatura à Delmira. — Foram à caça, não estão! Ouviste bem?

Mas pouco antes de as visitas aparecerem, a Delmira, olhando a velha pelo rabo do olho, abrutalhada e fina, maldosa, dizia-lhe:

— Eles andam além, não nos vê?

— Não estão! Já sabes o recado, e posde ir para a cozinha.

O certo, porém, é que à hora de a dona Juliana chegar com a filha, se encontrava toda a família, expectante, em casa. Punha-se o Sol. E o próprio dono da casa as foi receber ao portão da quinta com os seus rasgos de cortesia pesada, maljeitosa mas verdadeira. Ele sabia distinguir entre mulheres (as do campo) e senhoras.

A dona Juliana era de pequena estatura e vestia já com a sobriedade triste das mulheres velhas. Discreta, sensata, de faces cheias, suaves, possuía uns olhos francos, muito directos e castanhos. Que olhavam bem.

— Major — vinha ela subindo e dizendo —, não estranhe... meu marido foi chamado a Lisboa...

Entraram os três na sala em amistosa conversação.

Esta sala e a saleta que a precedia eram ladeadas de canapés e de cadeiras de palhinha, encostadas às paredes, segundo o uso. E aqui e além também se viam umas graciosas mesas de jogo, fechadas.

No canapé da sala já se encontrava Esperancinha, sentada. E mal a dona Juliana e a filha entraram por uma porta, entrou a dona Adélia por outra.

Atrás de uma outra, ainda, cerrada, se encontrava ela.

Hoje ri-se dos seus apertos de coração.

Subtil ia da janela para a porta, da porta para a janela, encostava-se à cómoda, que fora da dona Felismina, fincava-se com o coração sobressaltado aos pés da cama, parava ao meio do quarto...

A dona Juliana cumprimentou as duas mulheres e continuou, dirigindo-se ao major:

— Como nos outros anos, precisamos dos favores do nosso excelente vizinho...

E ambos riam, cortesês.

Logo ele:

— Às suas ordens, minha senhora, uma, duas pipas... as vindimas estão prometendo um dilúvio. À sua disposição, minha vizinha, mande o vinho, a adega é grande.

Neste tom ia a conversa, quando a dona Adélia achou que devia meter a sua colherada:

— As senhoras tomam alguma coisa? A mesa está posta!

A dona Juliana agradeceu mas tinham acabado de merendar...

— Que pena! — e a criatura discorria precipitadamente, sem que do quarto ela a pudesse entender muito bem.

Parece que a dona Juliana a escutava. E a Maria Antónia com que se entreteria? Sempre tão alegre, tão viva! Nem a respiração se lhe ouvia, daquela vez.

— São prendas da minha Jóia — soltou a dona Adélia em tom enfático, a dada altura.

— Tem boas mãos — comentou a dona Juliana. Estar-se-iam fatalmente referindo às flores de lã cardada e aos limões de cera, que Jóia fizera e um carpinteiro emoldurara numa espécie de caixas, que ficaram pendentês de duas paredes fronteiras, naquela sala.

Coisa feia! achava ela —, ainda imbuída dos gostos do colégio, mais apurados. E até dos do próprio convento, onde as

meninas, de muitos apelidos, faziam renda inglesa e bordavam o *canevas* e as almofadas a matiz.

— As minhas duas outras filhas... — continuava a velha, de voz subida, animada — as minhas outras filhas, também: querendo a menina... — A dona Juliana devia estar agradecendo, mas delicadamente; mal se lhe ouvia a voz. Da Maria Antónia nem um sopro.

— A Açucena? — perguntou esta, enfim.

E a mãe, secundando-a:

— Estranhámos não a ver; saiu?

A dona Adélia, sem dar resposta, levantou-se e deixou a sala. E ela toda se agitou. Nem atenção podia dar ao que Esperancinha dizia.

Só entendeu a voz do pai:

— Andará por aí...

A velha, que bem calculava onde ela estava, deu a volta pelo corredor e foi surpreendê-la no antigo quarto de dona Felismina.

— Podes aparecer às visitas, para que é que te escondes aqui?

Nada mais lhe disse, tornando a sair pela porta por onde entrara.

Então ela, com a respiração suspensa, passou a mão pelo cabelo e abriu a porta de acesso à sala de visitas. Saiu daquele quarto como de um curro. Embora não de rompante, mas oferegando interiormente.

*

* *

Onde ia o tempo em que ela, como uma rapariga crescida, se sentava no chão, nos vãos fundos das portas que davam para o corredor, com a cabeça da Maria Antónia no colo? Passava a dona Juliana, viu-as e dizia-lhe: «Tu então é que és a mãe?» E ela nem se ria, toda compenetrada do seu papel.

As senhoras sorriam amistosamente, e os dois homens, muito políticos, possivelmente adversos, conversavam continuamente, sentados ou passeando. O Antoninho, esse andava

sempre de gorra com os caseiros e era cruel para os animais. Porém, a mãe tudo lhe perdoava. Era uma mãe velha... de cabelo chatinho e ondulado, já muito semeado de brancas.

A filha, uma senhora, assim lhe pareceu, até se dizia que já tinha noivo, olhou-a, muito direita na sua cadeira.

Mas ela nem a viu. Ou talvez a visse, mas por uma espécie de olhos interiores.

— Então, Açucena? — começou a dona Juliana. — Já tínhamos perguntado por ti. Estás crescida! Senta-te aqui ao pé de nós. E fizeram-lhe lugar entre as duas afastando-se.

— Conta-me cá... e os teus estudos? Continuas... Tu fazias versos...

Ela toda se assustou. Era segredo. Esperancinha, sabendo-o...

— Não te envergonhes, foi a Maria Antónia, e que mal há nisso? Bem pelo contrário.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos, mas reteve-as.

Melhor talvez do que o está fazendo neste momento. E vê-as, sim, vê-as como então, ou ainda melhor. A Maria Antónia com um vestido de risquinhas e uma romeira branca, e a mãe de escuro, como sempre.

A Maria Antónia tão calada, tão diferente... Ela também se não sentia capaz de largar uma palavra. Tinha tanta vergonha! de tudo que naquele ano aprendera, tão feio! e do seu desmazelo, com certeza patente... Era uma rapariga ordinária.

*
* *

O major e a dona Juliana reataram a sua conversa. A senhora sorria-lhe de vez em quando. As duas mulheres da casa, muito empertigadas, pareciam elas as visitas.

A dona Juliana, numa volta de conversa, sempre com o seu bom sorriso, olhando-a ora a ela, ora ao pai, começou: «Não a deve tirar do colégio, ela é inteligente, e aqui sem professores...» Mais isto e mais aquilo, assim ia discorrendo.

O velho, complacente, modesto, foi fazendo a dona Juliana todas as concessões sobre a própria filha dele. As mais generosas

e aéreas promessas, também. Desconfiando todos, até as visitas, da extraordinária tempestade que uma tão natural conversa estaria armando. Quem sabe se à excelente dona Juliana tal ideia não sorriria?

Porém, a ela é que jamais havia de esquecer o rasgo de generosidade da sua velha amiga. Uma generosidade combativa, larga. Daquele gesto lhe nasceu, ou renasceu uma sensação de segurança, depressa esvaída, como era de esperar.

Nunca mais tornou a ver a dona Juliana nem a filha. O destino inexorável as apartou.

*
* *

O pai fora acompanhar as duas senhoras à sua quinta, já fazia escuro, esperando-o à volta uma atmosfera de chumbo.

A dona Adélia, na *casa amarela*, de luzes apagadas, conversava com Lila. A sua voz ora subia, ora descia. Parecia o vento, mas um vento mau.

— Tu é que fizeste bem! — dizia ela. — Bem fizeste tu em não queres aparecer a elas! Mas então? Então a tua irmã não é dona da casa? Apareceu às senhoras... às fidalgas! As figuronas! Não teve outro remédio, pois. Viras os sapatos da mãe... E assim muito pasmada prós trabalhos da nossa Jóia: «É muito habilidosa!» Pra que saiba! Nunca tinham visto, coitadas... Fidalgas de merda!

Ela escondera-se no jardim a um cantinho, porque não podia parar em casa. E não foi à ceia; mas ninguém a procurou nem sequer chamou.

Do seu esconderijo via as três mulheres, mas não o pai, sentado de costas para a parede, entre as duas janelas abertas sobre o passadiço de tijolo do jardim.

A Lua, no crescente, já ia alta. Quantas, mas quantas vezes não tomara ela a Lua por testemunha e confidente dos seus desgostos? Contava-lhe a vida, a seu modo; abria-se com ela de boca pregada, olhando-a muito, fugindo do mundo, abismada.

De onde se encontrava mal poderia ouvir o que diziam na casa de jantar, sita ao fundo do tal passadiço. Nem nada se diriam daquela vez. A Delmira, com o seu andar cambado, é que entrava e saía ostensivamente.

*
* *

Aquela noite passou. Era já tarde, até a Lua desaparecera quando ela se recolheu, com o frio. Fechavam-lhe tudo, de ordinário, mas ela sabia levantar do lado de fora o trinco de um postigo, por onde entrava como um gato.

A visita da dona Juliana tornou-se um assunto explorado. A velha, referindo-se às duas senhoras, parecia cuspir sempre: «As fidalgas!» E exprobrava com azedume chocarreiro a fraqueza do major em face delas. Chegava a dona Juliana e era logo ele: «Ó minha senhora, ó minha senhora, não quer mais nada? Aqui é tudo seu, aqui é tudo seu, é só pedir por boca...» E rematava as suas graças com uma gargalhada.

Estas gargalhadinhas da dona Adélia mais não pareciam que latidos. Regaçavam-lhe os beiços delgados enquanto ela, com o punho cerrado, esfregava o peito como se nele sentisse alguma comichão, ou se aliviasse de um soluço reprimido.

— Porque é que não mandaste chamar a ama? — Perguntou ela à Esperancinha, de uma vez em que o assunto tornou à baila. — A menina não será filha dele também?

— Ó mamã, ó mamã, já basta! — retorquia-lhe torcida a filha.

Porém, a dona Adélia ainda não dissera tudo, e prosseguiu:

— Era o teu dever! apresentares a menina, era o teu dever! e assim já escusavam elas... Olha, olha as fidalgas, que não querem alargar os cordões à bolsa! Chamem o tanoeiro, disso é que ele vive, merquem pipas!

A velha usava uma certa cerimónia de convenção com a filha do meio, já arrumada, cerimónia que de vez em quando se quebrava.

Lila, que lhe ouvia os segredos e com quem cochichava a toda a hora, era a sua preferida.

Esta, entretanto, cantarolava uns versos, que começavam assim: «Não te finjas orgulhosa porque não o sabes ser...»

E a dona Adélia, escarninha, volta meia volta largava-lhe, de cara: «Tu, que és tão inteligente...»

*
* *

O Outono vinha-se chegando. Já a uva ferral, que fora deixada nas parreiras, estava a ser colhida para a exportação. Aparecia então um bando de mulheres e alguns homens que assentavam arraiais no pátio da entrada. Elas, sobre os calcanhares, de tesoura na mão, viravam os cachos e cortavam lestas os bagos podres e os chocos, limpando-os e deitando-os com cautela sobre serradura, dentro de caixotes largos e baixos, com cintas de metal, abertas. Os homens, de martelo em punho, pregavam-nos e apertavam depois as cintas.

Que longos caminhos, que viagens por terra e por mar seguiria aquela formosa uva, mais rija, mais roxa, longa e transparente que toda a outra?

Os nomes e apelidos da uva também lhe pareciam engraçados: Fernão Pires, Diogo Alves...

Porém, a sua preferida era a moscatel, mas enquanto verde, com o seu doce um pouco ácido. Talvez que o pai lhe tivesse inculcado aquele gosto, e porque não?

Cultivava ele certas preferências quase espirituosas, especiais, meio encobertas... de palavras, pelo menos, nas suas ocasiões de bom humor.

A ela ainda hoje se lhe afigura que a grande rudeza dele era sobretudo exterior. Trovejava, realmente, enchia a casa com o seu vozeirão quando a mostarda lhe subia ao nariz, mas depressa se aplacava. Isto, no tempo da dona Felismina, que toda se atemorizava com as suas iras e a chamava e à irmã para debaixo das asas enconchadas, coitada! Mal o sentia andar pesadamente pelos corredores, para trás e para diante, a abrir e fechar portas e a atirar por fim um ou dois brados imperativos, como uma galinha punha-se baixinho: «Ó filhas, ó filhas...»

Mas era o moscatel, realmente, o não maduro de todo, que ela preferia, o mais saboroso!

Na rua de baixo, chamada a das oliveiras, havia umas cepas dele, muito suas conhecidas...

A rua das oliveiras, estreita, alta sobre a estrada, ladeava a embocadura de um caramanchão, coberto de trepadeiras bravas, naturalmente virgens de podas e de regas. A água do céu as criava e lhes fazia dar flores. Flores que depois se tornaram uma espécie de esmalte da sua memória.

*
* *

Há dias, o quê? haveria uma semana, que uma senhorita da região onde agora se encontra lhe apareceu com uma flor daquele tempo, sim, daquele tempo, na mão, e lhe disse: «Já viu? que esquisita!»

A sua resposta foi apenas: «Conheço-a desde que me conheço.» Nunca a outra abrangeria todo o alcance do seu dito, nem preciso era.

Aquela flor de trepadeira, maior e mais grossa que um malmequer, e mais delicada também, com toda a sua variedade e capricho de estiletos e de pétalas, a certa altura do ano, nas chamadas férias grandes, floria por completo o caramanchão; mas era discreta, acaçapada à folhagem, ainda mais discreta que as rosinhas de tocar a que se misturava.

Em muitas tardes se merendava naquele caramanchão. Alguém trazia de casa uma cesta cheia. Nesse tempo era ela capaz de comer um franguinho inteiro assado! E a dona Felismina rematava a merenda sempre com estas palavras: «Fome de três dias, hem?»

Ai, ai... um súbito dia de chuva, a meio de Agosto, entretida como ela andava com o seu romance, tocava-a tanto! chamava-lhe tanta ninharia à lembrança!

Romance... é uma palavra; podia ter-lhe ocorrido outra com o mesmo sentido. Com o sentido justo, e não bem o de romance.

Afinal, o seu entretenimento não é bem fantasista, é... é... Seja lá o que for!

*
* *

No presente, aqui, no seu paradeiro do acaso, a estes vagos e primeiros chuviscos, roga-se à pressa o lavrador para vir lavar a terra.

Passado um mês ou mais, quando já o Outono entrado com as suas chuvas abrandou o torrão, semeia-se o pãozinho, o centeio.

Estes campos são vastos, a fugir da serra alterosa, que lhes oferece um anteparo solene e distante.

Mas aquela outra região, tão longínqua! situada, talvez, em latitudes mentais, meio indecisas, onde a vinha imperava pampanosa e virente, tentacular, amojada de belos cachos, invasora de vales e costas, aquela outra região, algo fantasiada, possuía, sequer para ela, particulares encantos. Porquê não o podia dizer hoje, o sol desbancava lá sempre a chuva... E a parra, primeiro verde, unida, rebrilhante, e depois vermelha, tornava-se, desde os fins da Primavera, o seu incomparável manto de graça.

Vinham as chuvas, fatalmente vinham! com as luzes outonais e, para ela, o tempo das sacas à cabeça. O caseiro, os homens da jorna, atravessavam repetidamente o pátio e até seguiam pelas estradas assim indumentados.

*
* *

Ela, que foi deserdada, como tantos outros não foram herdados, mas quantos por esse mundo de Cristo? nem senhores de uma pedra sequer onde poisar a cabeça! tem de momento ideias estranhas sobre o direito de propriedade. Porque havemos nós de ser repelidos daquilo com que nos criámos? Nascendo de um buraco, de um canto, como as heras e as ervas, não nos ficará pertencendo esse canto? É uma posse de direito, essa! Tão de

direito que o seu pobre espírito, um espírito pobre, indefeso, a ficou desfrutando artificialmente, segundo lhe parece.

Tolices, tolices... que entende ela, afinal, de poderes e de direitos? Em nova foi defraudada e em velha sente-se piegas. Cabeça para grandes lucubrações não tem.

*
* *

Por este tempo, dos primeiros chuviscos, e tal devia ser porque lhe lembra que a basta roseira-chá se estava desfolhando, entrou a passar a cavalo pela estrada, acima e abaixo, o novo médico do partido.

Era um homem forte, alto, pesado e ainda novo, de pêlo ruço.

Lila corria sempre à janela para o ver. A irmã, no andar de baixo, também o espreitava, subtil. Tempos viriam em que as duas o haviam de disputar com sanha e, por fim, partilhar com indiferença.

Mas daqueles primeiros tempos de excitação das duas mulheres um bem lhe adveio: esqueciam-na. Andava livre, menos perturbada e delatada, até chegando a rir à mesa.

Porém a velha jamais sossegava. Fechava-se horas e horas com as saloias alcoviteiras para saber da vida passada do major, da dona Felismina, da mãe dela e de outras. E tramava as suas intrigas e pequenas vinganças porque já criara inimigos e vivia em perpétua desconfiança. A Delmira, metida nos seus segredos, piscava-lhe muitas vezes o olho quando servia à mesa, e também lhe servia de recadeira.

Um dia Esperancinha subiu à *casa amarela* só para perguntar à mãe porque se queria ir embora a ama da menina.

A dona Adélia comprimiu muito os beiços, surpreendida, mas depois, saltando da cadeira onde o seu pequeno corpo se enrolava, à maneira de trapo, silvou repentinamente:

— Porque é uma grandessíssima velhaca! Porque encheu para aí tudo de poucas-vergonhas!

— Ora, ora, ora, lá está a mamã...

— Não te acreditas?

— Eu não.

A velha deu então uma das suas terríveis gargalhadinhas de peito, e soprou:

— Vai, vai, vai tu procurar à Guitéria mais à Jesuína, posde ir, anda, vai...

— E a mamã a dar-lhe! — repisava a filha, fria.

— Não me queres acreditar a mim, anda, vai tu... mas olha que a essas já les eu tirei o gostinho, não no repetem mais...

A Delmira, que tinha vindo pôr-se entre portas, deu uns passos para dentro:

— Já cá veio três vezes — largou ela.

— Quem, não me dirás? — respondeu-lhe a velha, como se a tivessem pisado.

— A Guitéria.

— Que é que ela me quer, a mim?

— Diz que pedir-le uma estifação. Ou que atão vai ter com o senhor manjor.

— Pois vá, quem é que a estrova?

— Que se le borram outra vez a sua porta de trampa...

— Fui eu, mas fui eu que a borrei? — interrompia-a a velha.

— Caminha prà vila, é o que ela diz.

A dona Adélia pôs-se então a berrar destemperadamente:

— Que vá, que vá, e é já hoje, é já hoje, quem é que a estrova?

A Delmira ria pelos olhos.

— Eu cá não sei. É o que ela diz, não tenho nada com isso.

E a rapariga voltou para a cozinha.

A ama foi despedida e a velha entrou a tocar a neta de chapelinhos armados, à moda da sua terra, e a passeá-la e a embalá-la, para que se visse a pouca falta que a outra lá fazia.

*
* *

Esperancinha encetou a sua segunda gravidez, de que agora se falava sem reбуço, dividindo o seu tempo entre Lisboa, os cadeirões do escritório e o quarto cor-de-rosa.

Lila, talvez farta de pedalar à máquina e de cantar, fazendo estalar a agulha do dedal, sem levantar a cabeça, porfiada, dizia: «Estou deserta por sair daqui.»

E saiu. Foi passar a temporada de mais frio com a irmã à cidade.

O velho andava cá e lá, bonacheirão, distraído. Ia muito aos seus casais.

— O que é que ele lá irá buscar? — comentava dona Adélia, sempre inquieta e alerta.

— A caseira do Casal do Meio está parida — declarou ele um dia à mesa; e olhando a criada: — Vê se a mulher do António lá pode ir dar um jeito, faz lá falta uma mulher.

A velha, desautorizada e sobretudo estimulada pela novidade, ficou fervendo. Mas tirou-se dos seus cuidados e foi ela própria acompanhar a mulher do António ao casal.

A Delmira ria a bom rir mal ambas viraram costas. O Luís das Canas, à porta da cozinha, ria também só de a ver rir e bradava-lhe:

— Ó rapariga, olha que te sai a caganita de fora! Tem-te aí!

— Qu'ais sai! Má rais as partissem! Atão não querem vocês lá ver? Parece que está com medo... Sará do manjor a cria? Olha lá, o potroso... Nem aquela nem as outras, deixa-me cá rir. Cala-te boca!

— Ó seu Luís — e a Delmira remexendo os pés fazia menção de dançar —, ó seu Luís — e dava estalinhos com os dedos no ar —, vamos a gente logo à *brincadeira*? Qu'o Cocó é que toca. Vamos a balhar?

— Grande estapor! — respondia-lhe risonho o Luís das Canas. — Deixa-te de dar à tramela, não vês quem está?

— Olha, olha, olha, ela sabe tudo! Inda saberá mais qu'a mim! — rematava a Delmira, dando uma volta num pé. — Não é verdade, menina?

*

* *

A velha foi ao Casal do Meio e voltou, repetidas vezes até, sem que aquela boca se abrisse, à mesa, pelo menos. Tinha redobrado de vigilância. Porém o compadre indiferente, nem o notava.

Com respeito à sua pessoa, toda a confiança e toda a comunicação familiar, entre ela e o pai, se tinham tornado impossíveis. Por mais voluntárias e artificiais que tivessem chegado a ser, caíam, desnecessárias. As vidas de ambos corriam paralelas, mas desligadas.

A bem dizer, já nem sabia como os dois, por fim, se olhavam. Fugir-se-iam reciprocamente. Ela, medrosa e sempre esquiua, havia de o ver através do ridículo com que a dona Adélia, por seus manejos e palavras, o cobria; ele, desmoralizado, abanado pelos subtis ventos domésticos, que já não dominava, contra que os seus berros e patadas nada podiam já, e que por isso ficavam por dar, até a bigodeira cortou.

A mulher do caseiro não se pôde conter um dia que não dissesse para as companheiras, passava o patrão de largo: «Olharem, olharem... alembra uma velha!» Faziam elas molhadas de vides e tagarelavam. Torna-lhe outra: «Com licença da filha, que nos ouve: ele antes era um velho como os mais, mas agora... forem elas, fizerem dele uma velha!»

Ditos destes aparava-os ela de vez em quando, magoada, e porquê? Porque andava sempre fora de casa à procura de distrações, de companhia. Sem se satisfazer.

*

* *

O Inverno, naquele grande casarão, era lento e sombrio, desconsolador. A chuva corria na encosta fronteira, muito próxima, desterroada e escura, como uma espécie de cortina móvel, invisivelmente arrepiada.

Era uma expressão estranha, esta das cortinas movediças de chuva! uma graça triste. E ela, encostando a testa aos vidros de qualquer janela, ficava-se a vê-las correr...

Ainda haveria rosas, uma ou outra, mas quase sem cheiro, e as árvores pareciam ter um ar amargurado, torcidas, desfolhadas, incapazes, tantas vezes supôs! de voltarem a ser o que antes eram. Estavam em lenha.

Voltou a estiraçar-se na cama longas horas para fazer passar o tempo.

Relia então umas selectas velhas, do tempo dos filhos da dona Felismina, que nunca tinham chegado a homens. E delas respigava, e até decorava palavras de sentido obscuro e largo.

Pulcra! Como esta palavra... *E etérea*, por exemplo? Como estas palavras, que nunca pôde esquecer, mas que tão poucas ocasiões teve de usar, lhe caíam na alma... muito fundo, como pedras em poços, fazendo ondas. Tanto amava estas palavras como se enjoava das da velha, trescalando a província e a ignorância.

Também relia uma bíblia antiga, com estampas que a faziam pensar em desertos de areia aos montículos e em planícies de sal. E via a mulher de Loth petrificada e brilhante ao virar-se para trás, curiosa. E Absalão, o formoso sem defeito, ser preso pelos cabelos nos galhos de uma árvore e depois subitamente trespassado pelas lanças dos seus perseguidores.

*
* *

Sobre esta mesma cama, no outro Verão, jogara ela e perdera à busca a sua pequena fortuna: caixinhas e sacos vazios, que tinham sido de amêndoas, uma pulseirinha, uma bolsa de prata com anel de oiro ao meio, uma bela medalha cravejada de diamantes, de guardar retratos... A própria Esperancinha, a despeito dos seus ares enjoados, se não pejava de jogar com a sua insignificante pessoa, sentada na borda da cama.

Meses depois gorjeava ela em voz de falso para o administrador do concelho: «Oh! coisa de pouco valor, senhor doutor, não se incomode, só de valor estimativo.»

Esperancinha perdera a pulseirinha de oiro que lhe tinha ganho à busca; perdera-a num domingo de feira, na vila. Andava-se pavoneando entre ciganos, saloios e janotas à campina, e perdera a fraca jóia. O galante administrador soubera-o e vinha-lhe oferecer os seus serviços.

«Oh! doutor não se incomode, pouco vale, todo o seu valor é estimativo...»

Curioso era que, chegando ela agora ao fim da vida, ao seu último quartel, enfim, se visse com tantas jóias como então, depois de ter sido depenada da pulseirinha e da medalha...

As suas mais preciosas jóias, que nunca poderá alienar nem perder, são, a bem dizer, palavras. Gosta tanto delas, de certas de entre elas, ou lhes acha tanta graça como em criança. Guarda-as por esta e por aquela razão. Não ficou para sempre com aquelas duas do *valor estimativo*? Onde quer que as oiça uma imagem particular lhe acode, um retrato, inteiro, perfeito.

*
* *

Muito frio devia ter feito naquele Inverno! Até a velha mandou fazer uma *braseira*, objecto desconhecido na região. Acendia-se à noite.

A meio da cozinha escura, à noite, é que ela se lhe representa. De roda, em mochos e em cadeirinhas baixas, sentavam-se umas mulheres, a dona Adélia, ela, a Delmira...

As mulheres seriam, acidentalmente, a do cocheiro, a caseira e a do abegão. As únicas vizinhas próximas da quinta eram criaturas abastadas e arredias.

Com aquela fala sacudida do sítio e uns risinhos rabudos, obsequiadores e maliciosos, se entretinham as saloias com a velha. Deviam chorar-se, desfiar as suas misérias e o mau génio dos homens, os ditos e as maleitas que corriam... A dona Adélia, oriunda de terras montesinhas, sabidona, batida de muitos ventos, puxava-lhes pela língua, deixando-as pávidas quando lhes falava de espíritos e de medos.

As mulheres olhavam-se então a furto e se um gato fugia encolhiam-se todas ou se encostavam umas às outras. «Credo! Credo!», murmurava a do abegão, que era a mais velha.

As histórias da dona Adélia em todo o caso não chegaram a ter curso no sítio, que era pouco de credices.

Mas, em certa noite, a história vinda a pêlo foi muito outra. Fresquinha, desgraçada, escandalosa, um pratinho para a velha, trazida ou soprada pelas vozes do mundo.

As mulheres sentiam-se acanhadas, porém a velha punha-as à vontade: «Dizei, podendes! ela sabe tudo! isso que boga, estais com receio? Não é verdade, Sucena?»

Sempre que aquela criatura estranha usava de uma linguagem de fora do sítio o ambiente esfriava; mas logo ela, sagaz, com um meneio do corpo ou da cabecinha viperina, o reanimava.

— Com que então, a Maria Catrina? Até mete impossível!

— Fugiu, ninguém dá conta dela.

— Má rais a partam! com tanto filho já! — resmungava a Delmira.

E a velha:

— Cala-te aí, deixa ouvir.

— As crianças, aquelas crianças... tornavam as mulheres. Diz que cortava o coração. Mas o home bebe muito, dava-le muita porrada! Luvou caminho, acabou-se.

— Andarem, andarem qu'inda a encontram, atreveu-se de novo a Delmira.

— Dizes tu, mas ninguém na viu passar; quem é que dá aí conta de ela ter passado? Foi um sumiço!

— Deitaria-se a algum poço?

— Também não, que le ficavam os sapatos na borda.

*

* *

Maria Catarina era a sua mãe. Desaparecera. Para ela, aliás, fora sempre uma desaparecida.

A estranheza que sentiu ao ouvir aquilo, aquele relato, falarem assim dela as outras mulheres, pondo-lha tão próxima, não deixou de a perturbar. Raras vezes ou nunca pensava na mãe, nem a conhecia. Pelo que aquele salto, aquela repentina aproximação, aquela súbita ligação entre o vago e o imediato, todas as incómodas referências feitas sem ela esperar à sua mãe a abalarão, mas de esquisito modo.

Estava ouvindo uma história, uma história molesta! a que se associava só porque a ouvia. A sua mãe não lhe era nada, mas

pobre dela... Não se sentia presa àquela criatura desgarrada, que diziam ser a sua mãe, no entanto, custava-lhe ouvir o que dela murmuravam.

E era a velha, aquela megera desbocada, que mais lhe solicitava a participação:

— Tu não ouves, ó Sucena? Uma destas!

— Ninguém sabe prò que está górdado! — lamentava uma das mulheres.

Da sua mãe nunca se falava em casa, quando ela era pequena; afastavam-lha propositadamente do sentido. Os seus parentes chegados eram, afinal, o pai e a madrinha; os únicos, depois de a irmã morrer.

E agora, por entre as palavras soltas e piedosas das mulheres e a curiosidade frenética da velha, ela punha-se a seguir de noite, porque de noite havia de ter sido, aquela fuga sem destino. Sem destino se lhe afigurava. Tinham ficado ao abandono umas criancinhas e um homem borracho, na taberna. A mãe... onde teria ido parar? Comera-a a noite. Uma noite fria, negra. O povo perguntava: «Que é dela?». Mas a resposta não vinha de parte alguma.

De facto, Maria Catarina foi pranteada e blasfemada numa grande redondeza, e longo tempo viveu na imaginação de todo aquele povo. Em vão a procuraram. O raio das pesquisas não seria muito dilatado, mas as vozes é que soaram por muitos anos. Perdurando sempre o mistério da sua desapareição.

*

* *

Naquela noite, as mulheres à braseira ainda acrescentaram que ela tinha andado à roda da quinta, que uns a tinham visto, «aquilo por via de ver a filha, sempre era a primeira, era para se despedir... mas tinha medo do senhor manjor... havia de ter! que ele inté um dia a chicoteou de cima do carro... ganhou-le raiva!»

— Uma criança... — dizia a caseira; — que ele quando a apanhou era ela uma criança...

— Deu-le um pontapé na sorte! — rematou outra das mulheres.

A dona Adélia enquanto as ouvia ia dando à cabecinha.

Anos depois, já não podia saber quantos, viu ela na cidade uma pobre mulher a lavar os vidros de uma loja e pensou que fosse a sua mãe, a fantástica Maria Catarina. Porquê, por que aberração romanesca? Porém não a abordou, não teve essa coragem.

Também para ela a desaparecida se conservou imperecível.

E hoje mesmo... sendo ela viva (ainda nem os oitenta anos completara) algo teriam que dizer uma à outra.

*
* *

A vida mortíça, abafada pelas sombras do Inverno, foi correndo na quinta, sem outras novidades. Até que Esperancinha e a irmã voltaram. Ela já barriguda, Lila branca e risonha, cada vez mais chegada à mãe, mais confidente.

Esperancinha, muito faladora durante os primeiros dias, dava as suas notícias à mesa.

«Sabes tu — disse-lhe um dia —, a menina Maria Antónia casou. Aposto que não sabias! Com um diplomata de carreira.»

E, tal como uma amiga de família ou uma convidada, Esperancinha enumerava os luxos e os futuros da noiva: «foi um casamento de estrondo, muitas prendas, uma grande cauda; ele também é da aristocracia; vão para fora, para o Oriente... A dona Juliana, coitada, anda desgostosa...»

Esperancinha agora usava *lorgnon*.

«Fazia-lhe falta, é muito míope» — dizia a dona Adélia, repetindo o que ouvia à filha.

Certo é que Esperancinha comia, conversava e distraía-se, mesmo à mesa, a assestar o *lorgnon* para as paredes, para as pessoas e sobretudo para a Delmira gingona, quando entrava e saía.

E ela, intimamente excitada, sem poder nem saber furtar-se à provocação de Esperancinha, sonhava com os destinos de Maria Antónia. Uma aristocrata, mulher de um diplomata, que ia fazer

grandes viagens, correr o Oriente... Jamais a tornaria a ver! Maria Antónia ia-se tornando lendária para ela. Tão só, ia ficar tão só...

*
* *

Hoje, em que tudo desapareceu da sua vida, e se vê aleijada, e não pode ter a mínima confiança em si própria, nem sequer nos outros, ainda se acha capaz de sorrir, que é o que está fazendo, às loucuras da sua incipiente imaginação.

A imaginação a consumiu e a perdeu! tem disso a certeza, a desencaminhou, talvez.

No entanto, ela sabe que escrevendo isto se contradiz interiormente. Que pensa o contrário em muitas outras ocasiões.

Mas que somos nós mais que uma contradição permanente?

A verdade espreita-nos, ora do seu avesso, ora do seu direito. A verdade, ai, ai...

Enfim, a imaginação ora nos socorre, ora nos desequilibra.

O doce fantasma de Maria Antónia, que tanto a excitava, também lhe tornaria patente, e amarga decerto, a inferioridade da sua posição.

Era filha de pais incógnitos, a velha lho dava a entender sempre que podia; não tinha direitos; os seus antigos direitos aquelas estranhas lhos tinham usurpado. A dona Felismina, que podia fazer a dona Felismina, tão acabadinha e sem vontade própria? Ela não tinha nada, já, nem ninguém.

*
* *

Ia-se abeirando o Entrudo.

O Entrudo do campo, como ela o conheceu, enfadonho e estúpido. Andavam os cães com latas atadas ao rabo, cainhando, e os gaiatos atrás deles a fazer uma grande matinada. Os homens, esses punham-se dos altos a lançar *pulhas*, de mão na boca para reforçar a voz:

— Lá vai mais esta... e é que vai tornar a ir...

Para remate saía uma achincalhada qualquer, dirigida especialmente às mulheres.

O Cocó perdia as suas noites nas *brincadeiras*, armadas num lugar e noutro. Era trigueiro, de olhos pretos, grandes, ramalhudos. Parece que prendia as saloias mais ariscas.

Nestas *brincadeiras*, mesmo no pino do Inverno se morria de calor. As mulheres levavam os filhos com elas, até os de mama, e os homens não largavam o varapau, em que tão de uso ensari-lhavam a perna. O Cocó, sobre duas ripas altas, que lhe armavam a um canto, tocava a fio. A dança, quando se armava, num círculo cada vez mais apertado, toda aos encontrões, era bem suada e pisada. Mas quem deixaria de correr léguas e léguas só para apanhar uma *brincadeira*?

A Delmira não as perdia. Nos dias que se lhes seguiam a velha escutava-a. Até a um bailarico da vila a rapariga desta vez foi. E lá calhou encontrar o filho de uns seus antigos patrões.

Que conversas teriam eles tido? E que peitas se seguiriam depois entre a velha, a Delmira e ele? O certo é que o rapaz, pouco tempo passado, se aventurou de bicicleta até à quinta para a ver, a ela...

— É para a menina, não no entende? — bichanava-lhe a Delmira. — Eu sei, eu sei.

A mesma Delmira lhe meteu nas mãos uma carta dele, dias decorridos.

*
* *

Este era o primeiro homem que ela via andar para cima e para baixo à sua espreita; desmontar-se da bicicleta e levá-la docemente à mão...

Já fizera os catorze anos havia dois meses. E ele tinha vinte e um.

Um homem, quanto a ela, que por isso a amedrontava. O Antoninho da Varosa, em sua mente, é que estava numa idade juvenil e luminosa, ideal, uma idade que os acompanhara sempre, desde a mais tenra infância, e os identificava.

Aquele não passava de um homem; até usava uma capa de estudante, sem o ser. Também tinha o cabelo encaracolado e quase loiro: defeitos, insuficiências... para ela, decepções. A cor morena é que era a bonita!

Bagatelas... mas só vistas à distância de uma vida, como agora.

Mas para que as há-de escamotear, anular, se lhe ocorrem? Não faz um romance, entretém-se. E hoje, afinal, que lhe interessa, que procura ela? Entender, melhor que há perto de cinquenta anos, talvez, a importância de tais bagatelas, das coisas mínimas. Arrimando-se à memória, à insuficiente, infiel memória. De que se tiram farrapos de coisas, tão cheia de luzeiros como de trevas... Que sacará ela da incrível poeirada que poisou sobre a sua recuada infância e adolescência? Oh! nada afinal que se compare com o claro, vivo miado do seu actual gato; esse sim, que é incisivo, verdadeiro. O bicho mia-lhe à porta e ela sabe que lha há-de abrir.

Porém, antes de dar os precisos passos para a porta já o está vendo, perfeito. Ou perfeitamente.

Quanto às outras coisas...

*
* *

Têm-lhe dito que o seu gato é arraçado de gineto. E será.

De facto, ele mostra-se bravio, brincando arranha e os seus belos olhos deitam por vezes chispas ferinas. Mas de tão presente que é, de tão integrado na sua vida actual, ela entende-o, desconfundeu-o até de qualquer outro pelo simples miado.

É certo que o amor que lhe tem e a graça que lhe acha se tornam especialmente actuantes, lho afirmam.

Afirmam! Palavra própria ou imprópria?

As palavras, ai, as palavras... e dá-lhe vontade de esfregar as mãos, como a dona Mariquinhas, ou de dar uma volta com a direita no ar... as palavras são o que nós queremos que elas sejam, falam à nossa moda, à moda de cada um de nós; a gramática delas é sempre muitíssimo pessoal.

Aquela dona Mariquinhas, dos seus vinte anos, ser encantador! Bom, bom, vê que já está misturando alhos com bugalhos... Que se desmanda, que se precipita.

E poisa a pena. Retoma-a enfim, para assentar:

Aquela idade perdida, aquela gente, aquele tempo à força de os querer fazer reviver mata-os, matá-los-á, sem dúvida. Não há já palavras para eles, nem gramática válida. Perderam-se.

A capa, a cor do cabelo de um homem, que é, que são? e como lembrá-los? dar-lhes o tom?

*
* *

Júlio Brás era o nome do seu namorado. Feio nome.

Ela não engraçava com o nome, nem nunca gostou dele. Das suas feições mal se lembra. Aliás não são as feições em conjunto nem em separado o que melhor assinala uma criatura. É o jeito do cabelo, o olhar, qualquer coisa de boca, o riso, a seriedade, o andar e até o som da voz.

Mas dele que lhe ficou, em suma? Quase só uma espécie de repugnância. Não física, em especial, mas total. Hoje morta...

Lembra-se de correr pela quinta fora até ao mirante da estrada, quando o ouvia passar de bicicleta. A velha ou a Delmira a preveniam, ou ela mesma o sentia. Chegava ao tal poiso e sentava-se no murinho, de lado; ele parava na estrada, em baixo. E nada tinham que se dizer... Ela dava-lhe então, atirava-lhe uma rosinha de tocar ou um martírio do caramanchão.

Tão estranhos se sentiam um ao outro que ainda hoje pensa que a pura imaginação é que alimenta o amor dos adolescentes, e que o pobre Júlio não tinha o poder de lhe despertar a sua.

De outras vezes falavam-se por entre as grades de um portão do meio da quinta. Ele beijava-a na boca e ela permitia-o, sem o mínimo interesse nem efusão. Cerebralmente considerava aquilo próprio do amor. Todos os romances dos caixotes de Esperancinha descreviam o beijo como a mais fina substância do amor.

Mas quando o namorado, um dia, sob a larga capa, lhe segurou a mão e a puxou ao seu corpo, ela teve uma sensação

inqualificável. Nunca, nunca a revelou a ninguém. Pensa que são coisas que toda a vida se guardam, se reservam. Foi uma sensação aflitiva, afrontada, de ofensa e de repugnância. O amor, aquele que lhe andava na cabeça, pelo menos, era de uma outra natureza.

*
* *

Entretanto o pai, desconfiado ou prevenido, tentava surpreendê-los. E uma bela tarde, destas do começo da Primavera em que já se estava (encontravam-se ambos ao portão fechado), mostra-se-lhes o velho, de cima. Não explodiu imediatamente, mas a ela o seu aspecto aterrou-a e deu-lhe asas.

O portão de dois batentes, a que se encostavam, abrangia e terminava, entre altos muros, uma bela rua que atravessava a quinta quase a pique e a dividia em dois largos lençóis de vinha.

Correr por aquela rua acima como uma lebre, foi o que fez.

O pai, com a verdasca atrás das costas — o seu braço torcido o demonstrava — seguia-a andando. Mas não a apanhou nem capaz foi de dar com o seu esconderijo: uma arvorezinha nova ou anã, de ramos a rojar pelo chão, sob que se agachou. Ali passou o resto do dia e parte da noite. Não tinha medo.

Deu-lhe a ternura, a excitação aplacada, para pensar na árvore, que havia de amar toda a vida...

Tanto pensou nela, ou nela se incorporou com a sua paixão romanesca, própria da idade, ou do temperamento, que a arvorezinha lhe ficou gravada na mente. A árvore e o sítio. Julga que se à quinta tornasse os identificaria.

Tola! A árvore está velha, como ela... De uma outra velhice, é certo.

O sítio era o das cerejeiras, que apenas ali havia. Por entre carreiros pouco pisados partia-se de lá para um canavial basto, um canavial que falava. Que gemia e tinha outros dons do seu conhecimento, suspeitos ou reais. Mais adiante, nos braços de uma árvore terrivelmente esgalhada, de folha dura, uma árvore sem trato e até hostil, bem podia o pobre Absalão ter sido

colhido pelos cabelos. Sempre que os passos a levavam para aqueles lados assim pensava. A fatal fuga do Absalão, tão formoso! A má árvore...

*
* *

Procuraram-na. Andava a dona Adélia, acompanhada pelo Luís das Canas com uma lanterna acesa, a espreitar por entre as cepas, já enfolhadinhas de novo, as moitas e os esconsos dos muros. Ela saiu do seu esconderijo, mas a velha atemorizou-a:

— Cala-te, cala-te... foi lá um dia de juízo... se não fosse a dona Esperancinha! ela é que deitou água naquela fervura toda...

Entraram as duas pela porta da cozinha, e pé ante pé seguiram pelo corredor, virando a uma escada, que a meio dele se abria e dava para o sótão, grande e dividido como uma casa.

— Tu agora dormes aqui, mas não posde fazer bulha, vê lá! a Delmira cá te vem com a comida.

*
* *

Naquele sótão, tão seu conhecido, se guardava a fruta, os antigos caixões largos e fundos, carunchosos, de grandes fechos arrombados, dados ao desprezo, os baús encoirados e pregueados, recheados de velharias, e até uma dobadoira nunca servida desde que ela se entendia! Uma dobadoira, cuja derradeira serventia era a de encorpar ou materializar histórias muito antigas, vagamente poéticas, que lhe contavam umas senhoras pobres de Vila Franca. Duas irmãs acanhadas, destas visitas que se perpetuam nas casas, toleradas pelas famílias de certa abastança; artistas de mãos, especiosas, acomodáticas.

Aquelas histórias, as figuras unidas das duas irmãs, uma mais alta e outra mais baixa, de fato escuro e de cara macilenta, bem como uma espécie de flor, uma dália, que elas faziam e

desfaziam de um lenço, como os prestidigitadores —, na hora presente, assomadas assim de súbito à sua memória, só lhe parece surdirem dela como uma graça! uma partida, um gracejo furtivo do tempo morto. Enfim, uma negaça do tempo irrecuperável.

*
* *

O sótão tinha janelas abertas aos quatro ventos. De uma se dominavam as hortas da quinta, de outra o dossel da vinha emparreirada do pátio, da terceira o jardim e a casa dos vizinhos, afortunados e retraídos, a quem o pai declarara guerra havia longos anos, e da última, a do seu quarto nu, a azenha acachapada da Quiterita e toda a encosta bruta da frente. A meio desta encosta poisava, como uma espécie de borão ordinário, o lugar das Canas, tão feio e tão pobre como todos os outros da região.

A estrada, em baixo, paralela à ribeira, mas mais cá, outra ribeira era, a do mundo... Por ela até corriam as vacas bravas a caminho do açougue da cidade.

O tempo ia passando e os dias claros de Abril abriam-lhe perspectivas, no cativo. Pediu à Delmira, que dormia num quarto próximo, para lhe levar o seu atlas, a sua pena e o seu tinteiro.

A rapariga satisfê-la e ela encetou então um diário, que repudiou passado pouco tempo. Insatisfação de quê? Nem já pode saber! Quanta coisa desses tempos ela repudiou, cedo e tarde, por razões fundas, possivelmente, mas indecifráveis!

Lembra-lhe, várias vezes se lembra, da sua inclinação verbosa, do seu grande desejo de se abrir em palavras, mas bonitas... experimentais. E do transporte com que metia nelas as figuras da sua paixão. Bem como daquele antropomorfismo amoroso com que uma imaginação juvenil brinda astros, flores e pássaros. Aliás, o meio e a situação a influenciavam.

Deixava-se ficar à sua janela de sacada até altas horas da noite, visto só de noite a poder abrir, a escutar a ribeira e os

pássaros gemebundos e a lembrar-se das flores, que costumava apanhar e até hierarquizar. *As violetas, que sendo umas pretas¹*, eram as mais nobres.

*
* *

Numa dessas tais noites passou o Júlio de bicicleta. E repetiu a façanha.

A Delmira entrou-lhe de uma vez pelo quarto dentro: «Ó menina, pegue lá! está aqui uma carta, é para si!» E saiu.

O Júlio pedia-lhe na tal carta que lhe fosse falar à quinta, mas do outro lado.

Aquele outro lado era um pouco temeroso, solitário; estrema murada, sempre em subida, asselvajada, com retalhos de mata rala, de tojo e de pedras. O picoto mais eminente da quinta, onde ia dar, emergia de uma grande redondeza, ou de uma espécie de cavado brando, muito largo, à laia de extravagante ilha.

Deste lado se avistava muito campo nu, despovoado, que a ela lhe parecera sempre a imagem do abandono e da melancolia.

*
* *

A carta deixou-a hesitante, mas lá estava a Delmira, cúmplice, para a decidir.

— A dona Adélia diz que sim; vá, menina! não tenha medo, a gente cá está...

E ela foi, até mais de uma vez.

O Júlio entrava na quinta por uma cancela velha. A estranheza que ele sempre antes lhe provocava nunca se desfez.

Davam-se os mesmos beijos officiosos e trocavam-se as mesmas palavras vãs, vagas. Por fantasia, naturalmente, se lembrou

¹ Poema de Guerra Junqueiro, inserto numa selecta escolar.

ele um dia de lhe dizer que estava frio e que estimaria deixá-la bem quente.

Ouvir estas palavras repugnava-lhe. Retraía-se, e tanto se aborrecia delas como dos seus cabelos encaracolados e da sua cor de pele, clara, sadia. A inocente sensualidade do namorado surpreendia-a como uma cilada. Era tão novinha! e ele, desastado.

Mas à noite, depois da lida, a Delmira recreava-a com brejeirices, que ainda mais lhe repugnavam. As confiançadas da brutinha, que ela não tinha a coragem de desanimar, molestavam-na profundamente.

— O seu pai diz que ainda le há-de dar um tiro!

— A quem?

— Olha, a quem houvera de ser? a ele, pois!

Isto lhe declarou ela uma noite, à porta do quarto.

— Um tiro?

— Ele já sabe...

— Já sabe o quê?

— Que o Julinho entra na quinta às escondidas, atão? e anda à coca, mas a velha entretém-no, a menina pode ir sempre sem receio. Gosta, não gosta de brincar com ele?

— Cala-te!

— Calarei-me, pois sim, mas gosta, ora diga lá?

Fechava-lhe a porta na cara, mas a Delmira ficava-se a rir e a meter palhinhas velhas da cama da fruta pelo buraco da fechadura.

Daí em diante deixou de se encontrar com o Júlio. Passava grande parte do seu tempo em exploração pelos esconsos do sótão ou então deitada na cama. O seu corpo a entretinha.

*
* *

Aqueles esconsos do sótão, sujos, escuros, cheirando a mofo e a ratos, em que se penetrava quase de gatas, tiveram para ela muitos atractivos. Havia por lá livros aos farrapos, caixotes de papelada, ferragens, selins velhos, correias torcidas, roupa

desbotada, objectos irreconhecíveis pendentes de pregos, exalando um cheiro especial, impossível de alguma vez se desvanecer... havia de tudo.

Dos caixotes exumou ela, com surpresa, maços de cartas. Eram cartas que um Moniz assinava, dirigidas a uma Mina. Breves, na maior parte, mandando ir o carro à estação. Mas havia outras, mais antigas e mais cheias. Muito estreitas, dobradas em três, de um papel amarelado e quebradiço, trescalando a mistério. Tinha uma letra bonita, redonda e tombada, menos corrida que as mais recentes. E uns *MMMMM* grandes... Eram cartas de amor, não havia dúvida nenhuma, mas sem versos.

Descobriu facilmente que Mina era a madrinha e Moniz o seu pai. Coitada da madrinha!

Arqueou os sobrolhos, de pena no ar, e repetiu, como naquela idade, talvez: «Coitada!» E ainda acrescentou mentalmente: «Vítima da fraqueza, vítima da confiança...»

E pôs-se a desenhar *MMMMM*, vários *MMMMM*, como aqueles tais. Ainda os sabia desenhar; o *M* de Mina e o de Moniz, vistos tanta vez e com tanta curiosidade!

Também se lembrava dos *fffff* e dos *sssss* daqueles livros em farrapos, bem diferentes daqueles com que se tinha educado.

*
* *

A Delmira sempre que lhe levava o comer, ou então à noite, quando recolhia ao quarto, dava-lhe as novidades:

— Ele passou aí, a menina não no viu?

«Olhe, as mulherzinhas das Canas viram tudo, andaram a espreitá-los. Ah! ah! não le digo nada, se inda estivéssemos no Entrudo...»

— Que dizes tu?

— Não le digo nada! É que os empulhavam, pois atão?

— Empulharem-me a mim?

— Olarila! Não será como as mais? Elas viram-nos, a ele a empurrar a cancela, e à menina a correr pela quinta acima...

A Delmira mortificava-a sem mesmo dar por isso.

— Sabe o que a dona Adélia diz?

— O quê?

— Que voces se andam a perder, que em vez de sujarem duas casas podiam estar a sujar uma só.

— Ela diz isso?

— Pois diz, mas não é por mal.

*
* *

Em certa noite, fazia um luar frouxo mas ainda claro, passou o Júlio de bicicleta. Muito subtil parou em frente da sacada dela, encobrendo-se com a roseira-chá, que deitava para a estrada.

De cima, embora recuada, ela percebia-o. Veio a Delmira por trás e segredou-lhe:

— Vá-le falar, a velha foi agora mesmo prò escritório, é de propósito; vá-le falar se quiser. Estão lá os três fechados em baixo! o seu pai não desconfia. O portão está só encostado.

Que haveria, sim, que podia haver a empurrá-la sempre? Oh! não era a Delmira, tão enganada como ela, grosseiro instrumento em mãos hábeis, embora fácil e gostoso, que a impelia, que a empurrava, a levava de vencida, não.

Bem fraca coisa era! Vagamente consciente, estonteada. Folha, casca de árvore, cisco levado por uma corrente; uma daquelas coisitas sem importância que ela perdia o tempo a ver, a seguir com os olhos, nas suas fugas para a ribeira. Coisitas que davam voltas e voltas e de súbito paravam, remansavam, para tornarem a voltear ou a correr chupadas, sorvidas por um destino forte, invencível.

E ela, com olhos magoados, nebulosos, cheios de pueris loucuras, pretendia então animá-las. Humanizava a água, identificava-se com as suas irrisórias vítimas...

Enfim, que era ela naquele tempo, e mesmo depois? Um ser indefeso, empurrado por outros, ou então abandonado.

A Delmira lhe soprava uma vontade, uns desígnios que havia de cumprir, e cumpriu.

*
* *

Atrás da criada, mal pisando o chão, desceu ao primeiro andar, deslizou pelo corredor, esgueirou-se pelas escadas do varandim e, como um sopro, saiu do pátio. Tão delgada era que a porta baixa, entreaberta a custo no pano do pesado portão, sempre perra, lhe deu fácil passagem.

Pela estrada voou, mas o namorado não longe a esperava.

Minutos depois, teriam chegado a passar minutos? a voz arrebatada do velho soava pela estrada fora, atravessando portas e paredes. E ela entrou a tremer. Que lhe aconteceria? O namorado pretendia sossegá-la, segurá-la, mas também se sentia coagido.

O pai não saíra da quinta, mas tinha mandado fechar com estrondo o portão, e bramava estentorosamente entre as quatro paredes do seu escritório.

Deviam estar a ouvi-lo a nova e a velha, perfidamente acobardadas. E ele bateria com os dedos grossos, juntos, no tampo da mesa redonda, a andar de cá para lá e a dar voltas à casa com os passos resolutos, irados. Expeliria determinações irrevogáveis, aos berros, levantando de vez em quando a cabeça baixa, já pesada.

Elas, cada uma a seu canto, acaçapadas nos cadeirões de verga, ouvi-lo-iam, dando-lhe até as deixas com breves monossílabos compassivos, mas irritantes.

Por trás dos cadeirões alastravam-se os mapas.

*
* *

Estes mapas...

Modas, épocas!

Como é que as modas, afinal, pegam e se propagam? Tanto duram ou tão dificilmente declinam... Vão correndo de mão em mão, passando...

Quarenta anos depois esta mesma decoração mural se lhe patenteou na casa de um antigo caseiro de seu pai, meio analfabeto, mas tornado grande proprietário.

Aqueles velhos mapas, enfim, que hoje tolamente parece querer ridicularizar, lhe tinham inculcado linhas de ideais percursos. Tão falantes!

Poucos anos atrás o pai convidava-a, com a sua graça biso-nha, transparente nos olhos, mas afogada pela bigodeira caída:

— Vamos viajar, dar por aí uma volta?

E ambos se punham a seguir com a vista, ela de joelhos ou mesmo de pé num dos cadeirões, o itinerário fantasista do dedo dele. O pai tinha o seu bocado de imaginação, embora voluntariamente enterrada no campo.

*
* *

Pela estrada abaixo, o Júlio com a bicicleta à mão, ela mais à frente, foram seguindo.

Além do segundo portão, onde se costumavam falar, começavam os choupos. Altos, perfeitos, ramalhudos. A quinta, so-branceira à estrada, ainda se estendia um bom bocado, sempre à sua margem. E ela ia andando, andando, com os olhos nos altos muros. Trepá-los, quem pudera! mas como?

Certo é que os trepou. O Júlio agachou-se, ela subiu-lhe para os ombros, agarrou-se às pedras do muro; ele empurrou-lhe as pernas, os pés... E a última vez foi em que trocaram uma palavra, se de facto a trocaram.

Dentro da quinta ela pôs-se a vaguear com o coração aos saltos. Encolhia-se, fundia-se com as sombras dos arbustos, corria dobrada... O minguante ainda lhe parecia tão luminoso! Mas tão apavorantes as sombras inesperadas! Aplicava o ouvido, os olhos... nada ouvia e tudo lhe parecia confuso, assustador.

Que diferente era a noite do dia!

Evitou os arruamentos, meteu-se por entre a vinha aramada, agachou-se, tornou a caminhar encolhida, até que se lembrou das árvores.

As árvores! Tem-se amor às árvores por tantas razões...

Subiu a uma pereira alta, cheia de braços, que ainda lá estará, se a não vandalizaram, e nela descansou, enfim.

De onde se empoleirou poderia até distinguir os buxos, se fosse o luar mais claro. Porém, do que mais se lembrava era do grande frio que fazia. Que frias aquelas noites de Primavera!

Por baixo da pereira, quando já não sabia, teriam passado horas? viu agitar-se um vulto. E reconheceu-o. Era o da pobre Justa! Uma cadela velha que a dona Adélia tinha tido a coragem de mandar pôr fora, longe, e que voltava... Ela não a chamou com a boca, deixou-a seguir o seu caminho, mas pôs-se a chamá-la e a consolá-la em mente.

O vento entrou depois a soprar, talvez o ventinho da madrugada, e uns passos se ouviram. Ouviam-se deixavam de se ouvir... De quem seriam?

Alguém andava, mas de largo; aproximava-se um pouco, logo se afastava... Até que ela reconheceu a figura do Luís das Canas. Sem lanterna desta vez, a baixar-se e a levantar-se, à sua procura. Sem nunca se lembrar de olhar para cima! Ela então chamou-o, muito devagarinho. Pressentiu-a ele, ou chegou mesmo a ouvi-la? E ela desceu, toda envergonhada e transida.

— Que é que a menina aí fazia?

Tal pergunta não tinha resposta.

— Quer ir para minha casa?

Para casa dele?

Também lhe não deu resposta.

De repente lhe ocorreu que o pai o despediria quando tal soubesse.

E a mulher e os filhos quando a lá vissem?

O Luís das Canas ainda era novo, mas já tinha um rebanho de filhos.

Ambos iam caminhando subtilmente na direcção dos buxos.

Passaram o jardim, fechado. Certamente de propósito. As duas portas da cozinha fechadas também. Mas ela ainda podia

entrar pelo tal postigo, que sabia abrir do lado de fora sem ninguém o pressentir, e foi o que fez.

*

* *

Que horas seriam quando acordou no dia seguinte, ou no próprio dia em que já se estaria? Horas de sol, ou com o sol já a pôr-se?

Aos pés da sua cama, encostada aos ferros, encontrava-se uma figura.

Ela, divisando-a, sentou-se de um salto.

— Não te assustes. Então voltastes?

Perguntavam-lhe se tinha voltado...

Ficou muda um instante.

— Tinhas sódades pelos vistos!

E a ela só lhe acudiu:

— Não tinha roupa.

— Capaz para o noivado?

E a dona Adélia, que era quem lhe falava, deu uma das suas pequenas gargalhadas de peito.

— A dona Esperancinha te mandaria da dela. Estava então suja a que levavas?

Estaria, estaria, mas ela emudeceu.

Um montinho no chão, porque ela não tinha banco, nem cadeira, mala nem cómoda naquele triste quarto, nem sequer cabides que então se usavam nas paredes; um montinho de trapos, para que os seus olhos inconscientemente se volveram, e que se ela pudesse ainda mais pequeno tornaria, lá estava... Para sua vergonha.

— Tu bem no sabias — tornou-lhe a dona Adélia.

Que é que ela bem saberia?

— A dona Esperancinha foi sempre tua amiga; não te ia deixar assim... Sabes que mais, não passas de uma tola! Se te foras, melhor fizeras, tinhas tudo a ganhar!

E a criatura, dando aos ombros, com a sua rapidez de movimentos despegou-se dos ferros da cama. E como uma gata vestida, que sempre lhe parecia, desapareceu.

Depois...

Vê-se no comboio, mas quanto tempo passado? Disso é que se não lembra bem.

*
* *

Este lembrar e esquecer, esta composição... Teria a velha dito textualmente aquilo? Oh! que lhe ofereceu, irritada e talvez também escarninha, a roupa da filha, disse jamais ela se esqueceu.

E nós nunca atribuímos aos outros senão o que deles recebemos ou nos ficou.

Tão boa ocasião de se verem livres dela, frustrada! E livres com ou sem um trapo de esmola, mandado para a vila... O pai possesso de uma irritação liquidadora, o povo cheio daquela desonra... a mãe e as filhas envergonhadas...

Tão bonito plano desfeito! Por uma pieguice, um susto, ou por causa de uma camisa e de uma saia de baixo?

Onde ela se reencontra depois, porque uma espécie de lapso mental lhe deixa em branco os seus últimos dias da quinta, é no comboio para Lisboa, ao lado de Esperancinha.

Tinham-lhe feito uma saia e uma blusa nova; uma saia de folho baixo, de fazenda fina, ordinária, e, com mil precauções, posto fora de casa.

Também se vê a passar pelo corredor em bicos de pés, para que o pai a não ouvisse nem da sua presença suspeitasse! e a ir tomar o *break* à estrada, onde o Luís das Canas havia um bocado esperava. Nem da Delmira se despediu.

*
* *

Mas é ela mesma, aquela?

Toia ideia a sua, de recuperação.

E há muita puerilidade nas simplificações, que é o que ela tem estado a fazer. A tornar simples, linear, superficial, pretensamente visível, uma vida profunda e complexa, uma adolescência anormalmente perturbada.

Recreios, pois. Fazer vir ao de cima, mostrar o que se conservou em sedimento indestrutível e sólido, mas informal!

A terrível solidão a impele, bem o sente. O bater dos caixilhos das vidraças com o suão, a vida alheia, fatigante, molesta... Voltar atrás, lembrar-se e pensar, muitas vezes pensar que o que foi podia deixar de ter sido! É ao que se dá. Mas para quê, sim, para quê?

Muitas ou algumas ocasiões teve de notar que em si existe um estado, uma sensação de carência latente, impossivelmente satisfeita.

*
* *

Esperancinha, com o seu ar desprendido, cínico, a cada passo lhe dizia, por tudo e por nada: «Eu não te dou conselhos...» Era balda que tinha. Nos seus momentos confiados, risonha, mas falsa, largava-lhe: «Eu não te dou conselhos.»

Durante a viagem para Lisboa falou-lhe de romances e da dona Felismina, coitada! Mas este «coitada!» naquela boca era pejorativo, irónico. «A dona Felismina que te criou... e que te tornará a receber, coitada! Dizem que... ora, ora, tão velha como já é, coitada!»

A dona Felismina também tivera os seus romances, segundo Esperancinha, malévola, lhe dava a entender, e a dona Adélia de muita maneira assoalhava, já sem propósito. Mas o último, mais longo e provado, amargurado, teria sido aquele em que ela encarnava a figura de Mina, iludida por um Moniz interesseiro e de poucos escrúpulos. Que, por fim, tendo-a esbulhado de todos os seus bens de raiz, lhe dava de mão como a um traste inútil.

A dona Adélia quando falava da pobre senhora nunca a poupava.

«É fraca de miolo! — dizia, desdenhosa. — Se eu não venho a tempo, sempre queria ver... Ela sabia lá deitar contas a alguma coisa? Era aí um rei de rojo, uma desgraça! Iria tudo pela água abaixo...»

Quando Esperancinha soube que a dona Felismina familiarizara o seu pessoal com o «João Baljão» dos *Miseráveis*, que

andava a ler em folhetins, riu-se muito, inclinando a pequena cabeça para um lado e para outro.

«Oh! bem se via que a pobre senhora já não estava no seu tino perfeito, não era verdade? Ela chamava-lhe assim?»

A mãe era analfabeta, mal sabia garatujar o nome próprio, mas a dona Felismina dizer João Baljão... que ridículo!

*
* *

Antes de a levar a casa de dona Felismina, Esperancinha teve-a uns poucos de dias em sua companhia. Pesada, como já estava, saía pouco, mas para se encostar à janela, de *lorgnon* em punho, empoava-se e perfumava-se muito. E chamava-a para seu lado.

Ela, sentido-se já mulherzinha, bem percebia o que outra pretendia — valorizar-se. Esperancinha considerava-se bonita e capitosa, irresistível.

Baixinha, roliça, pálida, bolachuda, de boca fina e covinhas nas faces, de olhos esquivos, que se cerravam muito, ali estava, se apresentava...

Na cidade, toda a passiva indiferença, de que se couraçava no campo ordinariamente, lhe caía. Readquiria então audácia e juventude ostensivas.

Esperancinha nunca lhe comia o primeiro *a* do nome.

«Açucena, ouve cá! tu gostavas de ser como a Arlette» (uma Arlette de romance).

Ela pensava que sim e sorria-lhe, conquistada. Tanto precisava da estima de alguém que tinha destes súbitos impulsos, afectuosos, para a sua inimiga. Retomava confiança nela.

Esperancinha dava então largas ao seu espírito boémio e entretinha-a com histórias do tempo da Boca-da-Barra e de Castelhão, onde estivera a aprender artes manuais e francês, para ensinar.

Estas «artes manuais»! Como ainda lhe saltavam do bico da pena...

As «artes manuais» e aqueles passeios à noite com as outras raparigas...

Esperancinha descrevia-lhos melifluamente, gozosa. Os namorados, que as seguiam sempre... depois, já se sabe, elas deixavam as janelas só encostadas... e eles saltavam-lhes para dentro dos quartos...

Ou então, ainda mais presente e mais chula, desflorava-lhe os sentidos com alusões obscenas, anedóticas; do teor das dos livros escondidos na sapateira da cómoda.

Esperancinha de várias maneiras se desforrava da sua clausura e da sua aceitação de um velho parrana. Seria uma delas esta espécie de desvirginização da filha dele. Esta equiparação a si própria de uma criança ainda! este verdadeiro desprezo pela sua ignorância e inocência. Açucena não andava já na língua do povo? Tanto bastava para a poderem considerar mulher.

«Tu sabes o que é um homem, não é verdade? — chegou-lhe Esperancinha a dizer, com riso ligeiro. — Olha, tu já sabes tudo, não disfarces.»

Mas ela não disfarçava, envergonhava-se; porque a triste rapariga que era, que se sentia, saberia o que significava ser mulher, como na sua idade muito bem se sabe já, mas ainda não conhecia um homem. Nem sequer pelos beijos do namorado! A cabeça ainda lhe andaria, e por muito tempo mais, cheia de poeiras poéticas. O Júlio não a impressionava, ou a sensualidade incipiente será irrecíproca.

*
* *

Naquele curto lapso de tempo, que mediou entre o campo e a casa de dona Felismina, e foi uma espécie de pausa viva, ansiosa, da sua vida, teve ela um pueril desgosto, escondido. Curioso é que a uma tão longa distância quase se lhe afigure apaziguador, delicado... Foi descobrir o seu brinquedo de maior estimação dentro da carvoeira! Uma estupidez, uma maldade, lhe pareceu então. Olhou-o com mágoa, mas não o tirou de lá.

E a madrinha que nunca a deixara brincar com ele à sua vontade, saciar-se de o gozar? Por ser um brinquedo de luxo frágil...

Estes casos, estas íntimas lembranças, estas ninharias que significação poderão conter? pergunta-se a si própria. E não sorri, esfrega as mãos.

O certo é que nem o tempo, a camada já basta de anos, os sepultaram de todo.

Aquelas mulheres, aquelas más mulheres...

*
* *

Que conversas teria tido Esperancinha com a dona Felismina quando a foi pôr à sua guarda? Nunca lhe foi dado saber. As duas ficaram sentadas na sala e ela entrou.

A madrinha, de espírito já obscurecido, parado, um receio ainda conservava. Receio ou tolo respeito pelo homem que durante quarenta anos ou mais a dominara e defraudara. Talvez nem percebesse claramente que fora apeada, escorraçada do seu lugar de primeira mulher.

Amantes tinha ele tido nos casais, raparigas do campo, umas iludidas, interesseiras outras. Maria Catarina deixando ir avante dois filhos (tanto sofrera de um primeiro aborto), as outras sujeitando-se à violência da libertação.

A própria dona Felismina criara as duas crianças escapas destes amores mais arreigados do seu velho companheiro. Mas agora, vacilante de espírito, confusa, medrosa, recebia Esperancinha como uma espécie de medianeira entre ela e o maior. Ele mandava-lhe de novo a filha? Tinha de a aceitar! E era sua afilhada, para mais... Jamais aquele espírito débil oporia eficaz resistência ao antigo amante.

*
* *

Ela sentiu-se à vontade debaixo daqueles tectos, com os seus antigos direitos readquiridos.

O andar do prédio, para onde o pai empurrara a amante descategorizada, era alto. E a rua, muito funda, interessava menos que os telhados fronteiros; e que a varanda corrida, o céu, os pássaros das gaiolas e do ar.

Abatidos uns cenários ofereciam-se-lhe outros.

Nas noites de luar ela punha-se a passear de ponta a ponta pela comprida varanda, como se seguisse a borda de uma amurada, como se fosse embarcada para o fim do mundo.

Estranha coisa! Falando de si continuamente vê diversas, mais de uma rapariga. Esta mais apagada, aquela mais viva....

A segurança é sempre um erro. A complexidade da nossa alma juvenil perde-se, o que nos fica são estratos, lâminas dela, quebradiços, insubsistentes, como os bocados de mica, chamados espelhos-de-bruxas, que se encontram pelos caminhos da serra.

*
* *

A dona Felismina e a criada que então tinha gostavam de ouvir ler folhetins, e ela satisfazia-as. Uma já não via, e a outra, rapariga tafula e simpática, era analfabeta.

Que se lembre, leu *O Conde de Monte Cristo*, o *Rocamboles* e um romance de certa Solange, da fina sociedade, que teve um filho a ocultar e nunca o desprezou, sofrendo por isso.

Carmina, a criada, muito sensata e enternecida, repetia entre dentes: «Mais vale que fazer um *desmancho*.»

Na cozinha, onde o sol entrava, a criada passava grande parte do tempo lidando e cantando. E ela gostava da sua sociedade.

A conversa dos *desmanchos* era chamada muitas vezes à baila pela Carmina.

Ela, primeiro afrontada com o assunto, mas depois desconfiada, começou a retrair-se. Até que a rapariga desabafou: «Sabe, menina, nós tivemos muita pena de si; ainda tão novinha...»

Muito chorou com este desabafo da Carmina!

Eram lágrimas de protesto, que afinal só a comprometiam, e cada vez mais.

Punziu-a tanto aquela ofensa, lavrou-a tão fundo como se alguém lhe tivesse aberto uma chaga no próprio coração. Mas uma chaga que supurasse sempre! Tinha catorze anos, apenas...

*
* *

Entretanto o namorado veio para Lisboa. Como, com que dinheiro? Ele era de famílias pobres, ou fracamente remediadas. Veio e entrou a rondar-lhe a casa. Mandava-lhe cartas pelos moços de fretes, que ela lia e a que não respondia e, por fim, devolvia simplesmente. O Júlio não era analfabeto, mas parecia-lhe que tinha uma letra acaixeiada; em suma, nada do que ele escrevesse a exaltava, ou até a envergonharia. O que ela queria era aliviar-se dele. Achava-o impertinente, incómodo. Pretenderia, talvez, apagar a mascarra da sua presença, da sua existência, que a tinham enxovalhado... Pobre Júlio! A teima dele aborrecia-a e perturbava-a, agora que se sentia de novo livre e até infantil. De uma infantilidade irregular mas gostosa, pouco antes desviada e pisada, mas tornando a luzir nos seus próprios entretenimentos.

Passava tempo a cortar papelinhos e trapos e chegou a vestir uma boneca, que ainda fora sua, com todo o primor.

— Sabes coser, minha filha? — perguntava-lhe a madrinha, dobrando-se muito para ela.

E ela escondia no regaço os trapinhos bonitos, sem responder.

— Tinham-me dito que não, que só gostavas de ler... que não tinhas outro jeito...

— Também gosto de ler — respondia-lhe ela, mas sempre de viseira caída.

— Tem mau génio! — suspirava a dona Felismina depois, falando da afilhada às mulheres que lá iam. — Tem a quem sair...

Estas mulheres, simplórias mas calculistas, aconselhavam-na, então:

— Eu, se fosse à menina, procurava-o! Há viver e morrer... Que mal lhe pode querer ele? Sempre é seu pai. Quem o visse,

noutros tempos... E olhe que tudo se perdoa, toque-lhe no coração...

— Perdoar-me o quê? — respondia-lhe ela, alterada. — Ele não tem nada que me perdoar!

As mulheres baixavam a cabeça. E ela chorava de indignação.

Porém, estes ditos, o dó e os conselhos recebidos iam-na trabalhando.

*
* *

E o tempo correndo.

Lisboa dos andares altos, pobre, irregular, de roupa estendida para a rua, de casas de hóspedes, águas-furtadas vizinhas, distinguia-se da dos andares baixos, já cheios de escritórios e de armazéns.

A Carminda ia todos os dias à Praça porque as vendedeiras pouco gostavam de subir aos andares altos e, moda do tempo! a Praça da Figueira era impositiva.

Bem penteada (a Carminda possuía uns cabelos pretos lu-zentes, naturalmente ondeados) e bem vestida, de cesto pequeno na mão (nunca ela pegaria num de verga branca de duas abas!), de sapato de salto, lá ia ela à Praça, cedinho. Aproveitava também a ocasião para dar dois dedos de conversa ao namorado. Chegava depois a casa muito afogueada, muito alegre, e piscava-lhe o olho confidencial. Queria isto geralmente dizer: «No domingo vamos às hortas...»

Só para ela o domingo consistia invariavelmente em ir com a madrinha à missa das onze a S. Nicolau e passar o resto do dia aborrecida em casa! Lia ou se deixava ficar de papo para o ar, sobre a cama.

Entretanto uma ligeira crise mística a assaltou: sentia-se culpada de vagos crimes, de inconfessáveis intentos, de pensamentos impuros, aspirando ardentemente à purificação e aos êxtases. Mas este estado de espírito era nela ondeante, tanto a avassalava como a abandonava.

A curiosidade pelas «hortas» também a martelava.

A Carminda ia tantas vezes com as amigas e o namorado às «hortas»! Quem lhe dera acompanhá-las...

*
* *

Esta criada usava chapéu e tinha vestidos melhores que os seus. Tanto assim que, pouco depois da sua chegada a Lisboa, ela lhe disse sem maldade, mas de boca torcida: «Credo, olha, que saia! Não achariam lá fazenda mais ordinária?» Dizendo isto, a rapariga dava-lhe com os dedos da mão virada nos folhos da saia, e ria-se.

O fundamento daquelas palavras era simpático, mas ela ouvindo-as sentia-se amachucada.

A Carminda andaria pelos seus vinte e tantos anos, era uma mulher. E tinha uns olhos escuros, amáveis, que se aveludavam com o riso, muitas vezes protector. As faces, largas como as de certas bonecas, dobravam-se-lhe, afundando boca e nariz. Era engraçada, sem nada já ter de menineira.

Jamais daria um pontapé, como a Delmira, a qualquer coisa que visse caída no chão. A Delmira por tudo e por nada ameaçava gatos e cães e levava de roldão o que quer que encontrasse pela frente, quando lhe dava a veneta. Na sua boca andava de contínuo o *má rais te partissem! inda não morrestes?*

*
* *

As «hortas»... chegou a conhecê-las.

Acabavam os eléctricos e andava-se, andava-se. Muitas andarinhas, de que ela já tinha tantas saudades! E campos feios, rasos. Depois parava-se.

As pessoas abancavam a umas mesas de pau, sujas, debaixo de parreiras; falavam todos, um trazia uma guitarra, outro trazia uma viola...

E disto é que melhor se lembra: perguntaram-lhe o nome.

Ela esteve para não responder, mas sempre disse:

— Açucena.

— Açucena?

— Da Felicidade — completou a Carminda.

O espanto ainda foi maior e todos se riram, deixando-a enfiada.

O seu nome dava então no goto?

Nomes invulgares, o seu, o da irmã, Ângela do Céu... de ridícula composição, compensatória.

E tarde haviam, mesmo assim, sido ambas baptizadas! O pai com medo sempre de ainda poder favorecer a pobre que fora a mãe delas, com problemáticas mas possíveis heranças... retardara-lhes o baptismo, e recusara-lhes a paternidade.

*
* *

Em frente da casa da dona Felismina havia um prédio de cinco sacadas e de varanda corrida também, caiado e alto, tão dividido como a sociedade.

No primeiro e segundo andar, escritórios; no terceiro, hóspedes; no quarto, uma família respeitável, e no quinto pobreza confusa, em dois lados.

No tal quarto andar, muito fechado, morava a Dolores, sua antiga companheira de colégio e poucos meses mais velha que ela. O pai desta, de olhinhos de ervilhaca e faces deprimidas, ia enriquecendo num estabelecimento de elegantes secos e molhados de uma rua próxima.

Dolores tinha piano e professores de línguas, de labores, de música. E ela? A madrinha já nada podia... O velho deixara-a com um rendimento tão escasso...

Para se entreter lia *Os Lusíadas*, uns velhos *Lusíadas*, de pequeno formato, ainda do tempo dos filhos da dona Felismina, provavelmente. E para as suas duas ouvintes os folhetins romancescos, de que a Dolores, sabedora, desdenhava.

Desta leitura d'*Os Lusíadas* lhe ficaram de memória bons bocados de estrofes:

Olá, Veloso amigo, aquele outeiro é mais fácil de descer que de subir...

Oh! Nunca o breve tempo fuja de tua formosura, que só com refrear o passo leve vencerás da fortuna a força dura...

Mas escrevendo estas coisas está-se sentindo ridícula, pueril. E porquê ridícula? Não o pode dizer nem saber. Poisa a pena.

É um romance que faz? Não. Então... vindo-lhe isto e aquilo à memória, e escrevendo para si própria...

Os romances é que pretendem ser convincentes e conclusivos; graves, também.

*

* *

Romances...

Poisa de novo a pena e arqueia os olhos; sente que o faz constantes vezes.

«Romances!», repete de si para si, embora de beijos apertados. Não; entretém-se, e à sua própria custa, isso sim.

No entanto, sente-se assaltada por este outro pensamento, súbito: toda a vida é romanesca. E ela conta, narra, afinal, como se fizesse um romance; conta uma história, corta um naco da sua vida...

No entanto, romance não é; não pinta a sua mesquinha vida, nunca o saberia fazer; não a embeleza nem a retoca, também. Reanimá-la-á porventura? Oh! Amachuca-a! Desfá-la ainda uma vez mais, como era a pretensão das adventícias; ensinaram-lhe bem a lição.

Porém, a sua vida, tomada em qualquer altura, insignificante e apertada sempre, não deixa de conter basta matéria romanesca, como todas as outras vidas, verdadeiras ou falsas. Verdade é que nunca nela houve grandes sopros, nem mesmo grandes esperanças; o que latejou sempre nela foi uma espécie de... uma real, uma funda decepção, uma sensação de aniquilamento, de esmagamento, capaz de encher o mundo.

Em suma, todas as vidas conterão matéria impressionante, em todas haverá que apresentar, que impor. E todas serão elucidativas. Romanescas, portanto?

Oh! Cada vida é um quadro. Mas um quadro feito de retalhos, de vários outros pequenos quadros, embrechados uns nos

outros. Cada um destes, isolado, destacado do resto, pode viver e tão impositivamente como qualquer romance, qualquer fábula.

Porém, não são as fábulas que lhe interessam... Só essa ideia de romancear, fantasiar acerca de uma coisa verdadeira, vivida e incómoda, embora passada, a contrária, a confrange. Fazer-se... poder fazer alguém daquilo que tem andando a lembrar, de todas aquelas confusões e maldades, um ligeiro recreio, para outros? Não! Daquilo só um relato bem negro, bem feio, com a sua alminha de pássaro estrangulado dentro...

Alminha de pássaro estrangulado? Narcisar-se-á agora?

Poisa a cabeça na mão direita aberta e sorri.

Narcisar-se, sem qualquer espécie de ambição? Como?

Entretém-se, mais nada. E a expensas de recordações frias.

*

* *

Esperancinha perversa; o pai incerto, alterado provavelmente pela idade; a dona Felismina apoucada, desluzida; a velha raiana, instável, demolidora... e tudo o mais que se seguiu. O rapto da madrinha, e depois, depois... as casas de hóspedes por onde andou, os patrões que conheceu e até um ginja de um velho que aturou em substituição de uma sua governante, que tinha feito saquinhos para os talheres de prata lhe não esfriarem as mãos durante o Inverno. E mais, sempre mais...

Tudo mesquinho, banal, irremediável, dramático sem maior ostentação. Opressivo. Vida! vida!

Na sua solidão lança retrospectivos olhos ao painel gasto dela. E reconhece que o implacável tempo tudo desbarata e diminui: amores, ódios, o medo, a ilusão, o desejo, a ansiedade e os desesperos, até.

*

* *

A mãe de Dolores morre entretanto e ela tem a ocasião de frequentar a amiga mais assiduamente. Foi ao velatório da senhora com um casaco preto da dona Felismina, flutuante e desastrado.

O velatório, primeiro e único de que participou, teve lugar na Igreja da Conceição Nova. Estava uma essa armada, alta como um trono, ao cimo e a meio da nave central. As parentes e as conhecidas da defunta, ajoelhadas de roda. E ela, muito tímida, vendida entre as senhoras desdenhosas, apesar do luto e da necessária compostura.

Quando vezes mais se tornou a sentir assim isolada! Nem sabe.

Na sala pequena e escura do quarto andar da Dolores, de janelas semicerradas, de espelho coberto de crepes, as primas, sobrinhas da falecida, novas, elegantes, davam tom àquele luto. Vestiam fatos à *império*, então de grande moda, e falavam baixinho de livros franceses e de bailes a bordo.

O rio, aquele Tejo onde fundeavam os barcos estrangeiros das marinhas de guerra, que davam famosos bailes diplomáticos, na boca delas era coisa muito diferente daquele outro mar do povo, que se ia desfrutar do Terreiro do Paço.

Dolores, como um serzinho que se espanija, andava de uma cadeira para outra, encostava-se às primas e olhava-a, a ela. Arredondava muito os pequenos olhos, semelhantes aos do pai, e mantinha-se séria.

Passado pouco tempo deixou de ser vista.

*
* *

Apetece-lhe largar a pena.

Estas bagatelas que vai assentando não poderão algum dia ser surpreendidas?

Acha-se em terra estranha, tudo lhe pode acontecer.

Mesmo que ela se desfaça em pó e perca o nome, a identidade — bagatelas destas, surpreendidas...

Nem sabe como completar a sua ideia. Esboça um gesto. Levanta a mão e depois deixa-a cair; até soa na mesa.

Tanta ninharia e tanto logro! O que representava aquilo tudo, tantas folhas cheias já? Muito mais lhe valeria ocupar-se do presente. Do seu gato, por exemplo, ou daquela formosa árvore desfranjada pelos caseiros, que lhe sombreia o terreiro mal cuidado. Ou dos mendigos andrajosos, que lhe exploram a complacência.

Retratá-los, como intenta fazer àquelas imagens sumidas do seu passado. Mais compensador seria que reconstruir, muito ilusoriamente, sem dúvida, uma vida passada e peca, como a sua foi.

*
* *

O tempo esfria: está-se já na *meada* de Setembro, como ali se diz. O Sol, moeda fascinante, arregala-se lícido, aureolado de branco incandescente; até de olhos fechados cega quem o acaba de olhar. E quantas vezes, com gozo, ela o olha através da fina rama, movediça, da bela árvore!

Os serranos andam implorando a chuva, *que se não mostra*. Avizinham-se as sementeiras. A terra, poenta e sossegada, ostenta uma indiferença amorosa e pacífica. Indefinível.

Mas as manhãs, as manhãs... serão mais longas que as tardes? Se ela as não abreviasse com esta sua nova obrigação, haviam de lhe parecer sem fim. Como é arrastado e inquieto este enganador, eterno começo de cada dia! Ou de cada um dos seus dias, já sem destino nem propósito.

Não podia pegar no cabo de um sacho, numa vassoira de giesta ou num ancinho e varrer, como tanto lhe apetece, aquele terreiro em bolsa, que lhe defronta a casa, sempre sujo dos cães, das pitas e de toda a fiapada de palha e de trapo de casa da caseira! A esta, a sujidade não a afronta, mas a ela... Aleijada como se vê, nem ao gosto da limpeza se pode dar.

Porém, as moinhas do espírito cansam-na: aquela formosa árvore, que nem defender sabe, ou pode; o seu terreiro, que tanto prazer lhe dava assear...

Enfim, tem de se manter de pena na mão e de costas para as passageiras coisas que vai encontrando e amando.

*
* *

Escreveu uma carta ao pai.

Andava-lhe aquilo na cabeça, a aproximação. E escreveu-lha em verso. Teria feito mal... Mas quem segura e orienta a pouca idade, exaltada, sentimental?

Escreveu-a, realmente como se em sua alma se tivesse operado grande revolução. E, comovida, foi levá-la ao velho, que sabia estar em Lisboa.

A Carminda acompanhou-a.

Quando bateu à campainha não foi a Delmira que a veio atender, mas outra rapariga. Aceitou a carta pelas grades da cancela e demorou-se com a resposta. Voltando, apenas lhe disse: «Ficou entregue, o senhor major está doente.»

Resposta mais clara, mais decisiva, não se lembra ela de ter recebido.

Aconselhada, procurou então um primo que tinha, homem austero, em amistosas relações com o tio, para lhe servir de intermediário.

Este primo ainda era um belo homem, alto, imponente, barbado. Desde criança que lhe infundia o temor e o respeito que as torres grandiosas devem infundir aos fracos.

Em sua presença ela sentiu-se vacilar de intentos. Que pretendia, afinal? Quase deixava de o saber.

Mas ele, bondoso, foi-a ajudando:

— O teu pai está magoado contigo. Que dizias mal dele... que o desrespeitavas...

Sentiu-se sem palavras. Era isso que diziam?

O primo estava sentado a uma secretária larga, de trabalho, e ela, do seu lado esquerdo, perto de uma janela, sentada também, silenciosa.

Ele, de vez em quando, levantava para ela os olhos benignos, mas pesados, desanimadores. De facto, que poderes eram os seus?

Em frente dela umas azagaias, lanças africanas e presas de elefantes riscavam a parede como arabescos aziagos ou exclamações duras, atravessadas, confusas.

— Não te quer receber; por ora — acrescentava o primo generosamente.

Ela teve então esta súbita explosão:

— E a velha, a dona Adélia? Essa, se a ouvisse, essa... se V. Ex.^a a ouvisse...

Lembra-se de ter dado Excelência ao primo, como nos livros os parentes novos davam aos mais velhos, respeitáveis, nobres.

E aqueles olhos pesados do primo, inquisitivos e aplacadores, tornaram a fitá-la.

Grande vontade tinha de ali despejar tudo quando se tinha habituado a ouvir à velha acerca do pai. Mas como, com que palavras?

O que lhe ocorria... ainda lhe parecia estar a vê-la e a ouvi-la... não podia, não podia...

De uma vez, sentada à braseira, com um gancho do cabelo a coçar a cabeça, como se a riscasse:

— Ele inda será capaz de se pôr na filha!

— Ele sempre foi um raparigueiro — respondia-lhe então uma saloia — mas lá isso não, credo! Aqui não se consta!

— É o que vos digo, lá na minha terra, havia um... ele tinha quatro filhas, e sabendes, sabendes como é que ele dizia? Que não andava a criar carne fresca prós mais...

*

* *

O primo com a sua barba inteira já cheia de fios brancos, como prémio de consolação e para fechar a conversa, disse-lhe graciosamente, assim lhe pareceu: «Olha, pequena, devias ter nascido rapaz.»

Este dito do primo tantas vezes depois lhe ocorreu! E ora a intrigava, ora a envaidecia. Que teria ele querido dizer com aquilo? Que ela valia tanto como um rapaz? Esta versão parecia-lhe boa, agradava-lhe, pelo menos.

Rapaz, toda a rapariga tem gostado de ser, ou de parecer... A dona Felismina também lhe costumava dizer: «Pareces-me um rapaz, devias ir para os estudos.» E a dona Adélia, essa exprimia-se de maneira diferente: «És um machão.»

Naquele mesmo Entrudo... (ainda estava no ano dos seus catorze; acontece haver anos cheios e anos vazios; e aquele inchara tanto que, para ela, até rebentara decisivamente), naquele mesmo Entrudo ela se mascarara de homem. Tinha vestido umas calças do pai, posto umas botas de montar, uma jaleca velha e pegado num pingalim e, de chapéu de aba direita, à

campina, assim tinha andado, escada abaixo e escada acima, pátio fora e pátio dentro... até que o Luís das Canas lhe disparou, brejeiro: «Que é do teu pai, ó moço? Apanhaste-o pelas costas, andas numa festa...»

A Lila fazia-se então muito envergonhada, e a velha só lhe dizia: «Porque é que tu não vás prà entrada, ó Sucena? Anda, vai prà venda, que é Entrudo, lá advertes-te mais.»

Depois, em Lisboa, talvez se aborrecesse de ter andado naquela brincadeira.

*
* *

O prédio da sua frente, olhando-se para o topo da rua, e pegado com o da Dolores, tinha uma certa graça, um arzinho de novidade, de renovamento. Lembra-se bem de que o «novo» lhe agradava, então. Os «toucadores» da madrinha e os seus «canapés» e as suas «consoles» só lhe pareciam representativos de uma idade aborrecida, passada. Aspirava aos «psychés», de que já se falava muito, às coisas novas, a uma vida e a um mundo diferente dos seus conhecidos, e velhos.

Aquele tal prédio, entalado entre os outros, como uma nesga de fantasia, tinha para ela particulares encantos. Era apenas de três janelas, mas de seis andares e todo azulejado de fresco. Os outros, que o apertavam, regulares e corridos, eram caiados. No quinto andar do dito prédio, sempre de persianas cerradas, morava uma estrangeira, uma francesa, dizia-se; e no quarto, de varanda corrida, um aspirante da marinha.

Oh! que extraordinário efeito a palidez do rapaz nela produzia... A sua palidez, a sua elegante farda azul-escura, a bicha doirada no braço e o mar, um mar transparente para além dele, romântico, enorme! Por esse tempo lia ela Camões.

Mas o rapaz era muito reservado, o que a confundia. Estava certa de que o amava apaixonadamente. E sentia-se tão alvoroçada e tão cativa dele que só a ideia da morte a consolava. Morrer, morrer, quer ele soubesse, quer não soubesse que por ele morria. E voltou aos seus passeios na varanda e a apanhar o

luar em cheio, mesmo que fizesse muito frio. Andava pálida e magra. A dona Felismina inquietava-se: «Que é que a pequena terá, que é que a pequena andarà a chocar?»

Ela veio a saber o nome do aspirante por umas costureiras do seu terceiro andar, e nunca o esqueceu.

Sete anos mais tarde, um oficial da administração, um *azeiteiro*, soltou casualmente em sua frente o nome daquele camarada, e ela ainda secretamente o acariciou.

*
* *

Os meses corriam. Entrou o novo ano. O seu desejo, forte, de renovar a vida, de se desempear do passado da quinta e até da Baixa, levou-a a convencer a madrinha a mudarem de bairro.

No dia vinte de Maio se punham então escritos ou se pagava um semestre de renda. Era o dia dos suicídios...

Da antiga Baixa afogada familiar e tremente de carroças, de pregões e de gritos surdos; batida à noite das *borboletas* dos cafés e das esquinas; popular e reservada simultaneamente, cheia, espécie de ovo choco, transitaram elas para os bairros novos, desafrontados e vazios. Daqui se lobrigavam oliveiras, animais e erva, a espaços. Havia meninas que jogavam o *diávolo* nos passeios largos das ruas, e as carroças da hortaliça toda a madrugada soavam, pesadas e traquentas, a caminho da Praça da Figueira.

A solidão, maior que no seu desprezado quarto andar na Baixa, entrou a apertar-lhe o coração. Sentada a uma mesa estreita, como quem destila amargura, sozinha no seu quarto, confiava todas as puerilidades sentimentais que lhe ocorriam ao papel. Retomou o «diário». De algum lado lhe tinha vindo o conhecimento desta moda dos «diários»!

Este seu último, de que ainda se conserva uma meia dúzia de folhas, consistia num caderno de formato de livro, pequeno, sem linhas, escrito ora a lápis, ora a tinta.

E agora pensa: «Que palavra acharia uma criança para se aliviar dos seus segredos, dos seus terríveis anseios, incompreendidos dela própria?»

Noite alta acordava ao som dos limpa-sarjetas, e amava aquele som. Tudo se lhe representava como mistério e intimidade. Aquele som, o da chuva e do vento, de tudo, enfim, que não falasse mas que lhe fosse presente e envolvente. Tinha fáceis exaltações, não deixando de ser tristonha.

As poças que a água da chuva fazia no chão mal empedrado do Largo do Intendente, por onde costumava passar, prendiam-lhe os olhos. A melancolia das coisas, as suas aparências magoadas, tomavam-na. E começou verdadeiramente a gostar de ser triste.

*
* *

Carminda abandonou a casa e as criadas que se lhe sucederam não a valiam. Porém, uma mulher, quase velha, presunçosa, falsa humilde, saloia enquistada de há muito na engrenagem doméstica da dona Felismina, pouco a pouco lhe foi tomando a chefia.

Ana se chamava ela. Alta, de osso duro, envolvida sempre num xaile escuro, que lhe apertava muito os ombros, fora escorçada da quinta, em tempos, pelo major, que a tinha pretendido e ela repelira. Dizia-se. Certo era ter ela ficado sob a protecção da dona Felismina e ser a delatora porfiada da vida clandestina dele.

O falar desta mulher era pausado e sentencioso. Casada com um bêbado tão afamado como o Perdigoto e mãe de muitos filhos, andava sempre cá e lá.

Tinha uns olhos, uma cor de olhos... entre o amarelo, o castanho e o verde; uma cor penetrante mas indecisa. Uns olhos sérios, falsos e profundos. Pontilhados. Parados de súbito, como se alguma coisa imprevista esperassem, volvendo-se depois lentamente.

Ana tomou o governo da casa, mas, como tinha a família na terra, dividia-se entre a cidade e o campo. Voltava de lá com um ar choroso e grave, uma cara muito comprida de dentes já descaídos e amarelos, a contar um ror de casos tristes, que lhe

tocavam. Era o costume. Depois, e em segredo, à porta fechada, bichanava as particularidades da vida do major à dona Felismina.

Por último, a pobre senhora já mal a entendia, mas a Ana nunca deixava de lhe aguçar a curiosidade, ou de fazer por isso.

Sabia esta mulher ler, mas não escrever. À noite soletrava o jornal, com um ar circunspecto, sentada à mesa da cozinha, para a outra criada ouvir. E nunca ria. Mas sabia motejar dos outros. De uma família de *batalheiros*, gente lá de um certo lugar, tinha uma linguagem rica de anexins, e picante.

De alguns dos anexins da Ana ainda ela hoje se lembra.

*
* *

Esta nova fase da sua vida ia tomando um aspecto baço, de mortal monotonia.

Agora, em face da casa nova e pelas suas traseiras, descortinava, verdade era, umas nesgas de campo e um trecho de horizonte, mas irregular, sem vastidão nem beleza. Sentia saudades da ribeira, da estrada e dos cabeços que a tinham repellido.

Largo tempo esta sensação a acompanhou; ter sido cuspada, repelida do campo, daqueles sítios... E passou a poetizá-los, a recordá-los sentimentalmente. À gente da quinta, oh! a essa cansava-se ela a fazer mentais discursos, reprovativos e violentos.

Julgava então, inocentemente, que a palavra, mesmo a mais forte, potente, poderosa de paixão e de arrebatamentos, resolvesse conflitos. E, sobretudo, interesses!

Quer sim, quer não proferida, o seu valor mantém-se puramente literário.

Sabe-o hoje, naturalmente.

A palavra ilude e consola, apenas; às vezes, descarrega. Isto a uns; a outros serve de máscara ou de ornamento.

A dona Felismina, que via muito pouco e não podia ler os seus romances (como ela pensava, em mais nova, que faria em velha), com a lente em punho pedia-lhe: «Ora lê aqui o título

deste...», e quando ela a entretinha depois com a leitura se-
guida: «Se fosses rapaz, para doutor é que havias de estudar!
doutor de leis.»

E por isto ou por aquilo ela própria se decidiu pelos estudos.
Mas seria médica! como já começava a estar em moda. Andaria
no liceu com os filhos do primo. Havia já muitas raparigas estu-
dantes e nem dinheiro era preciso, quase, para se seguir um curso.

Porém ingressou no liceu feminino, já existente.

*
* *

Com a chuva outonal começaram as aulas. As raparigas
tratavam-se umas às outras pelos apelidos. E ela deixou de ser a
Açucena para ser a Pais. Melhor se sentiu a filha do major Pais.

Esta confirmação do seu apelido assegurava-lhe uma espe-
cial, secreta importância. E como se achava crescida, uma mu-
lherzinha, até, assumiu uma atitude altiva, composta e séria
entre as outras, amotinadas. Pagara já ao mundo alguns tributos
de humilhação e de apoucamento, que não deixava transpare-
cer. Parecia muito segura de si, mas reservada sempre.

Sabendo falar, responder e escrever com uns adjectivos que
as outras desconheciam, depressa foi eleita chefe de turma.
O seu torturante estigma de filha de pais incógnitos, transparen-
te apenas da sua certidão de idade, não passava da secretaria.

Possuía segredos, que calava e que a envergonhavam; acha-
va-se muito mais velha que todas as outras e protegia-as. Arran-
jou amigas. Tinha um coração exuberante, porém tão recalcado
até ali que logo se dedicou com transporte a estes amores.

Uma rapariga do segundo ano se tornou o seu ídolo. Era
apenas cinco meses mais velha que ela. Tinha uns bonitos olhos
castanhos e largos, e cabelos muito fofos, de que puxava dois
caracolinhos à face, um de cada lado. Tudo isto lhe dava um ar
terno, mimoso. A boca era grande, arqueada, e ela movia-a como
se estivesse mastigando sempre alguma coisa agradável. O seu
olhar também era grave, mas complacente. Gostava de versos,
como ela, e de música, e também fora eleita chefe da sua turma.

Ai, ai, o mundo as veio a apartar! mas não sem que o tempo,
suficiente, se deixasse de aplicar a renegar e a desfazer aquela
juvenil propriedade dos caracolinhos da amiga e até de muitas
outras das suas qualidades.

*
* *

Os bandos das raparigas, que se espalhavam pelos quatro
cantos da cidade, saíam tarde do Liceu. O caminho dela e o de
umas tantas mais era em grande parte feito através da cidade
velha e costeira. Seguiam juntas por ruelas, pátios, calçadas;
passavam arcos, escadinhas, cotovelos, silenciosos uns, outros
bulhentos; ladeavam velhos palácios desmantelados, igrejas,
antigas muralhas... tudo aquilo sendo, atestando passado, remo-
tíssimo passado pátrio.

O Liceu estava sito no Largo do Contador-Mor (quem teria
este sido?), com a entrada pela Rua das Damas. Mais adiante era
o Pátio de Dom Fradique, antecipado pelo arco de uma antiga
moradia; andava-se mais, descendo, e vinha o Arco de Santo
André, depois as Olarias...

As raparigas, a caminhar sempre, talvez haurissem para o
resto das suas vidas uma impressão de idades passadas, no en-
tanto renováveis, isto é, perenes, subsistentes, sensibilizantes.

As pedras do chão e das gastas cantarias e cunhais, bem
como a luz de certas horas ou daqueles próprios sítios e a vista
do Tejo, apanhada por entre os caixilhos de embocaduras po-
bres, de escadórios fundos e súbitos, de prédios caprichosos e
desordenados, as pedras e tudo o mais se devia gravar nos
juvenis espíritos. Eram coisas vivas, muito vividas.

*
* *

De surpresa lhe surde um dia sempre de capa e com uns
livros debaixo do braço, o pobre Júlio. Mudo, querendo sorrir-
-lhe, e quase colado contra uma parede. Ela fez que o não via.

Continuou andando, sem uma palavra, sem que as companheiras se apercebessem do que quer que fosse, mas tão indignada e perturbada como se ele a tivesse insultado. Toda a vergonha daqueles amores estúpidos e sujos a assaltou de novo. Do seu espírito repeliu Júlio para todo o sempre, como um estorvo, um empecilho. E nunca mais o tornou a ver. A melíflua Ana, um ou dois anos depois, lhe deu conta da sua morte, em que ela, aliás, não acreditou. A Ana era tão falsa, ia e vinha com tanto recado...

Demais, a morte para os adolescentes é tão pouco significativa!

A Ana ainda contava que ele tinha guardado até o fim uma caixa com umas florinhas secas, que ela um dia lhe oferecera. Verdade, mentira?

Quantos anos mais tarde, mas quantos? numa passagem desiludida pela pequena vila e campos da sua criação, lhe aflorou ao espírito uma repesa simpatia, ou um amoroso dó por aquele morto prematuro.

*
* *

Pela altura dos seus dezasseis, dezassete anos, uma terrível crise moral, inexplicável, deprimente, a assaltou. Subia e descia com as companheiras aquele tortuoso e longo caminho que as levava ao Liceu, atacada de uma grande vontade de chorar. À noite, porque ela era a última do rancho, que se ia esbagoando, diminuindo pela volta, e de Inverno as tardes são curtas — assim, ao anoitecer, ela insistentemente pensava em morte, em aniquilamento. Das baiucas por que passavam, onde se come e bebe e de onde também saem vozes e farrapos de sons roucos e cantados, vinha-lhe tristeza. Se as outras conversavam ou riam e lhe faziam perguntas, mais vontade de chorar tinha. Mas era-lhe impossível confessar ou entender, até, do que sofria.

A amiga via-a chorar, só ela a via, sem a poder consolar. E também teria as suas preocupações.

A cara desta rapariga era uma cara de riso, embora a sua fala baixa e os seus modos discretos, e até o próprio andar, pesado, lhe contrariassem a amável expressão fisionómica.

A amiga alimentava a mania das paixões dramáticas e a dos cães, mas era volúvel e um pouco seca de coração. No entanto, de uma irradiante simpatia, tão bem estampada naquela doce face, morena, a que dois dentinhos ralos tanta graça conferiam!

Ela considerava-se feia, mal dotada.

«Ossos, ossos... — lhe dizia um velho professor, vizinho baboso da amiga — ossos... são bons para o caldo.»

Os seus dentes eram grandes e o cabelo escorrido, sem sinal de uma onda; e tão magra! Tinha os dedos nodosos, duros, parecidos com os do pai, que era um velho. A expressão dos seus olhos era triste, diziam-lhe; tinha a pele borbulhenta... Mas ao contrário da amiga, que mostrava um peito raso, como as tábuas, nas suas blusas já afloravam sinais de graça. Também andava bem, e era esbelta.

Porém, os rapazes não lhe escreviam nem lhe faziam serenatas como às outras, que disso se gabavam.

*
* *

No seu bairro solitário retinha diariamente o toque das cornetas dos quartéis, sitos nem ela sabia onde. E aquele som nocturno e da alva, regular e da mais intensa nostalgia, acompanhava-a e dispersava-a por espaços doidos, confusos, irridentes.

O amor constituía uma das suas ideias obsessivas. Mas um amor esparso, tão docemente ideal como pecaminoso e grosseiro. Tão vivamente a trabalhava a ideia dos incestos que a do suicídio se lhe seguia. E ao mesmo tempo sonhava com orientes desconhecidos, poesia, sacrifícios sem par...

Já lhe passara uma espécie de curiosidade panteísta ou animista, que também tivera. Uma curiosidade que ela supunha científica pela vida das coisas. Um impossível desejo de saber como bem era, se sentia e crescia qualquer planta. Pensava que a viria a olhar com o poder de a entender... que o

estudo lhe havia de dar essa capacidade, a virtude de uma tal penetração.

Por esse tempo leu o *Eurico*, e dele respigou com transporte expressões como a das «folhinhas lanceoladas da erva». Que lhe diria semelhante linguagem? Novidade... toda a riqueza que certas imagens podem trazer ao espírito, talvez. Sobretudo a um espírito que abria solitário, como o seu.

*
* *

Entretanto a dona Felismina, sentada quase todo o dia numa cadeira de verga acolchoada, a um canto da sala, cada vez se ia tornando mais branca, mais inocente e apática.

A Ana andava de permanente vigilância, isto é, mantinha as rédeas do governo da casa nas suas mãos, mesmo durante as frequentes visitas que fazia à terra.

As rendas do prédio, de que a dona Felismina fora dona e se tornara usufrutuária, mediante uma venda fantástica feita ao major, chegavam a esta sempre reduzidas. Ora por décimas e outros agravos camarários, ora por benefícios feitos no mesmo prédio...

O velho, fatalmente inspirado pelas mulheres de casa, teve por último a fantasia de interpor entre a sua pessoa e a dona Felismina um falso procurador, o seu secretário, rapaz indifferente, bom *viveur*, elegante, muito novo mas já casado com mulher mais velha.

Era a Ana quem todos os meses ia a casa deste receber as rendas da dona Felismina. Rendas pequenas, diminuídas, mas ainda assim perfazendo o décuplo do que ganhava um professor primário ou um amanuense.

*
* *

Como se sumiriam estas rendas num lar onde todos os dias se comia o cozido, o bacalhau ou o guisado esgrimes, e onde

ninguém ia ao teatro nem andava de trem? Rendas tão facilmente sumidas que se tornava necessário o depósito mensal numa casa de penhores das jóias da dona Felismina ou das suas duas colchas antigas, de cetim. Uma bordada e a outra pintada.

A colcha pintada, de cetim branco, com ricas borlas doiradas e forro de seda rosa-velha, viera de uma parte do mundo... e a bordada, de outra... Esta, dizia a dona Felismina ser chinesa. Opulenta, pesada, vermelha, cheia de arabescos cambiantes e de festões, de garras, de variados íris! Muito a encantava a ela... Bem como a branca, cuja pintura se mostrava já gasta. «Escolhe a mais bonita para o dia do teu casamento», lhe dizia a madrinha, e ela ficava sempre perplexa.

A pobre senhora ainda se afligia com a periódica escassez de dinheiro, mas não sabia pedir contas à Ana. Esta ia à terra e voltava sempre grave, com uma linguagem pautada mas estropiada pela sua pretensão de bem-falante, abrindo muito os pés grandes e chatos quando andava.

*
* *

Estava-se no fim do ano e aconteceu a madrinha e a afilhada adoecerem. Por comodidade de serviço ou por qualquer outra razão lhes juntaram as camas no mesmo quarto.

E a Ana, uma bela manhã, sem ninguém esperar, acompanha uma senhora à cabeceira da dona Felismina. Nem mais nem menos que Esperancinha em pessoa.

Por intermédio da torpe governante, de casa do major ia-se espiando a flutuação daquela barca desgobernada que já era a da dona Felismina. E Esperancinha vinha oferecer os seus serviços, o seu dinheiro, à pobre velha... falando exuberantemente, com aquele seu tom de voz particular. Filhos para cá e filhos para lá, soube insinuar em conversa que o seu menino viria a ser o que ele muito bem quisesse, doutor, oficial... já que os estudos se destinavam aos rapazes!

Ela ouvia-a, mas sempre de costas viradas, reforçando-se nas suas ambições, até ali mal firmes. De súbito se lhe tornava

vindicativo e vigoroso e ainda acrescido o desprezo pela sua inimiga.

A dona Felismina não fazia mais que balbuciar.

Ela tudo envolvia no mais absoluto desdém: a incisiva maldade da nova amante do pai e a fraqueza mental da velha.

*
* *

Passou tempo, não muito, já ela completara os seus dezoito anos, quando tomou a decisão de se ir entender pessoalmente com o procurador.

Arménio Soares se chamava ele. Morava também numa das novas avenidas, e tanto a sua casa como o seu trem de vida se podiam considerar desafogados e alegres. Passeava muito com a mulher e as irmãs desta, uma solteira, a modo de desbotada, e a outra vistosa, casada com um embarcaçõ.

O Arménio tinha pais e irmãos modestos que, aliás, ninguém conhecia. Porém, ele nunca deixava de assinalar nas ocasiões próprias que o pai fora professor de caligrafia.

Esta comercial disciplina, na boca fátua do filho, adquiria um especial realce. Como se dissesse: «Caligrafia, quem pode dispensar, quem pode viver sem caligrafia?»

A sua cunhada, mulher do embarcaçõ, calma, perfeita, afirmava com a mais ridícula simplicidade que se fosse rainha obrigaria todos os oficiais ao beija-mão.

Neste tempo ainda se ia passear à Avenida nas tardes de domingo. Tocava a música no coreto e os pares, com os seus amigos, andavam lentamente para cima e para baixo, descansando por fim numas cadeirinhas de ferro, tão engraçadas como brinquedos. Vinham então os velhinhos do Asilo, com passos miúdos, cobrar trinta réis por cada cadeira.

A dona Felismina, antes de se ter mudado, também ia ao domingo à Avenida e lá se encontrava com o Arménio, casado de fresco. Mas já secretário do velho.

O Arménio arrotava sempre a grandes postas de pescada e trauteava todas as canções em voga. Gingava-se muito, de peito

levantado, como homem forte e bem disposto que era, nanja à fadista, Tinha planos, discursava; havia nele um excesso de vida que o fazia vibrar e impor-se. Pessoa de interesse! Era alto, bonito, até, mas com uns olhos pequeninos de mais, de pássaro... Também usava sapato de verniz preto, que lhe completava a elegância.

O Arménio, enfim, recebeu-a com toda a lhanza.

*
* *

Ela que pretendia? Governar a casa da madrinha? Que havia de mais natural, de mais próprio, de mais justo? Já tinha, mesmo, idade para isso.

E receber as rendas da dona Felismina, em vez da Ana? Porque não? Recebê-las-ia, perfeitamente. E emancipar-se; porque o não havia de fazer? Podia muito bem, se quisesse; tinha atingido a idade!

E dali derivaram para uma conversa sobre Esperancinha.

O Arménio imitava-a muito bem, fingindo que punha a malinha à bandoleira e empunhando o *lorgnon*. Virava a cabeça para um lado e outro e aflautava a voz para se exprimir como ela: «Ó major, ó major... Ó Arménio, por quem é! Ó mamã, não se incomode, deixe-as lá, são crianças...»

A mulher do Arménio, que assistia ao breve entremez, sorrindo, levantava então a pequena mão, aberta, como se o detivesse: «Vê lá, filho!»

E ele rematava: «Deixa-me reinar, Paulina! Sabes que mais? Cá por coisas, em nossa casa nunca ela porá os pés.»

*
* *

Com a esperança de governar a casa já ela se via a comprar livros e coisas para as paredes. Havia nas papelarias da Baixa umas estampas que cobiçava tanto!

Mas vem um dia... tinha ela ido para o Liceu; um dia em que, de volta a casa, a encontrou virada do direito para o avesso.

Que podia ter acontecido? A criada a choramingar, a casa revolvida; e a madrinha?

A rapariga, que era nova e ralaça, e costumava deitar pingos de água nas cartas que mandava ao namorado, nem lhe respondeu.

— A madrinha? — perguntava ela, espantada.

— Aquela senhora...

— Qual senhora?

— Aquela, mais a senhora Ana, remexeram aí tudo e, e...

Em resumo tinham posto a casa a saque e raptado a dona Felismina.

A pobre senhora estava de cama, porque continuava doente, mas assim mesmo a tinham arrebatado, como a um fardo precioso.

O que ainda havia de valor em casa também desapareceu: jóias, os restos de um faqueiro de prata, loiça antiga, os cobertores, os lençóis de linho, alguns móveis... Por esquecimento, teriam ficado sujas? deixaram duas colheres de prata, que ainda conserva. Com elas sempre come.

*
* *

Para dizer a verdade, aquele sacão na sua vida perturbou-a menos, de momento, do que se pode supor. Não chorou. Desceu a escada e foi ter com umas vizinhas de um prédio contíguo, com quem se dava.

Eram estas duas feias mulheres, beatas e reservadas, de idade incaracterística, irmãs mais velhas do novo ídolo dos seus pensamentos.

Oh! e este, muito mais velho que ela, uns dez anos talvez, tão feio, também, mas tão simpático! Rindo, regaçava ligeiramente o beijo de cima e mostrava uns dentes escuros e longos, de fumador. O seu olhar era brando, quase bondoso, envolvente e tímido. Mas, ai! não a amava não; andava-se curando de um infausto amor, segundo as irmãs, de boquinha apertada, deixavam perceber.

E ela, que conhecia a bela esquiva, irmã de uma sua colega... rapariga que endoidecia os homens, de tão bonita que era.

O vizinho seria feio, mas ela achava-o cheio de interesse. Discreto e pálido, tinha não sei quê de vivido, transparente; de cansado e de misterioso, que lhe falava à imaginação. Só muitos anos depois veio a reconhecer, por analogias talvez, que o ar do vizinho, aquela sua expressão de fadiga insatisfeita, quase biqueira, indiferente, era a de um *blasé*.

Mas *blasé* de quê, santo Deus? Ele, pobre homem, modesto funcionário público? *Blasé* por temperamento.

As irmãs viviam do pequeno vencimento dele e apergaminhavam-se com as economias e as devoções. Alinhavavam muitas bainhas com os mesmos fios, mal levantando por hábito os olhos do chão, e arredavam do mano todas as suas presumíveis pretendentes.

Porém, ela, que se não dava com outras vizinhas, instintivamente as procurou.

As duas irmãs, de mãos apertadas sobre o regaço, aconselharam-na a procurar o primo.

O irmão, com o benigno sorriso, que lhe era peculiar, olhava-a docemente.

*
* *

Mas não foi o primo quem ela finalmente procurou.

Intercederia ele por ela no tom devido? Não... Com aquele arrebatamento, aquela altivez que lhe pareciam necessárias? Com aquela dureza e arrogância que se lhe afiguravam as consentâneas com a sua situação? Oh! não.

O primo era um homem de respeito, fora de toda a dúvida. Quando se levantava das cadeiras, com a bela figura que tinha e a barba já muito entrelinhada de brancas, dominava o tio em absoluto. O ginja do tio! amachucado, vestindo mal, sem o mínimo laivo de nobreza. O sobrinho andava sempre de chapéu alto.

Falar-lhe-ia ele, em todo o caso, como ela entendia que do assunto se devia falar? Dramaticamente! Reptando o velho numa espécie de tribunal da honra e do dever?

Bem suspeitava que não. E sentia-se ainda humilhada perante a sua pessoa.

Procurou, portanto, o Arménio. Esse trataria das coisas como de um negócio.

Tanto assim que ele próprio começou por lhe dizer:

— Minha querida amiga, eu já fazia tenção de a procurar, sabe? Tenho uma incumbência para si.

O Arménio estava em sua frente, de pé, mexendo-se e empolando de vez em quando a voz, mas com ares protectores.

— Uma pequena incumbência — repetia ele. — A minha amiga assina...

E virou-se para a sua bela secretária, de que sacou uma tira de papel.

— Assino?

— Este pequeno documento, mais nada.

E pôs-lho sob a vista.

Um recibo de miserável quantia mensal, decerto estipulada pelo velho, que era avarento, ou pela amante. Bem menor que o vencimento de um amanuense ou de um professor primário...

Ela hesitou. Porém, o procurador animou-a:

— Chega-lhe para viver modestamente, sabe? mas não hesite, é o meu conselho... — E oferecia-lhe a pena molhada.

— As coisas hão-de mudar com o tempo! Ó Paulina, vem cumprimentar a menina Açucena, que está aqui.

Ela recebeu a pena da mão dele e curvou-se para a secretária. Assinou, contrariada embora: «Açucena da Felicidade...»

— Basta! — interveio então o Arménio.

— Como?

— Basta! — repetiu ele, e ambos se entreolharam.

— Dizem que esse é o seu nome — murmurou ele, engolindo saliva.

— Muito obrigada! Cadelas!

Isto lhe saltou da boca sem ela mesmo querer. E de um ímpeto rasgou o inútil recibo.

A saleta tinha uma porta para a escada, ela abre-a, sai e desce as escadas a correr; só na rua tomou a respiração. Depois andou, andou, andou... com os olhos chamejantes, a arderem-lhe, mas sem ver ninguém.

*

* *

Não se morre à míngua, de fome nem de frio, numa terra conhecida e com dezoito anos.

Muita coisa má, ainda pior que passar fome, nos pode acontecer, e acontece.

Enfim, ela foi resistindo, tanto que... e põe agora a cabeça na mão direita (jeito velho); tanto que...

Ficou nos seus dezoito anos, não ficou?

Quem se lhe depara em certa manhãzinha, numa daquelas ruas de pouco trânsito, irradiantes da Baixa, tempos depois?

A Delmira.

Mal a reconheceria, tão pouco a esperava.

Mais gorda, mais clara, sempre de cabelo muito repuxado.

A Delmira é que primeiro a reconheceu.

— Olha, olha, olha... É a menina Sucena, pois atão não é? A menina Sucena! Má rais a partirem! Qu'a menina tinha abalado e mais um home...

Ela ainda se quis rir, mas não pôde. Só lhe acudiu, em troco daquela novidade:

— E a minha madrinha?

— Olha! Atão não sabe? nunca lo mandaram dizer? Pois morreu, coitadinha. Aquilo é que foi padecer, não quero que se padeça mais! Era uma cancria que ela tinha. Vinha prà janela chamar por si, inté fazia chorar as pedras. Toda esgadelhada, assim: «Ó Sucena, ó filha, ó Sucena!» Fugia do quarto, qu'ando le deixavam a porta aberta, que ela inda podia andar, só prò resto é que já não... ò depois ia inté à casa de jantar, e o seu pai assim, punha-se de lá a berrar: «Tirem-me essa doida daí, tirem-me essa doida daí!»

— E a Ana?

— Ai, a Ana! Essa, essa abalou; atão não queriam mais nada? A menina sabe lá quem ela era. Ela é que as ajudou no travalhinho, não sabia? Pois foi ela! Aquilo não se fazia. Qu'ô almocreve deu com a língua nos dentes. E a gente, ó despois na quinta a ver tirar coisas, coisas daquele carroção... daonde viria tudo aquilo? O almocreve é que deu com a língua nos dentes. Mas olhe que a Ana teve o pago! Deus Nosso Senhor diz que castiga sem pau nem pedra. Saiba que qu'ando ela chegou ao casalinho le estavam a amortilhar a filha...

— Qual delas?

— A Mariana, a bexigosa, alembra-se? E a mais velha também le morreu aqui há uns anos, há poucos, deve-se alembrear. Aquilo é que a Mariana banhava bem! E cantar? Morreu por via de... a menina bem me entende: achou-se assim... tinha medo da mãe... Ai, a menina não se quer crer, mas aquilo era um pasmo: o que aquela mulher acartava daqui para lá! O que aquela mulher acartava! Andava tudo de boca aberta; ele eram vestidos, ele eram cachinés, ele eram camisas pròs rapazes, ele eram sapatos finos e boas meias pràs raparigas... que ela tinha sete filhos! O homem, credo! esse pegava lá numa enxada! Estava mas era de borco todo o dia com as bebedeiras que apanhava. Pois agora, acabou-se-le a papa doce, atão? Na cesta, qu'ando era a hora do jantar, que as mulheres mais os homens alevantavam, a menina sabe, que é que os filhos da Ana apresentavam ali? Tudo a olhar, mal eles tiravam o gordanapo. Bons condutos, pois! Ele era o bacalhau assado; ele era os bons nacos de toicinho! ele era o queijo, ele era a marmelada... que é que a menina julga? Só visto, contado não tem graça, que é como a minha avó diz. E lá a casa da sua madrinha a arder...

*
* *

Fez-se uma pausa.

— Vieste-te embora, Delmira?

— Pudera não! Está a fazer um ano. E olhe que as aturei quatro, ou inté cinco, já le perdi o conto. A soldada era muito

reles, sabe a menina? E eu sempre assim para a velha: «Ó dona Adélia, isto não chega a nada, não é soldada que se dê a uma criada com'a mim, já não sou nenhuma criança.» Que o trabalho era lá muito! E ela, quer saber a resposta que me dava? Olhe, nunca saía disto: «Não te reles, anda lá, não te reles, não há-des ficar mal, não te reles...» O que é que ela me queria dizer com sementes palavras? Inda o estou pra saber. Para me tapar a boca, era do que aquilo servia. Muitas crianças! Que a dona Esperancinha cada ano é uma... Está pior que a minha mãe, com'aquilo nem uma coelha! Mas criá-las? Tó mosca, isso não é com ela. Lá está a mãe e mai-la a irmã, e mai-las criadas, que a gente há uns tempos éramos duas. Sabe a menina o que é que ela queria? Cidade, festa... que a quinta não era para ela. O seu pai, olha, esse, cada vez mais velho; já tem muito ano! qu'ando a menina nasceu já ele era velho, mas diz a minha mãe que não p'racia. Agora anda, assim, assim, nem se astreve a olhar a direito para a gente, com uma grande chiba atrás...

*
* *

Parecia a Delmira que nunca mais havia de parar com os seus relatos. O cesto das compras, grande mas ainda vazio, estava poisado no chão, ao seu lado.

«Assim, assim», tinha ela dito a rir e dando uns passos, toda curvada, e continuou:

— Que ele ficou muito mal visto, saiba a menina. Só uns malandros como o Gato Preto, não sabe quem ele é? é o pai da mulher do Petisca, esse e mais uns outros é que disseram assim: «Atão, atão, morreu, acabou-se!» Sozinha para a cova, nem vivalma atrás do caixão? O senhor manjor... fazia-se? Olhe que não se consta! Não mandarem ninguém atrás dela? Não dizerem ao menos ao pessoal: «Irem, irem se quiserem.» A enterrar com'a um cão? E tudo que ele tem, que ele está muito rico, tudo aquilo era dela, coitadinha. Ele apanhou-le tudo. Foi lá uma grande marmuração. E os filhos da Ana? Atão oiça lá mais esta. Os filhos da Ana andavam sem trabalho, e vá lá a ver se algum

deles se tirou dos seus cuidados e pôs o fato melhor e foi ajudar a levá-la? E a Ana, a Ana... o que é que ela não devia à pobre defunta? Mas olhe que ela nem le assistiu inté à última. Qual quê? Pôs-se na aragem! A gente desconfiou, aquilo não le deram o que ela esperava, nem le dariam nada... Abalou, pois. Atão ela é que les tinha abrido a porta da velhota, ela é que as ajudou a roubá-la mais ao que ela inda cá tinha, lá na terra alumiava-se muita coisa, e não le haviam de untar bem as unhas? Era a ideia dela. Mas eu, cá eu é que sei o que elas são: muitas falinhas, muitas promessas à gente sim senhor, e pronto.

A Delmira ria-se sem bater com os pés no chão, como antigamente, o que também era de pasmar.

— A menina Sucena não saberá, mas é que elas espalharam lá no sítio que a senhora ia daqui carregadinha de piolhos. Mas é que era uma grande mintira! Por via de elas ficarem bem é que falavam assim.

*
* *

— Gostas de Lisboa? — perguntou-lhe ela, por fim.

— Estou sastifeita — respondeu-lhe com certa ponderação a Delmira. — Alembra-me aqueles sítios e mai-las *brincadeiras*, não le quero mintir, mas estou sastifeita. É boa gente; dão-me a soldada a dobrar... É outra loiça, como o outro que diz. Nem quero que me alembre aquela velha excomungada!

E assim se despediram as duas. Para sempre.

Abas da Estrela — 1954.

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
VOLTAR ATRÁS PARA QUÊ?	17